

Lucas Banzoli

Chamados para crer e sofrer



Sumário

Introdução	4
CAP. 1 – Como explicar o mal?	7
CAP. 2 – Jesus, o servo sofredor	18
CAP. 3 – Devemos andar como ele andou.....	21
CAP. 4 – O apóstolo Paulo: sofredor ou vitorioso?.....	27
CAP. 5 – Os demais cristãos sofriam?	37
CAP. 6 – O testemunho da História.....	42
CAP. 7 – Por que sofrer?	48
CAP. 8 – A teologia da prosperidade é bíblica?	60
CAP. 9 – Crente não pode ficar doente?.....	89
CAP. 10 – Perguntas e Respostas	102
Considerações Finais	138

“Se você está à procura de uma religião que o deixe confortável,
definitivamente eu não lhe aconselharia o Cristianismo”

(C. S. Lewis)

INTRODUÇÃO

“Pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele” (Filipenses 1:29)

*“Costuma-se dizer que há **duas** formas de se chegar a Deus: pelo amor e pela dor. Creio ser mais exato dizer que há **uma** forma de se chegar a Deus: pelo amor e pela dor”*
(Gyordano Montenegro)

Quantas vezes você já ouviu aquela famosa frase muito pregada em muitos púlpitos cristãos, que diz: “pare de sofrer”? Eu não sei você, mas eu já ouvi muitas. O evangelho é anunciado ao descrente assim como anunciamos qualquer produto vendido na televisão: “compre isso e os seus problemas acabaram”! Um descrente que está sofrendo por alguma razão vem para Cristo com a promessa de que não vai mais sofrer dali em diante. Ou para ser mais exato: ele se torna cristão para deixar de sofrer. A partir de agora é só alegria. Benção pura!

Mas será que foi por esse evangelho que Jesus desceu do Céu, nasceu em uma manjedoura, foi humilhado, sofreu e morreu por nós? Será que foi esse o evangelho tão pregado pelos apóstolos de Jesus Cristo? A partir do momento em que se deu a conversão de Paulo, ele deixou de sofrer? Há alguma promessa bíblica de que não sofreremos a partir de quando aceitamos Jesus? Afinal: um cristão pode sofrer ou isso é um sintoma de um “crente derrotado”?

Indo mais além: em muitas de nossas igrejas, é pregado que o crente não pode ficar doente, e se ficar doente tem que ser curado, ou então não é um homem de fé. Ou seja: é um fracassado. Deus tem que curar todo mundo, porque Ele já levou nossas enfermidades na cruz. Então, se você está doente e não é curado, é porque *você* não está fazendo uso da sua fé, ou porque está em pecado, ou porque duvida, ou porque é um falso cristão. Não passa pela cabeça deles que

Deus simplesmente tenha o propósito de *não curar* por alguma razão. Não. Deus tem que curar e pronto.

E indo ainda mais além: crente que é crente tem que prosperar, porque a prosperidade é um sinal da bênção divina. E isso justificaria os cultos de prosperidade, a corrente dos não-sei-quantos vencedores, a “unção da riqueza”, os seminários de como ser rico e as campanhas das portas abertas. E aí do crente que é pobre, pois a pobreza é obviamente um sinal de que o indivíduo é um pecador que não faz uso da fé, pois se ele cresse se tornaria rico. Afinal, a pobreza é uma “coisa do inferno”, pois Deus é o dono do ouro e da prata e por isso Seus filhos devem ter amplas quantias de ambos.

E mais: nós somos mais que vencedores, e, por isso, devemos estar sempre por cima e não por baixo, pois fomos feitos para ser cabeça, e não cauda. Por essa razão, onde nós impusermos nossas mãos irá prosperar, e onde colocarmos a planta dos nossos pés será dado a nós como herança. E eles usam passagens isoladas de partes do AT para justificarem essa regra geral nos dias de hoje.

Descobrir as respostas a essas questões é muito fácil para um pregador da prosperidade: basta dizer que teve uma “revelação” sobrenatural Deus, que apareceu um anjo diante dele, que ele foi arrebatado ao terceiro Céu ou que teve uma visão do inferno, que é o lugar para onde vai quem não acredita nele. Mas para responder a essas questões eu lançarei mão de um método já considerado ultrapassado por muitas igrejas que parecem abandoná-la cada vez mais: a Bíblia.

O que os pregadores da teologia da prosperidade e confissão positiva pregam nós já sabemos. Também já sabemos o quão fantásticas que são suas “revelações” sobrenaturais, sempre em linha direta com o cara lá de cima. O que a Igreja quer saber, de uma vez por todas, é o que a **Bíblia** tem a dizer sobre isso. Não um ou outro verso isolado, mas ela toda. Serão os ensinamentos de *Sola Scriptura* e *Tota Scriptura* sendo colocados em ação.¹

¹ *Sola Scriptura* significa “somente a Escritura” e *Tota Scriptura* significa “toda a Escritura”. Ambos são termos do latim e são princípios da Reforma Protestante.

Pois não queremos iludir os leitores, mas pregar a verdade que liberta. Pois não estamos aqui para pregar a nós mesmos, mas a Cristo. Pois estamos fartos de um evangelho antropocêntrico, e não Cristocêntrico. Pois não queremos ganhar essa vida, mas a próxima. Pois não queremos viver para nós mesmos, mas *morrer* para nós mesmos e vivermos por Aquele que por nós morreu e ressuscitou.

Pois não queremos apenas ter o privilégio de *crer* nele, mas também de *sofrer* por ele.

CAP. 1 – COMO EXPLICAR O MAL?

“Se Deus fosse eliminar todo mal, então teria de eliminar o nosso livre-arbítrio. E se ele eliminasse o nosso livre-arbítrio, não teríamos mais a capacidade de amar ou de fazer o bem. Este não seria mais um mundo moral”
(Norman Geisler)

Se estamos fazendo um livro que discorre sobre o sofrimento humano, creio ser de fundamental importância refletirmos sobre a origem do mal moral. Há uma distinção bem significativa aqui entre o mal moral e o *tipo* de “mal” que será tratado neste livro, que é o ato de sofrer. Mal moral é quando um país é exterminado por algum déspota genocida, quando alguém é torturado, quando uma moça é estuprada, quando uma criança indefesa sofre agressões físicas.

Mal nem todo tipo de sofrimento é um mal moral. Quando alguém perde um emprego, por exemplo, isso pode ser algo mal para aquela pessoa, mas não é um mal moral. O patrão não necessariamente está moralmente errado em demitir o funcionário, e talvez tenha tido uma boa razão para isso. Ou quando uma família passa por dificuldades financeiras, ou quando alguém sofre uma doença incurável, ou mesmo quando se ama alguém que não corresponde ao sentimento. Todas essas ocasiões, como muitas outras, causam dor e sofrimento, mas não constituem um mal moral.

Assim sendo, antes de discorrermos sobre o sofrimento humano nas suas mais diversas facetas, será necessário dedicar um breve capítulo para tentar responder as questões que envolvem o mal moral. Diariamente vemos relatos de pessoas sendo assassinadas, tsunamis varrendo cidades inteiras, genocídios em massa, mortalidade infantil, crianças morrendo de fome na África, inocentes sendo presos e pessoas honestas sendo maltratadas. Qualquer um que olhe

este quadro poderá pensar: “Onde está Deus em meio a isso tudo? Por que Deus criou o mal”?

Em primeiro lugar, é importante ressaltar algo desde cedo: Deus não criou o mal. Alguém poderá objetar, dizendo: “se Deus criou tudo, como ele não criou o mal”? Acontece que o mal não é algo físico para ter sido “criado”. O mal não é como uma maçã que Deus poderia ter criado ou não. Você não pode ter um “pote” de mal. O mal não possui existência própria, mas é a ausência do bem. Deus é o Bem máximo, a personificação da bondade. A Bíblia confirma isso dizendo que Deus **é** amor (1Jo.4:16), e não que ele **tem** amor. Se Deus é a personificação do bem, então o mal, como a ausência do bem, nada mais é senão a *separação* de Deus – estar afastado dEle.

Quando Deus criou o mundo originalmente, tudo o que existia era bom, inclusive o homem (Gn.1:31). Deus não criou o homem “mal”. Mas Deus também não criou robôs para estarem pré-ordenados a o amarem e o seguirem como se fossem simples marionetes. Deus quis criar o homem não para que este fosse um boneco sem vida própria nem livre arbítrio, mas para que este pudesse *escolher* entre o bem e o mal (Gn.2:16,17), isto é: entre amá-lo ou se afastar dele.

Se existisse apenas a opção de fazer o bem, o homem seria como um mero robô. Não amaríamos a Deus por opção, mas por obrigação, por não ter escolha. Ora, só se ama alguém se há a possibilidade de não amar. Se você é pai ou mãe e tivesse de escolher entre ter um filho humano com livre arbítrio e liberdade própria para decidir amá-lo por vontade própria ou então um robô motorizado e já programado de antemão a apenas seguir ordens sem escolha pessoal, eu tenho certeza que você optaria por um filho humano e livre. Deus também. Ele criou seres livres para escolherem entre o bem (Deus) e o mal (ausência de Deus).

Mas o homem, por seu próprio livre arbítrio, optou pelo mal (Gn.3:6). Neste momento, houve uma *separação* entre a humanidade e Deus. Deus criou o homem livre para escolher entre o bem e o mal, e nós preferimos escolher o

mal. A partir daí começa a existir aquilo que chamamos de *pecado*. O pecado nada mais é senão a prática do mal. O homem ficou morto em seus próprios pecados a partir do momento em que optou por ele.

Mas Deus não ficou sem resposta. Se o homem se *separou* de Deus, havia a necessidade de *religá-lo* a Ele. É daí que vem a palavra “religião”, do latim *religare*. Mas como? Um simples ser humano não poderia reconciliar o homem com Deus, pois o homem estava morto em seus próprios pecados. Por isso Deus enviou Seu filho unigênito em forma humana, para efetuar essa *reconciliação* do homem com Deus (Rm.5:10), para colocar em ação esse *religare*. Assim, todos aqueles que creem na obra salvífica de Cristo e que optam livremente por segui-lo estão sendo *religados* a Deus, enquanto aquele que deliberadamente o rejeita continua separado dEle. Eis aí o plano de salvação.

Mas isso ainda não explica o porquê que Deus *permite* o mal². Se Deus não é o autor do mal, ele o tolera, pois é onipotente e mesmo assim não acaba com o mal de uma vez por todas. Esse era o paradoxo de Epicuro. Para ele, o fato de Deus ter conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele e mesmo assim não o faz implica que ele não é onibenevolente. Contudo, se Deus quisesse mesmo acabar com o mal, ele teria que começar com você e comigo.

Por quê? Porque, como já vimos, o mal não é um objeto criado em algum lugar, como uma laranja que comemos e desaparece, ou como um copo de vidro que quebramos e que chega ao fim. O mal só existe por existirem os que *praticam* o mal. Dito em termos simples, para Deus eliminar o mal, ele terá antes que eliminar as pessoas que praticam o mal. Enquanto pessoas que praticam o mal continuarem existindo, o mal continuará em existência. Deus prometeu extinguir o mal, mas isso está reservado para o futuro (Ap.21:4). Enquanto isso, o mal continua porque Deus não deseja extinguir todas as pessoas, mas as ama e

² O fato de Deus ser onisciente, eterno e atemporal, e por isso saber de todas as coisas que já existiram e que existirão na história humana, não significa que ele é o **causador** de todos estes eventos. Para ser mais claro, desde quando Deus criou a terra ele já sabia que dois aviões atingiriam o World Trade Center em 11 de Setembro de 2001 causando a morte de milhares de pessoas, mas ele não foi o **causador** deste evento, apenas **permitiu** que isso ocorresse. As *razões* para a permissão é o que é discorrido daqui para frente.

deseja dar a todos uma oportunidade de salvação, para que possam herdar a vida eterna em Seu Reino.

Quando dizemos que para Deus eliminar o mal ele teria antes que eliminar todas as pessoas, não estamos excetuando ninguém. Muitos podem pensar que isso só teria que acontecer com pessoas muito más, como os pedófilos, os bandidos, os corruptos, os déspotas e genocidas da humanidade, mas qualquer pessoa pode praticar o mal em potencial. Se você olhar para a sua própria vida e tentar lembrar-se dos momentos de maior sofrimento, verá que muitas vezes ele foi causado por alguma pessoa do seu círculo de convivência, como um parente ou um amigo.

E se você parar para pensar mais um pouquinho, verá também que muitas vezes *você* mesmo fez mal a alguém. Aquele que é perfeito e que nunca fez mal a ninguém, que atire a primeira pedra. Todos nós somos pecadores, todos nós praticamos o mal diariamente, ainda que em intensidades diferentes. É por isso que a Bíblia diz que *"todos pecaram"* (Rm.3:23) e que não há *"nenhum justo"* (Rm.3:10), porque justo mesmo só existiu um: Jesus Cristo. E é por isso que é mediante a fé *nele*, isto é, no *único justo*, que nós podemos ser justificados, e não mediante a fé em nós mesmos, a confiança em nossos próprios méritos e em nossas próprias boas obras. Disso decorre a famosa frase: "só Jesus salva", baseada em Atos 4:12.

Portanto, se Deus fosse eliminar o mal da Sua criação (e Ele irá, mas não agora), ele teria que eliminar todas as pessoas do mundo todo, que não estivessem justificadas em Cristo. Enquanto isso, ele continua dando o livre arbítrio a todas as pessoas decidirem entre viver a vida de Cristo ou viver a sua própria vida. Aquelas que decidem viver por Cristo e colocam a sua fé nEle, a justiça deste único homem justo – Cristo Jesus – lhes é imputada, e consequentemente elas são salvas (herdam uma vida eterna), enquanto que as outras pessoas terão o destino que naturalmente merecem (a morte eterna, a eliminação do mal que implica na eliminação dos que praticam o mal).

Mas por que Deus não faz isso já *hoje*? Por que temos que continuar sofrendo até a volta de Jesus? Porque o principal objetivo de Deus não é a salvação do *sofrimento* humano, mas a salvação da *alma* humana. Cristo veio ao mundo para nos libertar de nossos pecados, e não para nos libertar de nossos "romanos". Ele esperará até que o evangelho chegue a todas as nações para que todos tenham oportunidade de salvação (Mc.13:10), e então virá o fim e a "*regeneração de todas as coisas*" (Mt.19:28), quando, aí sim, não haverá mais o mal e o sofrimento.

Além disso, quando Deus criou o homem, Ele lhe deu a autoridade sobre a terra:

"Os céus são os céus do Senhor; mas a terra a deu aos filhos dos homens"
(Salmos 115:16)

Deus é Todo-Poderoso e tem todo o poder sobre o Céu e sobre a Terra, mas a *autoridade* da terra foi confiada ao homem. O que está em jogo aqui não é o poder, mas a autoridade. Deus criou Adão e Eva no Jardim do Éden e disse: "cuide desse Jardim" (Gn.2:15). Da mesma forma, Deus criou a humanidade sobre a terra e disse: "*vocês* tem a autoridade sobre a terra". Por isso, os males que acontecem na terra não são culpa de Deus, mas daquele que tem autoridade sobre a terra: o homem.

Ao invés de culparmos Deus pela fome na África, nós deveríamos fazer algo de útil pelos necessitados e ajudarmos a acabar com a fome no mundo. Deus nos deu todos os *recursos* necessários a isso. Na verdade, mesmo com o ser humano devastando a maior parte das florestas e desperdiçando inutilmente grande parte dos recursos naturais, ainda assim temos recursos suficientes para que ninguém morra de fome no mundo – esses recursos são simplesmente mal distribuídos.

E quem é que distribuiu errado? Deus ou o homem? O homem. Deus criou o homem, lhe deu autoridade sobre a terra e o livre arbítrio para escolher entre o bem e o mal. Deus deu todos os recursos necessários para acabar com a fome

no mundo, mas o homem, por mau uso do seu próprio livre arbítrio, prefere gastar inutilmente os recursos, investindo bilhões com guerras e em armas nucleares, deixando pouca gente com muitos recursos e muita gente com poucos recursos e, conseqüentemente, permitindo que muitos morram de fome, *por nossa própria culpa*.

Então, antes de apontarmos o dedo contra Deus e colocarmos nEle a culpa pelos males da humanidade, deveríamos rever sobre *quem* realmente está com a culpa. Deus criou o mundo perfeito, perfeitamente habitável, com rica vegetação, abundantes recursos, sem miséria, sem nenhuma desgraça natural. Mas o homem usa seu livre arbítrio para desmatar a natureza, destruir a camada de ozônio, poluir o ambiente, se encher de vícios, pensar mais no bem de si mesmo do que no bem do próximo... e depois ainda arruma espaço para dizer que a culpa é de Deus, que entregou tudo perfeito ao homem!

É como se você desse uma empresa para o seu filho administrar, e nesse meio-tempo ele toma as piores decisões possíveis, demite errado os funcionários, quebra o caixa de empresa, a leva à falência e às dívidas, e depois coloca a culpa em você por ser o dono! Essa mania de colocar a nossa própria culpa em outro (neste caso, em Deus) é muito mais comum do que se pensa. Quantas vezes nós erramos e colocamos a culpa em outra pessoa? Quantas vezes já usamos como pretexto o erro do próximo para justificar o nosso? Se fazemos isso com seres humanos, com Deus não é diferente. De fato, quando o primeiro homem (Adão) pecou, ele não assumiu sua culpa e responsabilidade, mas disse:

"Foi a mulher que tu me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi" (Gênesis 3:12)

Adão não assume sua culpa pelo pecado cometido, mas joga a responsabilidade nas costas de Eva e do próprio Deus, o que fica implícito no fato de ter dito *"a mulher que tu me destes"*, querendo dizer: *"se você não tivesse me dado Eva como mulher, eu não teria pecado!"* - esquecendo-se de que foi em resposta ao próprio Adão que se sentia solitário que Deus lhe deu

uma mulher (Gn.2:23). Eva também não ficou por menos: colocou a culpa na cobra (Satanás).

Desse primeiro relato do primeiro casal já conseguimos ver claramente aquilo que até hoje é comum: colocarmos a culpa no próximo, em Deus e no diabo, ao invés de assumirmos nossos próprios erros. Somos nós que administramos mal essa terra e que somos responsáveis pelo o que acontece de ruim aqui, e não Deus. É claro que não estamos sendo deístas e dizendo que Deus não pode intervir na natureza. Ele pode. Tanto pode que até hoje se veem milagres por todas as partes, sendo o maior deles a ressurreição de Jesus.

Mas, como o homem tem a autoridade sobre a terra, ele atua *através* dos seres humanos, e não interdependentemente. Deus não *precisa* do homem, mas ele *quis* dar a terra de "presente" a ele. Se dependesse apenas da vontade de Deus, todo o mal que há no mundo acabaria no próximo segundo. Mas quando Deus intervém na terra, ele o faz em resposta a uma *atitude humana*.

Até mesmo quando ele enviou chuva sobre Israel, que estava sete anos em seca, ele levantou um homem chamado Elias para orar pedindo a chuva, e só depois choveu (Tg.5:17,18). Da mesma forma, mesmo tendo profetizado setenta anos de cativeiro para Israel, ele não retirou o povo do cativeiro sem mais nem menos, mas somente depois de Daniel ter orado pedindo isso (Dn.9:2-4).

Em outras palavras, como Deus deu a autoridade da terra ao homem, ele intervém em nosso mundo *mediante* os homens. Como? Através de duas coisas: oração e ação. O fato de o mundo estar tão ruim deve-se à falta de ambos. Pouca atitude prática, pouca oração efetiva pelo próximo. Consequentemente, pouca intervenção divina.

• Mas e os desastres naturais?

Se a culpa do mal no mundo é do homem e não de Deus, então como podemos explicar os desastres naturais? Em primeiro lugar, é importante ressaltar que

muitos desses desastres têm influência humana. A desflorestação causada pelo homem causa a redução da biodiversidade, que por sua vez é responsável pela diversidade de genes existentes no mundo e necessária para a produção de medicamentos, alimentos e outros recursos biológicos, além da infertilidade do solo e da diminuição do oxigênio. A poluição das águas causa enormes danos aos organismos vivos e, conseqüentemente, à cadeia alimentar e à nossa saúde.

A poluição do solo prejudica também a vegetação e os animais, e com a queima da vegetação o terreno fica mais exposto ao sol e ao vento, causando a perda de nutrientes e a erosão do solo. A poluição da atmosfera, por sua vez, causa o aumento da temperatura e provoca asma, bronquite, problemas respiratórios e cardíacos, além de chuvas ácidas e efeito estufa. O aquecimento global altera o ritmo das chuvas e a temperatura ambiente e do solo, além de interferir na umidade do ar.

Muitos grandes desastres ambientais são causados pelo homem³. Outros são consequência da ignorância humana sobre o meio ambiente, desconsideração de alertas, erros de engenharia, má administração, mau planejamento humano. É comum vermos no noticiário que um morro deslizou e matou tantas pessoas que estavam na favela. Mas quem mandou construir uma habitação em cima de um morro, que não foi feito para isso? Na verdade, isso é fruto da má distribuição *humana* das riquezas, fazendo com que as pessoas menos favorecidas não tenham onde morar e assumam esses riscos. Não é "culpa de Deus", mas do próprio homem.

Regiões onde já se sabe que possui encontros de placas tectônicas e grande possibilidade de terremoto (ou tsunamis) não deveriam ser habitáveis. Mas são porque o ser humano não controla a natalidade, nasce muito mais gente do que morre, e conseqüentemente causa uma superlotação no planeta. São erros

³Uma lista de 10 desastres ambientais causados pelo homem pode ser vista neste site: <<http://www.em10taque.com/10interessante/10-desastres-ambientais-provocados-pelo-homem/>>. Acesso em: 12/11/2013.

estratégicos *humanos* que são responsáveis por catástrofes *naturais*, e não culpa de Deus.

A Bíblia também nos diz que a consequência do pecado afetou a própria natureza. Foi por isso que Paulo nos disse que “a natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados” (Rm.8:19), pois “a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (v.21).

Em outras palavras, a própria natureza foi afetada como consequência do pecado, e ela também espera a segunda vinda de Cristo para que todas as coisas sejam regeneradas. Os desastres naturais são apenas mais um modo da natureza atestar ao mundo que está gemendo por causa do pecado humano, e ansiosa pela sua redenção em Cristo. Serve para manifestar visivelmente a grandeza da calamidade que o pecado é, e a grandeza dos desastres que ele é capaz de gerar.

Deus não quis originalmente que nenhum tsunami destruísse cidade nenhuma, que criança nenhuma morresse de fome, que nenhum recém-nascido nascesse com deficiência, mas, com o pecado, entrou a morte: tanto física como espiritual. Todas as tragédias, doenças, deficiências e tudo aquilo que conhecemos como “mal” nada mais é senão o reflexo do pecado humano. E é exatamente por ser tão grande que necessitamos tanto de um Salvador justo que tenha dado sua vida em amor por nós, como o único meio de alcançarmos uma vida eterna onde nenhum efeito do pecado existirá mais, e onde todo o mal causado pelo homem será revertido pelo Filho do homem.

• Textos bíblicos dizem o contrário?

Alguns contestam tudo isso se apegando a um texto bíblico que parece dizer que Deus criou o mal. Trata-se de Isaías 45:7, que diz:

“Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas” (Isaías 45:7)

Contudo, o original hebraico possui quatro palavras diferentes para o “mal”, e nem todas elas representam o mal *moral*. Aqui a palavra hebraica utilizada é *ra*, que tem como um de seus significados “calamidade”⁴. Essa interpretação é ainda mais reforçada pelo contexto, que traça um contraste entre **paz e guerra**, e não entre **bem e mal**. Se a tradução correta fosse por “mal”, o texto estaria contrastando o bem e o mal, e ficaria assim: “eu faço o bem e crio o mal”. Mas ele está em contraste com *paz*, o que significa que está no contexto de *batalha*, pois o inverso de paz é guerra.

Norman Geisler e Thomas Howe acrescentam no “Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e ‘Contradições’ da Bíblia”:

“Na sua forma temporal, a execução da justiça de Deus às vezes é chamada de ‘mal’, porque parece ser um mal aos que estão sujeitos a ela (cf. Hb 12:11). Entretanto, a palavra hebraica correspondente a ‘mal’ (*rá*) empregada no texto nem sempre tem o sentido moral. De fato, o contexto mostra que ela deveria ser traduzida como ‘calamidade’ ou ‘desgraça’, como algumas versões o fazem (por exemplo, a BJ). Assim, se diz que Deus é o autor do ‘mal’ neste sentido, mas não no sentido moral”⁵

Assim, a tradução mais correta desse verso é aquela oferecida pela Nova Versão Internacional e por outras versões, que diz:

“Eu formo a luz e crio as trevas, promovo a paz e causo a desgraça; eu, o Senhor, faço todas essas coisas” (Isaías 45:7)

A “desgraça” (NVI) ou “mal” (ARA) não é o mal *moral*, como o pecado, mas a *guerra*, em contraste com a paz. A Bíblia não é absolutamente contrária à

⁴ De acordo com a Concordância de Strong, 7451.

⁵ GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e 'contradições' da Bíblia**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.

guerra, contanto que seja por uma boa razão. Se os Aliados não tivessem lutado contra Hitler na Segunda Guerra Mundial, provavelmente o mundo teria sido dominado pelos nazistas e seus planos de exterminar todas as raças exceto a “raça pura” ariana teria sido levado à ação em todo o mundo. Isso é totalmente diferente de dizer que *toda* guerra é boa, ou de justificar guerras por motivos fúteis como mera conquista territorial ou roubar petróleo do Iraque.

- **Deus enxugará toda lágrima**

Finalmente, devemos sempre lembrar que, embora haja dor e sofrimento neste mundo hoje, chegará o dia em que Deus “[enxugará toda a lágrima dos olhos deles. Não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem choro, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas](#)” (Ap.21:4).

Nessa Nova Terra, o pecado e os pecadores serão extintos e nela “[não entrará coisa alguma impura, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os que estão escritos no livro da vida do Cordeiro](#)” (Ap.21:17). Deus só está esperando que a Igreja complete a missão pela qual foi incubida na terra: de ir a todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura, pois “[é necessário que antes o evangelho seja pregando a todas as nações, e, então, virá o fim](#)” (Mt.24:14).

Essa vida é apenas uma *passagem*, onde temos a chance de fazer bom uso do nosso livre arbítrio e optar livremente por amar a Deus e segui-lo, em obedecer seus mandamentos e cumprir a grande comissão, para, depois, herdarmos a vida eterna na ressurreição dos mortos. Se Deus tivesse criado todos direto no Céu, não haveria a necessidade de crer nEle pela fé. Ele quis estender Seu Reino na Terra, para que nela fiquem aqueles que não amaram suas próprias vidas, mas Aquele que as resgatou e salvou.

CAP. 2 – JESUS, O SERVO SOFREDOR

“Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada em sua aparência para que o desejássemos. Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças, contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido, contudo não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido qualquer violência nem houvesse qualquer mentira em sua boca. Contudo foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor faça da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão. Depois do sofrimento de sua alma, ele verá a luz e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniquidade deles. Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes, porquanto ele derramou sua vida até à morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele carregou o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores” (Isaías 53:2-12)

Não era do desejo de Deus que o mal ocorresse em Sua criação. Mas com a entrada do pecado veio todo o império de morte, incluindo a natureza depravada do ser humano. Como consequência disso, os homens se tornaram naturalmente maus, inclinados ao pecado, trazendo males a si e ao próximo. Por causa do pecado, o mundo passou a sofrer. Mas será que nesse mundo esse

sofrimento deveria ser rejeitado? Será que os filhos de Deus não deveriam sofrer?

Vemos muito dessa resposta na pessoa do Filho unigênito de Deus: Jesus Cristo. Ele era plenamente santo, imaculado, sem pecado, justo, irrepreensível. Mas viveu uma vida humilde, pobre, sofreu, derramou sua vida em martírio por todos nós. Ele poderia ter nascido nos palácios dos grandes reis, mas decidiu nascer em uma simples manjedoura. Ele poderia ter morado em um castelo, junto aos grandes e poderosos da terra, mas disse que não tinha onde reclinar a cabeça (Lc.9:58).

Ele poderia ter escolhido expiar nossos pecados vivendo uma vida sem sofrimento, pautada puramente pelo conforto e sossego, mas preferiu viver como um servo sofredor: desprezado pelos judeus, humilhado pelos romanos, zombado por Herodes, escarnecido pelo mundo. Morreu nu, ao lado de dois ladrões, com uma coroa de espinhos na cabeça. Foi severamente açoitado, teve seus punhos e seus pés pregados, uma lança penetrou-lhe o lado.

Qualquer um que olhasse para ele pensaria que ele era apenas mais um condenado que estava morrendo pelos seus próprios pecados, e não que era o Salvador do mundo, morrendo pelos pecados da humanidade. Como a ovelha que é levada ao matadouro, ele não abriu sua boca para retrucar as ofensas que recebia. Embora pudesse deixar milagrosamente a cruz e evitar todo o sofrimento, aceitou todas as humilhações e derramou sua vida até a morte.

E ele já explicava aos discípulos que *"era necessário que ele fosse para Jerusalém e **sofresse muitas coisas** nas mãos dos líderes religiosos, dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da lei, e fosse morto e ressuscitasse no terceiro dia"* (Mt.16:21). Era preciso que *"o Filho do homem **sofra muito** e seja rejeitado com desprezo"* (Mc.9:12). Ele desejou comer a Páscoa com os discípulos antes de sofrer (Lc.22:15), disse que devia sofrer antes de entrar na glória (Lc.24:26), teve seus sofrimentos preditos pelos profetas (1Pe.1:1).

Ele soava gotas de sangue de tanta angústia que sentia antes de morrer (Lc.22:42). Seu sofrimento foi tanto que ele chegou a pensar que Deus o havia desamparado (Mc.15:34). Ele até pediu para que, se fosse possível, o Pai afastasse dele aquele cálice, mas que fosse feita a vontade dele, e não a sua (Lc.22:42). Ele sabia que tinha que passar por um batismo, e estava angustiado até que ele se realizasse (Lc.12:50). Esse batismo era o batismo no sofrimento. Esse cálice era de gotas de sangue derramadas em martírio. E a única coisa que o motivava a passar por isso era o amor. Por mim e por você. Seu sofrimento foi voluntário, por livre e espontânea vontade (Jo.10:18). Ele não foi levado à cruz contra a própria vontade, mas pensando em cada um de nós.

Como o Filho unigênito de Deus, a forma que Jesus viveu na terra deveria servir de exemplo para aqueles que afirmam que o cristão tem que parar de sofrer. Afinal, nós devemos **"andar como ele andou"** (1Jo.2:6), seguindo os seus passos, sua forma de viver. Ele não viveu adornado de regalias, nem livre dos sofrimentos, mas no menor de todos os povos (Dt.7:7), junto aos mais pobres e humildes. Toda a sua vida foi pautada por uma missão: de perder essa vida para ganhar a próxima (Lc.24:26; 9:23-25), abrindo as portas da salvação para muitos que seguiriam suas pisadas e andariam conforme ele andou.

Muitos não irão querer seguir o mesmo caminho trilhado por alguém que sofreu tanto. Querem uma vida livre de aflições e cheia de bênçãos e vitórias. Outros, por sua vez, aceitam qualquer tribulação que possam passar nesta vida, pois sabem que algo mais excelso e elevado os espera na ressurreição: uma vida eterna. A estes, a recompensa por perderem suas vidas terrenas será uma glória eterna com Deus, para todo o sempre. A aqueles, essa vida será toda a recompensa que terão (Mt.6:2,5,16).

CAP. 3 – DEVEMOS ANDAR COMO ELE ANDOU

“Aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou” (1ª João 2:6)

O Filho unigênito de Deus viveu aqui na terra como um servo sofredor, a serviço do Pai. Mas será que *nós*, que somos filhos de Deus por adoção (Gl.4:5), deveríamos agir igual e vivermos uma vida marcada pelo sofrimento e tribulação? Muitos surtariam só de pensar nesta hipótese. Mas, se o Filho único sofreu tudo aquilo – e foi muito mais santo e piedoso do que qualquer ser humano é capaz de ser – por que os filhos *adotivos* pecadores deveriam trilhar outro caminho que não o do batismo no sofrimento?

O apóstolo João expôs essa questão da seguinte maneira: *“aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou”* (1Jo.2:6). Jesus é o nosso espelho, e não um ponto antagônico. É claro que nenhum de nós conseguirá um dia chegar à perfeição como ele foi perfeito, mas devemos seguir a meta de chegarmos cada vez mais próximos disso. Foi por isso que Jesus disse: *“sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês”* (Mt.5:48). Ele não queria nos obrigar a ser algo que é impossível que nós sejamos, mas estava buscando colocar um foco em seus ouvintes, cuja meta final era a perfeição. Em outras palavras: queria que eles se aperfeiçoassem cada vez mais.

Paulo disse o mesmo, usando palavras diferentes:

“Até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Efésios 4:13)

Portanto, ser como Jesus foi é a meta de todo cristão. Não devemos viver *ao contrário* de como ele viveu, mas *assim como* ele viveu. É por isso que nós levamos o nome de “cristãos”, que vem do nosso foco maior: Cristo. Mas será que isso compreende também os sofrimentos e tribulações que ele passou na

terra? Alguns vão dizer que não. De fato, já ouvi muitos da igreja dizendo que Cristo sofreu para que nós deixássemos de sofrer, que a razão dos sofrimentos de Cristo foi para que nós não sofrêssemos nada. Eu diria que isso é, no mínimo, uma blasfêmia contra a obra dEle.

Isso porque a mensagem bíblica não é de que “Cristo sofreu mas eu não posso sofrer”, mas precisamente o contrário: de se tornar **participante dos sofrimentos de Cristo**:

“Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, **se de fato participamos dos seus sofrimentos**, para que também participemos da sua glória” (Romanos 8:17)

Paulo expressa aqui uma condição necessária para sermos herdeiros de Deus e obtermos uma vida eterna, e essa condição é “**se de fato participamos dos seus sofrimentos**”. Um crente que busca viver uma vida agradável distante de todas as tribulações e adversidades é um falso crente, alguém que não participa dos sofrimentos que Cristo participou, os quais são *necessários* que passemos se quisermos realmente participar da Sua glória. O apóstolo foi tão enfático neste ponto que chegou a dizer que os sofrimentos de Cristo **transbordavam** sobre ele:

“Pois assim como **os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós**, também por meio de Cristo transborda a nossa consolação” (2ª Coríntios 1:5)

Esse “transbordar” que Paulo aplicou neste verso vem da palavra grega *perisseuo*, que significa: “**exceder um número fixo previsto, ter a mais e acima de um certo número ou medida**”⁶. Paulo estava querendo dizer que não estava *ausente* dos sofrimentos de Cristo, como alguém que não sofria aquilo que Jesus sofreu, mas que os sofrimentos de Cristo *transbordavam* sobre ele mesmo, *excedendo* aquilo que ele próprio achava que seria. Mas isso não era motivo para ele desanimar, e por isso declara que queria participar dos sofrimentos de Cristo:

⁶ De acordo com a Concordância de Strong, 4052.

“Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a **participação em seus sofrimentos**, tornando-me como ele em sua morte” (Filipenses 3:10)

Todos nós queremos ressuscitar um dia para a vida eterna, mas poucos de nós estamos dispostos a querer também aquilo que Paulo diz logo em seguida: participar dos sofrimentos que Jesus passou. O apóstolo considerava uma honra poder sofrer pelo nome de Cristo, razão pela qual ele diz que se *alegrava* em seus sofrimentos:

“Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja” (Colossenses 1:24)

Além de dizer que se alegrava em seus sofrimentos, ele ainda diz que completava o que restava das aflições de Cristo em favor da igreja. Isso não significa que Jesus não sofreu o suficiente, mas sim que o sofrimento que ele passou não era para ser *exclusivamente* dele, mas é para *todos* nós, como participantes nos sofrimentos de Cristo. Desta forma podemos “completar o que resta das aflições de Cristo” *em nosso próprio corpo*. Note que o versículo está falando de sofrimentos, aflições. Devemos ser imitadores de Cristo até mesmo nos sofrimentos que ele passou:

“De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor, pois, apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo” (1ª Tessalonicenses 1:6)

A razão pela qual Paulo diz que os tessalonicenses se tornaram imitadores de Jesus é em função dos muitos sofrimentos que eles passaram e de mesmo assim terem permanecido alegres e firmes na presença do Espírito Santo. Quando nós sofremos por causa do evangelho estamos sendo imitadores de Cristo. De fato, foi isso que Pedro também disse em sua primeira epístola:

“Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente. Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus. **Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos**” (1ª Pedro 2:19-21)

Ele começa abordando o sofrimento que aqueles a quem ele escrevia estavam suportando, e depois diz que aquilo era “louvável” diante de Deus se eles estivessem fazendo o bem, e finaliza dizendo que foi **para isso [isto é, para o sofrimento] que eles foram chamados**, porque Cristo também sofreu por nós, deixando o exemplo a ser seguido. Aqui está mais do que claro que nós fomos *chamados para crer e sofrer*, e que seguir o exemplo de Cristo inclui também passar pelos sofrimentos que ele passou, seguindo os seus passos. Este deve ser o nosso pensamento:

“Portanto, uma vez que Cristo sofreu corporalmente, armem-se também do mesmo pensamento” (1ª Pedro 4:1)

Ao invés de dizer que o crente deve parar de sofrer porque Jesus já sofreu tudo o que tinha que ser sofrido, ele diz para nós nos alegrarmos **na medida em que participamos dos sofrimentos de Cristo**, pois só assim exultaremos na volta de Jesus:

“Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria” (1ª Pedro 4:13)

O cristão que foge do batismo de sofrimento está simplesmente se afastando dessa *medida* necessária de participação nos sofrimentos de Cristo para que sejamos salvos. Há uma medida que todos nós devemos participar. Há um tanto deste cálice que todos nós teremos que beber. Talvez a descrição mais exata e perfeita de tudo isso tenha sido aquela que o próprio Senhor Jesus ofereceu enquanto esteve entre nós:

“Jesus dizia a todos: Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará. Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?” (Lucas 9:23-25)

Ao invés de ele ter dito que quem o quisesse seguir iria parar de sofrer e que teria honra, glória, fama, sucesso, vitória, dinheiro, riquezas, prosperidade e fortunas, ele diz que esse alguém deveria negar a si mesmo, renunciar a este mundo, “perder” esta vida e negar-se a si próprio, isto é, os seus próprios desejos terrenos. Ele queria que as pessoas que o quisessem seguir esperassem desde já uma cruz para carregar diariamente, e não um mar de rosas. Isso fica claro na conversa que ele teve com Tiago e João:

“Nisso Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se dele e disseram: ‘Mestre, queremos que nos faças o que vamos te pedir’. ‘O que vocês querem que eu lhes faça?’, perguntou ele. Eles responderam: ‘Permite que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda’. Disse-lhes Jesus: ‘Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu estou bebendo ou ser batizados com o batismo com que estou sendo batizado?’ ‘Podemos’, responderam eles. Jesus lhes disse: ‘Vocês beberão o cálice que estou bebendo e serão batizados com o batismo com que estou sendo batizado; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados’” (Marcos 10:35-40)

Esse retrato é bastante interessante, pois relata exatamente aquilo que muitos de nós somos hoje em dia. Tiago e João queriam a glória, o sucesso, a honra. Eles queriam se assentar à direita e à esquerda do Todo-Poderoso na glória celestial. É a máxima posição de honra que alguém poderia desejar ostentar. Mas Jesus vira o jogo contra eles, e, além de não dizer que eles iriam se sentar nestes lugares, ainda diz que eles iriam ser batizados com o batismo que ele estava sendo batizado, e beberiam o cálice que ele estava bebendo.

É claro que Jesus não estava falando do batismo nas águas e nem de um cálice literal, pois os discípulos *já eram* batizados nas águas. Note também o tempo verbal no presente. Ele não diz que *já foi* batizado neste batismo, nem que ainda *iria* ser batizado, mas que *estava sendo* batizado. Esse batismo, que não é o das águas e nem o do Espírito Santo, não está nem em um passado distante nem em um futuro remoto, mas no *presente* na vida de cada verdadeiro cristão. Não é um batismo cerimonial, em que dentro de poucos segundos a pessoa passa de não-batizada para batizada. É um batismo contínuo, ininterrupto na vida dos seguidores de Cristo.

Como o próprio Senhor Jesus indica em outra ocasião, este cálice era o cálice do sofrimento (Lc.22:42). Este "batismo no sofrimento" era algo que aqueles dois discípulos estavam querendo escapar, porque queriam apenas a honra e a glória. Mas Jesus não lhes garante nem a honra nem a glória: garante-lhes apenas o sofrimento se quisessem mesmo segui-lo. O que ele disse nesta ocasião vale para muitos de nós hoje, que buscam fugir do sofrimento, escapar das aflições e driblar as tribulações, buscando só bênçãos, vitórias, conquistas, glórias, sucessos. Deveriam ouvir também Jesus prometendo-lhes apenas uma coisa: um batismo no sofrimento.

CAP. 4 – O APÓSTOLO PAULO: SOFREDOR OU VITORIOSO?

*“É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus”
(Atos 14:22)*

Há dois mil anos atrás havia um homem nascido “fora de época”⁷, que não chegou a ver Jesus Cristo pessoalmente, mas que tinha certo prazer em perseguir os cristãos. Ele até chegava a forçá-los a blasfemar, percorrendo cidades inteiras para caçá-los e prendê-los onde quer que eles estivessem⁸. Como membro do Sinédrio, ele certamente era um homem que tinha de tudo para confiar na carne⁹. De fato, se dizia ser seguidor da Lei à risca, sem se desviar dela nem para a esquerda, nem para a direita¹⁰. Seu nome era Saulo, também conhecido como Paulo.¹¹

Até que um dia, enquanto estava na estrada de Damasco para perseguir e prender mais crentes, ele vê o Senhor Jesus e é tomado pela glória dEle. Ele o ouve dizendo: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? E responde: “Quem és tu, Senhor”? Era Jesus, a quem ele perseguia. Depois de três dias cego, ele se encontra com um cristão, Ananias, onde é batizado e aprende mais sobre a fé que ele tanto perseguia.

O exemplo de Paulo teria de tudo para ser exatamente aquilo que os pregadores da prosperidade e confissão positiva tanto dizem. Alguém que não conhecia Jesus, que sofria por isso, mas que, depois de ter vindo a Cristo, “parou de sofrer”. Alguém que teve dali em diante apenas bênçãos e vitórias, conquistas e sucesso. Alguém isento da dor, do sofrimento e da aflição. Afinal,

⁷ 1ª Coríntios 15:8.

⁸ Atos 26:11.

⁹ Filipenses 3:4.

¹⁰ Gálatas 1:14.

¹¹ Paulo era um outro nome para Saulo, e não uma mudança de nome, como muitos erroneamente creem (veja Atos 13:9).

ele se dizia “**mais do que vencedor**” (Rm.8:37), e para esses pregadores modernos “vencedor” significa ter dinheiro, fama e sucesso.

Mas, ao invés disso, Jesus diz:

“**Mostrarei a ele o quanto deve sofrer pelo meu nome**” (Atos 9:16)

É digno de note que, das muitas coisas que Cristo poderia ter dito sobre Paulo, ele escolhe dizer apenas uma coisa: **o quanto que ele deveria sofrer dali em diante**. Enquanto os pregadores da prosperidade colocam o sofrimento no *passado*, como algo característico da antiga vida, Jesus coloca o sofrimento no *futuro*, isto é: a partir de quando se torna cristão. Assim, ao invés do famoso “pare de sofrer”, ele estaria dizendo: “você vai começar a sofrer”!

O próprio Paulo sabia disso, pois disse:

“Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém, sem saber o que me acontecerá ali, senão que, **em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam**. Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (Atos 20:22-24)

Paulo diz que sabia apenas de uma única coisa: que prisões e sofrimentos o esperavam adiante. Mas ele, ao invés de orar pedindo que isso não acontecesse e ao invés de ter tomado um outro caminho alternativo, decidiu manter essa viagem a Jerusalém, pois não se importava com a própria vida, mas apenas em testemunhar Cristo.

E em toda a vida e ministério de Paulo percebemos isso claramente. Ele simplesmente não tinha sossego. Onde pregava era perseguido, seja pelos judeus, seja pelas autoridades romanas. Em todos os cantos era apedrejado, maltratado, surrado, açoitado, sofria naufrágios, noites sem dormir, tinha necessidade de alimentos, de roupas, sofria tudo e por todos. E isso não é um

relato sensacionalista meu, mas é aquilo que o próprio apóstolo disse de si mesmo:

“Pois eu tenho trabalhado mais do que eles e tenho estado mais vezes na cadeia. Tenho sido chicoteado muito mais do que eles e muitas vezes estive em perigo de morte. Em cinco ocasiões os judeus me deram trinta e nove chicotadas. Três vezes os romanos me bateram com porretes e uma vez fui apedrejado. Três vezes o navio em que eu estava viajando afundou, e numa dessas vezes passei vinte e quatro horas boiando no mar. Nas muitas viagens que fiz, tenho estado em perigos de inundações e de ladrões; em perigos causados pelos meus patrícios, os judeus, e também pelos não-judeus. Tenho estado no meio de perigo nas cidades, nos desertos, e em alto mar; e também em perigos causados por falsos irmãos. Tenho tido trabalhos e canseiras. Muitas vezes tenho ficado sem dormir. Tenho passado fome e sede; têm me faltado casa, comida e roupas. Além dessas e de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação que tenho por todas as igrejas. Quando alguém está fraco, eu também me sinto fraco e, quando alguém cai em pecado, eu fico muito aflito” (2ª Coríntios 11:23-29)

Só nestes versículos já ficamos sabendo que Paulo:

- 1º** Ficou mais vezes na cadeira do que qualquer outro apóstolo.
- 2º** Foi chicoteado muito mais vezes do que qualquer outro.
- 3º** Esteve muito mais vezes em perigo de vida.
- 4º** Cinco vezes levou 39 chibatadas.
- 5º** Três vezes os romanos lhe bateram com porretes.
- 6º** Uma vez foi apedrejado.
- 7º** Três vezes sofreu naufrágio.
- 8º** Uma vez passou 24 horas boiando no mar.
- 9º** Sofria perigos de todos e em todas as partes: de ladrões, patrícios, judeus, gentios e falsos irmãos, em cidades, desertos e em alto mar.
- 10º** Ficava sem dormir.
- 11º** Tinha muito trabalho e se cansava muito.
- 12º** Passava fome e sede.

13º Tinha falta de comida.

14º Tinha falta de roupas.

15º Ficava aflito.

Na verdade, todos estes quinze pontos se resumem em um só: **sofrimento**. E quanto sofrimento!

Muitos pastores em nossos dias considerariam todos estes quinze pontos – ou qualquer um deles – como características de crentes fracassados, que não fazem uso da fé, que estão por baixo e não por cima, que não decretam a vitória nem tomam posse da bênção. Mas estamos falando do grande apóstolo Paulo, o maior nome do Cristianismo depois do próprio Cristo, aquele que era o apóstolo que mais trabalhava (2Co.11:23), aquele que foi considerado o principal líder da “seita dos nazarenos” (At.24:5). Isso tudo nos mostra, que depois da conversão, Paulo não deixou de sofrer: **ao contrário, aí sim ele começou a sofrer e muito!**

Paulo dizia que ele e os demais apóstolos até aquele momento apenas haviam passado fome e sede, necessidade de roupa, alimento e moradia, além de serem maltratados, injuriados, perseguidos e tratados como lixo do mundo e escória de todos:

“Até esta presente hora sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos” (1ª Coríntios 4:11-13)

É interessante notar que o que ocorreu na vida de Paulo foi o *inverso* do que é pregado hoje em dia. Ao invés de Paulo deixar de sofrer depois da conversão, ele *começou a sofrer* a partir de quando se converteu. Na época em que ele era descrente e perseguidor da Igreja, ele tinha tudo do bom e do melhor, como ele afirma aos filipenses:

“Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne, embora eu mesmo tivesse razões para ter tal confiança. Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu; quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era lucro, passei a considerar perda, por causa de Cristo” (Filipenses 3:3-7)

Ninguém teria mais razões para confiar na carne do que Paulo tinha antes de se converter. Ele era um verdadeiro hebreu, tinha cidadania romana, fazia parte da mais alta classe judaica – a dos fariseus – além de ser membro do Sinédrio e seguidor irrepreensível da Lei. Não há nada de sofrimento na vida antiga de Paulo. Mas, depois que se tornou cristão, passou a sofrer tudo aquilo que vimos que ele sofreu. De perseguidor ele passou a perseguido; ao invés de fazer os outros sofrerem, *ele mesmo* passou a ser um dos que mais sofriam.

Alguns fazem uso da passagem em que ele diz aos filipenses que sabia o que era viver com fartura como uma suposta “prova” de que ele era rico:

“Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade” (Filipenses 4:12)

Com isso, eles querem afirmar que Paulo às vezes era rico e às vezes pobre; que às vezes tinha muito e às vezes tinha pouco. Mas ao lermos as epístolas paulinas e Atos dos Apóstolos não vemos absolutamente nenhum momento onde Paulo tivesse “fartura” como cristão. O que Paulo estava dizendo é que sabia o que era ter fartura porque ele tinha fartura quando era descrente. Como já vimos, ele tinha de tudo para confiar na carne enquanto ele não conhecia Jesus. Ele tinha tudo do bom e do melhor. Mas, ao se converter, ele passou a experimentar o outro lado da moeda: o da fome, da necessidade, do *pouco*.

Até mesmo quando Paulo diz aos filipenses que estava suprido com os donativos enviados por eles (Fp.1:18), ele estava escrevendo **da prisão** em Roma, onde aguardava julgamento e seria posteriormente martirizado sob Nero. Em outras palavras, para os “apóstolos” modernos da prosperidade ser suprido significa ter carros importados, mansões, fazendas e uma conta milionária no banco; já para Paulo, estar suprido significa simplesmente *ter o que comer*, mesmo que estivesse preso, como ele estava naquela situação.

Foi por isso que ele disse que, “*tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos*” (1Tm.6:7,8), pois “*os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males*” (1Tm.6:9,10). Paulo sofria assim como todos os demais cristãos da época, que participavam e suportavam os mesmos sofrimentos que ele passava:

“Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês; se somos consolados, é para consolação de vocês, a qual lhes dá paciência para **suportarem os mesmos sofrimentos que nós estamos padecendo**. E a nossa esperança em relação a vocês está firme, porque sabemos que, da mesma forma como **vocês participam dos nossos sofrimentos**, participam também da nossa consolação” (2ª Coríntios 1:6,7)

Esses sofrimentos de Paulo ele também costumava resumir em uma palavra: tribulação. Ela vem da palavra grega *thlipsis*, que significa: “*opressão, aflição, tribulação, angústia*”¹². Ou seja: tudo aquilo que os pregadores modernos mais querem ver longe por crerem que se tratam de crentes fracassados. Ele não apenas fala que passava por tribulações (opressão, aflição, angústia, sofrimento), mas também que as tribulações que ele sofria eram **muito além da capacidade dele de suportar**, a tal ponto que havia perdido toda a esperança de continuar vivo:

¹² De acordo com a Concordância de Strong, 2347.

“Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, ao ponto de perdermos a esperança da própria vida” (2ª Coríntios 1:8)

Isso significa que Deus não apenas não tem qualquer responsabilidade em livrar alguém do sofrimento, como também pode permitir que alguém sofra muito mais do que pode suportar – humanamente falando¹³. O apóstolo Paulo também afirma que sofria tribulações de todas as partes: conflitos externos e temores internos. Ele simplesmente não tinha descanso:

“Tenho grande confiança em vocês, e de vocês tenho muito orgulho. Sinto-me bastante encorajado; minha alegria transborda em todas as tribulações. Pois, quando chegamos à Macedônia, **não tivemos nenhum descanso, mas fomos atribulados de toda forma: conflitos externos, temores internos**” (2ª Coríntios 7:4,5)

Mas Paulo em momento nenhum chegou a murmurar contra Deus. Mesmo quando ele foi preso injustamente por estar pregando a Palavra de Deus, em momento algum ele levantou voz contra Ele, mas o adorou em meio às tribulações:

“Depois de serem severamente açoitados, foram lançados na prisão. O carcereiro recebeu instrução para vigiá-los com cuidado. Tendo recebido tais ordens, ele os lançou no cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco. Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus; os outros presos os ouviam. De repente, houve um terremoto tão violento que os alicerces da prisão foram abalados. Imediatamente todas as portas se abriram, e as correntes de todos se soltaram” (Atos 16:23-26)

Paulo e Silas não estavam presos em uma prisão comum, mas em uma muito pior do que as dos dias de hoje, em que se amarravam os pés dos aprisionados, que não podiam se mexer; o local era repleto de ratos e outros bichos, e, para piorar, Paulo e Silas já haviam levado 39 açoites dos romanos, sem terem feito

¹³Veremos mais sobre isso quando analisaremos o livro de Jó.

nada de errado para merecerem aquilo. Imagine, nestas circunstâncias, a atitude de muitos crentes nos dias de hoje. Muitos estariam dizendo:

“Eu sou servo de Deus, estou pregando o evangelho, e ainda é deste jeito que Deus me retribui? Agora então eu não vou buscar a Deus de jeito nenhum! Chega desta vida!”

Eu imagino os “Paulos” e “Silas” dos dias de hoje, olhando um para a cara do outro naquele cárcere perguntando quem iria começar a murmurar primeiro. Mas, ao contrário, eles estavam adorando a Deus em plena meia-noite. Temos que lembrar que naquela época a meia-noite era literalmente a *metadede* noite para eles, pois não existia energia elétrica e acabando-se a luz natural já era a hora de dormir. Mas não para Paulo e Silas. A adoração vinha em primeiro lugar. Em qualquer circunstância.

O mesmo aconteceu com os apóstolos. Eles não tinham feito nada de errado, estavam apenas pregando as boas novas do evangelho. Mas os fariseus, irritados, mandaram açoitá-los, um por um. Ao invés de eles começarem a murmurar por terem sido retribuídos desta maneira, todos eles saíram de lá *alegres* por terem sido considerados dignos de terem sofrido por Jesus, e não pararam de proclamar o evangelho a todos:

“Chamaram os apóstolos e mandaram açoitá-los. Depois, ordenaram-lhes que não falassem em nome de Jesus e os deixaram sair em liberdade. Os apóstolos saíram do Sinédrio, alegres por terem sido considerados dignos de serem humilhados por causa do Nome. Todos os dias, no templo e de casa em casa, não deixavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo” (Atos 5:40-42)

Por que eles adoravam a Deus nas piores adversidades da vida, ao invés de murmurarem contra Ele? Porque eles sabiam que haviam sido **destinados** para essas tribulações:

“Para que ninguém seja abalado por essas tribulações. Vocês sabem muito bem que fomos designados para isso” (1ª Tessalonicenses 3:3)

Por essa razão Paulo já sabia que, por onde quer que fosse, *sufrimentos* o esperavam:

"Só sei que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sufrimentos me esperam" (Atos 20:23)

Mais tarde, ele se lembrou das tribulações que sofria nas seguintes palavras:

"As perseguições e os sufrimentos que enfrentei, coisas que me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra. Quanta perseguição suportei!" (2ª Timóteo 3:11)

Paulo diz também que pelo evangelho "*sofro e até estou preso como criminoso; contudo a palavra de Deus não está presa*" (2Tm.2:9). O enorme contraste entre Paulo e os pregadores atuais não é apenas no fato de que estes não sofrem e ostentam carros luxuosos, mansões, fazendas e jatinhos particulares que aquele nunca sonhou em possuir, mas também que Paulo não se mostrava envergonhado em passar por tudo isso:

"Por essa causa também **sofro, mas não me envergonho**, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia" (2ª Timóteo 1:12)

Os que sofrem hoje se envergonham disso ou são envergonhados por outros, que os recriminam por pensarem que são crentes com pouca fé. Mas Paulo sofria e não se envergonhava. Ele sabia que nós fomos destinados para isso. Ele sabia que é necessário passarmos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus. Ele sabia que era um privilégio crer em Cristo e sofrer por ele. E por essa razão se recomendava exatamente naqueles critérios que muitos hoje em dia usariam para censurá-lo:

"Pelo contrário, como servos de Deus, recomendamos-nos de todas as formas: em muita perseverança; em sufrimentos, privações e tristezas; em açoites,

prisões e tumultos; em trabalhos árduos, noites sem dormir e jejuns” (2ª Coríntios 6:4,5)

As razões que Paulo se apoiava para recomendá-lo como homem de Deus eram precisamente os seus sofrimentos, suas privações, suas tristezas, os açoites recebidos, as prisões, as noites sem dormir e sem ter o que comer. Que grande diferença para os dias atuais, onde se usa exatamente do contrário – fama, riqueza, sucesso, prosperidade, bens materiais, alegria e comer do bom e do melhor desta terra – para se recomendar aos outros como um pregador de fé e um homem de Deus.

A vitória, para Paulo, estava exatamente no privilégio de sofrer por amor a Cristo.

CAP. 5 – OS DEMAIS CRISTÃOS SOFRIAM?

*“Não me interessa por nada do que é visível
ou invisível, para que possa apenas
conquistar Cristo. Que sobrevenham a fogueira
e a cruz, que venham as feras selvagens,
que venham a quebra de ossos e a
dilaceração dos membros, que venha a
trituração do corpo inteiro, que assim seja.
Quero apenas conquistar Cristo Jesus!” (Inácio
de Antioquia)*

Já vimos que o nosso maior espelho, que é Jesus, foi um servo sofredor, e que nós devemos ser como ele. Vimos também que um dos maiores apóstolos de Cristo, Paulo de Tarso, também foi um servo sofredor, e disse para sermos seus imitadores (1Co.11:1). Mas será mesmo que *nós*, os demais cristãos, deveríamos seguir a mesma linha? Ou será que Deus destinou apenas Jesus e Paulo para o sofrimento, e todos os outros para comerem do bom e do melhor desta terra, para serem cabeça e não cauda?

Essa resposta nós vemos em Atos 14:21-22:

“Eles pregaram as boas novas naquela cidade e fizeram muitos discípulos. Então voltaram para Listra, Icônio e Antioquia, fortalecendo os discípulos e encorajando-os a permanecer na fé, dizendo: ‘É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus’” (Atos 14:21,22)

Com certeza Paulo e Barnabé pregaram muitas coisas aos discípulos de Listra, Icônio e Antioquia, mas apenas *uma delas* que Lucas (escritor do livro de Atos) fez questão de ressaltar por escrito, como sendo aquilo que era o mais importante da ocasião: **a necessidade de passarmos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus**. De tudo o que foi pregado, isso foi o mais importante.

Isso certamente indica que aqueles cristãos passavam por muitas tribulações, e Paulo em nada diz que se eles tomassem posse da bênção e repreendessem o demônio essas tribulações desapareceriam. Ao contrário: ele diz que elas são ***necessárias***, pois sem elas não podemos entrar no Reino de Deus!

As igrejas da Macedônia sabiam bem disso. Paulo escreve sobre elas:

“No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade” (2ª Coríntios 8:2)

Elas estavam passando por *severa tribulação* e por *extrema pobreza*. Não era uma simples dificuldade ou necessidade. Mesmo assim, os irmãos daquela igreja foram generosos em ajudar os irmãos de Jerusalém, que estavam ainda mais necessitados que eles (Rm.15:26)! Os tessalonicenses também não ficavam por menos. Paulo diz que eles perseveravam mesmo em meio a todas as perseguições e tribulações que suportavam:

“Por esta causa nos gloriamos em vocês entre as igrejas de Deus pela perseverança e fé demonstrada por vocês em todas as perseguições e tribulações que estão suportando” (2ª Tessalonicenses 1:4)

Paulo diz que esses sofrimentos que eles estavam passando “dão prova do justo juízo de Deus e mostram o seu desejo de que vocês sejam considerados dignos do seu Reino, pelo qual vocês também estão sofrendo” (2Ts.1:5). O autor de Hebreus diz que eles “foram expostos a insultos e tribulações; em outras ocasiões fizeram-se solidários com os que assim foram tratados” (Hb.10:33). Diz também para eles se lembrarem dos primeiros dias, “quando suportaram muita luta e muito sofrimento” (Hb.10:32).

Paulo diz ao jovem Timóteo:

“Você, porém, seja moderado em tudo, **suporte os sofrimentos**, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério” (2ª Timóteo 4:5)

Ele não diz que se Timóteo fosse fiel a Deus ele deixaria de sofrer, e nem que bastaria repreender o diabo e determinar a vitória que seria livre dos sofrimentos. Não. Ele diz apenas para *suportar* esses sofrimentos, porque é algo que todo cristão já está destinado a passar (1Ts.3:3), é um cálice que todos os salvos terão que beber (Mc.10:39), é uma condição para herdar a vida eterna (At.14:22). Paulo também diz a Timóteo:

“Suporte comigo os meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus” (2ª Timóteo 2:3)

*“Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro dele, mas **suporte comigo os meus sofrimentos** pelo evangelho, segundo o poder de Deus, **pelo qual soffro** e até estou preso como criminoso; contudo a palavra de Deus não está presa” (2ª Timóteo 2:8,9)*

O que Tiago fala sobre o sofrimento do cristão também é simplesmente espetacular:

“Irmãos, tenham os profetas que falaram em nome do Senhor como exemplo de paciência diante do sofrimento. Como vocês sabem, nós consideramos felizes aqueles que mostraram perseverança. Vocês ouviram falar sobre a paciência de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia” (Tiago 5:10-11)

Eles tinham por **bem-aventurados** aqueles que sofriam com paciência e que perseveravam em meio às tribulações. Por isso eles louvavam a atitude de Jó e de outros personagens bíblicos. Hoje em dia ocorre exatamente o inverso. Os que sofrem são os que carecem de fé e o próprio Jó é muitas vezes linchado nos nossos púlpitos, como um mau exemplo de medo, de falta de fé e de alguém que “abriu brecha”. O evangelho verdadeiro era completamente distinto daquilo que está sendo pregado atualmente.

Pedro dizia o mesmo. Ele considerava **louvável** que alguém sofresse por ter feito o bem, pois foi para isso que nós fomos chamados:

“Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente. Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, **isso é louvável diante de Deus**. Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos” (1ª Pedro 2:19-21)

O sofrimento muitas vezes está de acordo com a vontade de Deus, mesmo quando a pessoa está em Cristo, está na fé, está vivendo em retidão e em santidade. Foi assim com Jesus, com Jó, com Paulo e com os primeiros cristãos. De fato, Pedro disse:

“Por isso mesmo, aqueles que **sofrem de acordo com a vontade de Deus** devem confiar sua vida ao seu fiel Criador e praticar o bem” (1ª Pedro 4:19)

Diante deste verso bíblico, é absurda a ideia de que “Deus não quer que você sofra”. Eles querem colocar na boca de Deus aquilo que Ele jamais disse, só para que as pessoas frequentem tais igrejas, se sintam mais motivadas e encham os cofres dos pastores, que tratam com desdém aqueles que sofrem. Contudo, se sofrermos como cristãos, não devemos nos envergonhar – como prega a Igreja moderna –, mas **glorificar** a Deus por conta disso:

“Se algum de vocês sofre, que não seja como assassino, ladrão, criminoso, ou como quem se intromete em negócios alheios. Contudo, se sofre como cristão, não se envergonhe, mas glorifique a Deus por meio desse nome” (1ª Pedro 4:15,16)

Talvez a prova mais forte e cabal de que todos os cristãos que viviam piedosamente sofriam seja o texto de 1ª Pedro 5:9, em que Pedro diz que “os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos” (1Pe.5:9). Ele escrevia a cristãos que sofriam, e sua consolação era

de que não eram apenas eles que estavam passando por isso, mas os cristãos no mundo todo. O próprio apóstolo João expressou este fato no Apocalipse, ao escrever às sete igrejas da Ásia e dizer:

“Eu, João, irmão e **companheiro de vocês no sofrimento**, no Reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Apocalipse 1:9)

À Igreja de Éfeso, Cristo disse:

“Você tem perseverado e suportado sofrimentos por causa do meu nome, e não tem desfalecido” (Apocalipse 2:3)

À Igreja de Esmirna a mensagem é ainda mais dura. Ele diz que o diabo lançaria alguns deles na prisão e os perseguiria, e que tais crentes deveriam ser fieis **até a morte**, indicando que muitos deles seriam martirizados:

“Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. O Diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias. Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida” (Apocalipse 2:10)

Diante de tudo isso, é absolutamente certo que o sofrimento não é um sinal de falta de fé, nem de que alguém é mais pecador do que outro que não está sofrendo. Se fosse assim, os apóstolos e cristãos do primeiro século teriam quase nada de fé – pois eram sempre perseguidos, atribulados e sofriam muito – e o próprio Senhor Jesus seria um baita pecador, pois foi o que mais sofreu. Tal noção herética de que o sofrimento é sinal de alguma fraqueza espiritual foi rejeitada pelo próprio Cristo, quando disse:

“Jesus respondeu: Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? Eu lhes digo que não!” (Lucas 13:2-3)

CAP. 6 – O TESTEMUNHO DA HISTÓRIA

*“O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera,
tudo suporta” (1ª Coríntios 13:7)*

Ao longo de toda a história antiga e moderna cristãos no mundo todo são perseguidos, atribulados, sofrem e morrem por amor a Cristo. Até antes mesmo de Jesus se encarnar em forma humana, os justos do povo de Deus eram perseguidos e martirizados, pois rejeitavam a adoração aos ídolos. Por causa da dura perseguição que os cristãos sofriam sob Nero, o autor da carta aos Hebreus começa a passar uma série de exemplos de perseverança em meio ao sofrimento, dos que são chamados de “heróis da fé”. Ele diz:

“Houve mulheres que, pela ressurreição, tiveram de volta os seus mortos. Alguns foram torturados e recusaram ser libertados, para poderem alcançar uma ressurreição superior. Outros enfrentaram zombaria e açoites, outros ainda foram acorrentados e colocados na prisão, apedrejados, serrados ao meio, postos à prova, mortos ao fio da espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos e maltratados. O mundo não era digno deles. Vagaram pelos desertos e montes, pelas cavernas e grutas” (Hebreus 11:35-38)

O escritor de Hebreus usa todos estes casos como **exemplos** a serem seguidos pelos demais cristãos, que também passavam por perseguições. Se fosse hoje em dia, estes seriam maus exemplos de crentes com falta de fé que não tomaram posse da bênção nem determinaram a vitória para deixarem de sofrer. Açoites, zombaria, prisão, apedrejamento, pobreza, aflição, maltrato e morte é tudo aquilo que os pregadores neopentecostais mais querem ver longe deles, e é tudo aquilo que é o contrário da “vitória” *no conceito deles*. Para eles, crente vitorioso é aquele que não passa por nada disso, pois é próspero, tem sucesso e é só alegria.

Os próprios apóstolos não viveram assim. Pedro e João não tinham ouro nem prata (At.3:6). Paulo viva em pobreza, sem ter moradia certa (1Co.4:11-13). Por todos os cantos eram atribulados (2Co.4:8), perseguidos (2Co.4:9), cada vez mais cristãos eram presos e mortos. E isso não é atestado apenas pela Bíblia ou pelas fontes cristãs. Tácito¹⁴ disse que “eles foram feitos objetos de esporte, pois foram amarrados nos esconderijos de bestas selvagens e feitos em pedaços por cães, ou cravados em cruzes, ou incendiados, e, ao fim do dia, eram queimados para servirem de luz noturna”¹⁵.

Suetônio¹⁶ disse que “os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram destinados ao suplício”¹⁷. Josefo¹⁸ descreveu o martírio de Tiago, irmão de Jesus, dizendo que foi apedrejado¹⁹. Plínio²⁰ também narrou várias formas de interrogamento, tortura e morte dos que se diziam cristãos²¹.

A história nos mostra que todos os doze apóstolos, excetuando Judas e João, morreram martirizados. Mateus morreu na Etiópia como mártir. André foi crucificado em uma cruz em forma de xis para que o seu sofrimento se prolongasse. Filipe foi enforcado de encontro a um pilar em Hierápolis. Bartolomeu foi morto a chicotadas e seu corpo foi colocado num saco e jogado ao mar. Simão morreu crucificado junto aos zelotes em 70 d.C. Tiago foi martirizado em 62 d.C por ordem do sumo sacerdote Ananias, apedrejado até a morte por se recusar a denunciar os cristãos.

Judas Tadeu foi martirizado na Pérsia junto a Simão Zelote. Pedro pediu para ser crucificado de cabeça para baixo por julgar-se indigno de morrer na mesma

¹⁴ Tácito foi governador da Ásia, pretor, cônsul, questor, historiador romano e orador. Escreveu sobre os cristãos aproximadamente em 64 d.C.

¹⁵ Tácito, Annales, XV.44.

¹⁶ Suetônio foi um escritor latino que nasceu em 69 d.C e era o historiador romano oficial da corte de Adriano, escritor dos anais da Casa Imperial.

¹⁷ Suetônio, Vida dos doze Césares, n. 25, p. 256-257.

¹⁸ Flávio Josefo foi o mais importante historiador judeu do século I.

¹⁹ Antiguidades, 20.9.1.

²⁰ Caio Plínio Cecílio Segundo, mais conhecido simplesmente como “Plínio, o Jovem”, foi um orador, jurídico e governador imperial na Bitínia. Em suas cartas ao imperador Trajano ele confessa que já tinha matado muitos homens, mulheres e crianças que se diziam cristãos, e, em função dessa grande carnificina, tinha dúvidas se deveria continuar matando. O imperador respondeu que sim.

²¹ Epístola X, 97.

posição que seu Mestre. O outro Tiago foi decapitado em Jerusalém por Herodes Agripa em 44 d.C. João chegou a ser lançado em um caldeirão de azeite a ferver. Tomé morreu a flechadas enquanto orava, por ordem do rei de Milapura, em 53 d.C. Paulo morreu decapitado no mesmo ano que Pedro. Lucas foi enforcado em uma oliveira na Grécia. Matias foi martirizado na Etiópia.

Quando viramos a página e vamos ao século II d.C, o sofrimento dos cristãos continua em alta. Inácio, bispo de Antioquia (35 – 107 d.C), foi condenado pelos romanos a ser devorado por feras em um estádio. Próximo da sua morte ele escreveu uma carta à comunidade cristã de Roma, onde relata nessas palavras sua expectativa pelo martírio:

“Possa eu alegrar-me com as feras que me estão sendo preparadas. Desejo que elas sejam rápidas comigo. Acariciá-las-ei, para que elas me devorem logo, e não tenham medo, como tiveram de alguns e não ousaram tocá-las. Se, por má vontade, elas se recusarem, eu as forçarei. Perdoai-me; sei o que me convém. Agora estou começando a me tornar discípulo. Que nada de visível e invisível, por inveja, me impeça de alcançar Jesus Cristo. Fogo e cruz, manadas de feras, lacerações, desmembramentos, deslocamento de ossos, mutilações de membros, trituração de todo o corpo, que os piores flagelos do diabo caiam sobre mim, com a única condição de que eu alcance Jesus Cristo”²²

E ele complementa, dizendo:

“Para nada me serviriam os encantos do mundo, nem os reinos deste século. Para mim, é melhor morrer para Cristo Jesus do que ser rei até os confins da terra. Procuro aquele que morreu por nós; quero aquele que por nós ressuscitou”²³

Policarpo, bispo de Esmirna (69 – 155 d.C), passou por algo semelhante. Próximo a ser martirizado em meados do segundo século d.C, e já com 86 anos, ele se recusou a negar Jesus e disse:

²² Inácio aos Romanos, 5:2-3.

²³ Inácio aos Romanos, 6:1.

“Eu o sirvo há oitenta e seis anos, e ele não me fez nenhum mal. Como poderia blasfemar o meu rei que me salvou?”²⁴

O procônsul romano responsável pela condenação de Policarpo continuava a insistir que este amaldiçoasse a Cristo para sair livre, mas ele, ao contrário, se declarou abertamente como cristão. Antes de ser queimado vivo, ele olhou aos céus e bradou no estádio:

“Senhor, eu te bendigo por me teres julgado digno deste dia e desta hora, de tomar parte entre os mártires, e do cálice de teu Cristo, para a ressurreição da vida eterna da alma e do corpo, na incorruptibilidade do Espírito Santo”²⁵

Toda a história da Igreja é marcada pelo sangue do martírio, de cristãos que não amaram suas próprias vidas, mas, antes, negaram a si mesmos e renunciaram a este mundo, para herdarem um bem maior na ressurreição da vida eterna. Isso entra em um contraste gritante em relação à Igreja moderna, em especial ao neopentecostalismo, em que sofrer não é visto com bons olhos.

Um livro que marcou época é o Livro dos Mártires, escrito por John Foxe, em 1559. O autor mostra toda a história de sofrimento e martírio dos principais líderes cristãos, desde Jesus Cristo até a sua época. Ele narra a perseguição inicial dos judeus à Igreja, a grande perseguição de Nero e a posterior perseguição de Domiciano em todo o império romano, até a mais recente perseguição medieval da inquisição papal, relatando os mais diversos martírios na história da Igreja. Seria maravilhoso que os pregadores modernos da prosperidade tivessem todos eles o Livro dos Mártires, para verem que a história da Igreja é marcada por sangue e sofrimento, e não por vida boa e prosperidade.

E se alguém pensa que a perseguição aos cristãos acabou na Idade Média, está muito enganado. Atualmente, na Coreia do Norte, aproximadamente 50 a 70

²⁴ O Martírio de Policarpo, 9:3.

²⁵ O Martírio de Policarpo, 14:2.

mil cristãos estão presos em campos de concentração por causa de sua fé, e as igrejas são subterrâneas, pois há liberdade religiosa apenas de fachada. Dezenas de milhares de cristãos são assassinados anualmente naquele país²⁶. Muitos cristãos se escondem em cavernas para poderem buscar a Deus.

E a Coreia do Norte não é o único país que persegue os cristãos hoje em dia. A grande maioria dos países comunistas, ateus e islâmicos faz isso. No ranking de perseguição aos cristãos, países na Ásia, Oriente Médio e norte da África aparecem em destaque (dados oficiais podem ser vistos no site da Missão Portas Abertas²⁷). Estima-se que anualmente entre 100 e 200 mil cristãos morram por causa da sua fé. Essa quantidade de mártires mostra que estamos passando pela maior era de perseguição religiosa de todos os tempos. Isso pode parecer distante para alguém que vive em um país cristão e democrático no Ocidente, mas é a realidade para os que vivem como cristãos em muitos países do Oriente.

Viver como cristão nestes países não é nada fácil. Ali ser cristão é literalmente ser um mártir, é *decidir* ser um mártir, é estar disposto a negar a si mesmo, a renunciar a sua própria vida e tomar a sua cruz diariamente, podendo esperar a qualquer momento a prisão, a tortura e a morte. Também poderíamos citar os diversos exemplos de missionários que estão passando necessidades na África, ou de cristãos genuínos que estão morrendo de fome com a seca de muitos países. Crianças pequenas, que nunca abriram “brecha” nenhuma, morrem sem ter o que comer, e nenhuma dessas coisas ocorrem por estarem em pecado.

O sofrimento é uma realidade para muitas pessoas justas e genuinamente cristãs, muitas delas que vivem muito mais o Cristianismo do que qualquer crente ocidental em um país livre. Aqui foi fácil para os pregadores da prosperidade disseminarem suas heresias destruidoras. Afinal, tanto nos EUA (onde a heresia neopentecostal se iniciou) quanto nos outros países por onde ela se espalhou (incluindo o Brasil) não há tantas pessoas morrendo literalmente

²⁶ Dados disponíveis em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/asia/coreia-do-norte-lidera-lista-de-perseguido-aos-cristaos,3b086380c0ada310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>.

²⁷ Disponível em: <<http://www.portasabertas.org.br/cristaosperseguidos/classificacao/>>. Acesso em: 17/11/2013.

de fome, nem tantos cristãos sendo perseguidos como ocorre frequentemente em países anticristãos.

Então é fácil iludir a mente dos mais incautos, disseminando a semente do erro e do engano, com promessas de bênçãos materiais, vitória financeira e prosperidade em todas as áreas da vida. Isso porque tais pessoas não têm a menor noção do que é o verdadeiro evangelho. Elas não conhecem o evangelho da cruz. Elas conhecem apenas o mercado do evangelho, onde se faz comércio em nome da fé, onde se lucra muito sendo pastor ou cantor famoso. Como Deus já dizia desde a época de Oséias, ["o meu povo perece por falta de conhecimento"](#) (Os.4:6).

A falta de conhecimento bíblico e histórico leva muitos a aceitarem um falso evangelho, que nada tem a ver com o verdadeiro evangelho do Senhor Jesus Cristo – o evangelho do "tome a sua cruz" e "negue a si mesmo". Esse *outro* evangelho, conhecido como "evangelho da prosperidade" (ou como "teologia da prosperidade"), é o que conduz tantas pessoas a crerem naquilo que Jesus jamais pregou, a tomarem posse de promessas que jamais foram feitas. Elas buscam a Deus, mas o buscam assim como uma criança busca o Papai Noel: para obter os presentes.

Vão ao culto, mas porque é o "culto da prosperidade", ou aquele onde terá a campanha da cura e dos sinais divinos. Vão porque estão desesperados em receberem uma profecia ou uma palavra qualquer que lhes sirva para aumentar o ânimo, para elevar o astral, para servir de auto-ajuda. Mas nós precisamos de auto-ajuda? Não. Nós precisamos de Cristo. Nós precisamos da cruz dele e da nossa. O evangelho da cruz é isso: autonegação. É abnegar essa vida para obter a próxima. É nada deste mundo importar se não tiver Cristo. É viver em Cristo, por Cristo e para Cristo. É ser chamado para crer e sofrer.

CAP. 7 – POR QUE SOFRER?

*“Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu”
(Hebreus 5:8)*

Alguém poderia chegar até aqui na leitura deste livro e tomar algumas conclusões errôneas e premeditadas, como pensar que todo cristão tem que viver o tempo inteiro triste e amargurado com a vida, ou que o nosso Deus seja um deus sádico que causa sofrimentos em Seus filhos sem motivo nem razão alguma, sem qualquer finalidade. Por isso, é preciso entender **por que Deus permite o sofrimento na vida de um cristão**.

Ironicamente, Deus dedicou *um livro inteiro da Bíblia* para tratar exaustivamente deste assunto: o livro de Jó. Em primeiro lugar, temos que ressaltar que Jó não é um personagem fictício nem o livro de Jó é alegórico, como alguns pensam. Jó é tão real que foi colocado junto a outros dois personagens bíblicos reais: Daniel e Noé (Ez.14:14). Assim, se Jó não tivesse existido, também Daniel e Noé não teriam existido.

Além disso, seria sem sentido que Tiago tivesse usado como exemplo de fé e perseverança em meio ao sofrimento o caso de um homem que *nunca existiu*, ao invés de usar tantos outros inúmeros casos de servos de Deus que sofreram e existiram realmente. A afirmação de Tiago (Tg.5:10,11) perderia força e crédito caso a Igreja primitiva não cresse que Jó existiu de fato. Afinal, ninguém que *realmente existe* e que está *realmente sofrendo* seria consolado por um exemplo de perseverança de alguém que não sofreu nada porque nem existia!

Mas em que época viveu Jó? Ele teria vivido há aproximadamente dois mil anos antes de Cristo, pois viveu por 140 anos (Jó 42:16), que era a idade média dos antigos patriarcas. Outros fatores históricos e culturais presentes no livro nos ajudam a identificar essa data com mais precisão. Segundo a tradição, Jó foi um

livro escrito por Moisés, que também escreveu o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia.

Isso significa que Deus não apenas dedicou um livro inteiro para tratar exclusivamente da questão do sofrimento, como também fez questão de usar um exemplo bem antigo e escrito numa data bem antiga, para servir de edificação e conforto desde aqueles tempos até hoje, a todas as gerações. Isso porque o assunto é de profunda importância.

De acordo com o livro, Jó era o homem mais justo de toda a terra da época, que Deus permitiu que sofresse muito durante algum tempo. Ele perdeu tudo o que tinha – incluindo todos os seus filhos e filhas, pertences e bens materiais – e contraiu uma série de chagas e doenças terríveis, chegando à beira da morte. De fato, ele chegou a clamar pela morte, tamanho era o seu desgosto com a vida, tão profundo era o seu sofrimento. Para piorar, ele tinha a companhia de três falsos amigos, que o acusavam injustamente. A sua situação era tão crítica que ele chegou a ficar coberto de vermes sobre as suas feridas:

[“Meu corpo está coberto de vermes e cascas de ferida, minha pele está rachada e vertendo pus” \(Jó 7:5\)](#)

[“Se digo à corrupção mortal: Você é o meu pai, e se aos vermes digo: Vocês são minha mãe e minha irmã, onde está então minha esperança? Quem poderá ver alguma esperança para mim?” \(Jó 17:14-15\)](#)

Todo o livro de Jó é um verdadeiro golpe de morte no evangelho da prosperidade e na teologia triunfalista existente em nossos meios, pois mostra que um homem justo pode sofrer e muito. De fato, ele se tornou um problema tão grande para os falsos profetas de nosso tempo que eles tiveram que inventar uma nova interpretação para o livro de Jó, segundo a qual ele teria aberto brecha e por causa dos seus pecados contraiu para si todos aqueles sofrimentos.

Ou seja: eles acusam Jó da mesma forma que seus falsos amigos do livro (Zofar, Bildade e Elifaz) fizeram, e foram condenados por Deus por isso²⁸. Eles também pensavam que o sofrimento era sempre a consequência de um pecado praticado pela pessoa que estava sofrendo, e, se Jó estava sofrendo, isso só poderia significar que ele era um baita pecador, muito pior do que eles que não estavam sofrendo nada. Então, todo o livro de Jó é elaborado para refutar essa falsa visão antiga e atual sobre a razão do sofrimento humano. Isso porque Jó é retratado como sendo o homem **mais justo de toda a face da terra** daquela época:

"O Senhor disse a Satanás: 'De onde você veio?' Satanás respondeu ao Senhor: 'De perambular pela terra e andar por ela'. Disse então o Senhor a Satanás: 'Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal'" (Jó 1:7,8)

Além de ser o homem mais justo da terra, ele era um "homem íntegro e justo; temia a Deus e evitava o mal" (Jó 1:1), e "irrepreensível" (Jó 1:8). Se ele era **irrepreensível** é porque não havia nenhuma "brecha" ou defeito nele para que pudesse ser castigado por Deus por isso. Os falsos profetas dos nossos dias ensinam que o diabo conseguiu entrar na vida de Jó porque este tinha medo e por isso "abriu brecha" para ele, mas a verdade é que a Bíblia ensina explicitamente o contrário, que Deus o protegia porque Jó era íntegro e irrepreensível. Foi por isso que o diabo disse:

"Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui?" (Jó 1:10)

Jó era protegido por Deus porque era temente a Ele, mas a Bíblia não diz que ele pecou e por isso "abriu brecha" para o diabo agir; ao contrário: foi o próprio

²⁸Isso é provado pelo seguinte texto: "Depois que o Senhor disse essas palavras a Jó, disse também ao Elifaz, de Temã: '**Estou indignado com você e com os seus dois amigos**, pois vocês não falaram o que é certo a meu respeito, como fez meu servo Jó. Vão agora até meu servo Jó, levem sete novilhos e sete carneiros, e com eles apresentem holocaustos em favor de vocês mesmos. Meu servo Jó orará por vocês; eu aceitarei a oração dele e não farei com vocês o que vocês merecem pela loucura que cometeram. Vocês não falaram o que é certo a meu respeito, **como fez meu servo Jó**'" (Jó 42:7-8).

Deus que **permitiu** que Jó sofresse para prová-lo, mesmo sem ele ter caído em pecado, porque o diabo o acusava de estar adorando a Deus apenas porque não sofria:

"...‘Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face’. E o Senhor respondeu a Satanás: ‘Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não encoste um dedo nele’. Então Satanás saiu da presença do Senhor" (Jó 1:11-12)

Portanto, a razão do sofrimento de Jó **não** foi em função de um pecado do próprio Jó, como acusavam injustamente seus três "amigos" e como afirmam os pregadores da prosperidade, pois Jó era íntegro, reto, irrepreensível, temente a Deus e *o mais justo de toda a terra*. Se Jó tinha brechas, então todo mundo da face da terra também tem, pois nenhum de nós consegue ser hoje mais justo do que Jó era naquela época!

A Bíblia deixa bem claro que a razão do sofrimento de Jó não foi por uma brecha aberta por ele, mas por uma **permissão** divina, uma concessão. Aqui temos claramente um exemplo de Deus permitindo o sofrimento de um justo. Isso também está evidente no final do livro, quando é dito claramente que **o Senhor** trouxe as tribulações sobre ele, e não que o diabo tenha encontrado uma "brecha" para atacá-lo:

"Todos os seus irmãos e irmãs, e todos os que o haviam conhecido anteriormente vieram comer com ele em sua casa. Eles o consolaram e o confortaram por todas as **tribulações que o Senhor tinha trazido sobre ele**" (Jó 42:11)

Mas a razão deste capítulo é: **por quê?** Por que Deus permite o sofrimento de um justo? Por que ele simplesmente não evita todo e qualquer sofrimento dos justos, e faz cair toda a desgraça somente em cima dos ímpios e dos mais pecadores?

O livro de Jó responde a esta questão também. Primeiramente, devemos ter em mente que um dia Deus condenará os ímpios e salvará os justos. Estes terão uma vida eterna, enquanto aqueles terão uma *morte* eterna. Há um enorme contraste. Estamos falando de existência ou de inexistência eterna, e não de qualquer coisa.

A vida eterna é o maior dom que Deus poderia conceder a alguém, pois o salário natural do pecado é a morte (Rm.6:23), e todos nós somos pecadores (Rm.3:23), não há nenhum de nós plenamente justo (Rm.3:10). Sendo assim, a vida eterna é um prêmio a ser conquistado por aqueles que têm fé em Jesus Cristo, é a maior herança que alguém poderia ter, é o prazer de viver *para sempre*, junto a Deus, aos anjos e aos outros salvos. E isso será desfrutado somente pelos justos.

Se, portanto, a retribuição aos justos por uma vida íntegra na terra é uma vida eterna na ressurreição dos mortos, não podemos esperar que tenhamos aqui nessa vida algo melhor do que os que não herdarão essa vida eterna. Essa vida presente e terrena é um teste para ambos – justos e ímpios – sob as mesmas condições, para ver quem persevera e é salvo, e quem desiste e se entrega ao pecado que conduz à morte. Foi por isso que Jesus disse que Deus *"faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos"* (Mt.5:45).

Ele nada mais estava dizendo com este exemplo senão que nesta vida tanto justos como ímpios vivem sob as mesmas condições, pois é a *outra vida*, a vida *eterna*, que é a recompensa dos justos, e não *esta* vida. É na ressurreição que começa a nossa recompensa (Lc.14:14), e não aqui ²⁹. Aqui nós apenas *semeamos* sob as mesmas circunstâncias e adversidades dos ímpios aquilo que nós iremos colher e desfrutar *lá*, na vida eterna. Portanto, é totalmente justo que *nesta vida* os justos e os ímpios estejam sob as mesmas condições, pois os *resultados* irão refletir na vida eterna ou morte eterna após a ressurreição, e essa será a devida retribuição para ambos os grupos.

²⁹ "Feliz será você, porque estes não têm como retribuir. A sua recompensa virá **na ressurreição dos justos**" (Lucas 14:14).

É como em uma prova de vestibular. Enquanto os alunos estão fazendo a prova, todos estão sob as mesmas condições. Todos têm as mesmas perguntas para responder, e os que serão aprovados não têm nenhuma vantagem ou privilégio sobre outros, como acesso a computador, mais tempo para fazer a prova, consulta aos universitários, placas ou passar a vez. A devida retribuição para o aluno que estudou e que foi aprovado é o *resultado*, quando um entrará na Universidade e o outro ficará de fora.

A vida espiritual é a mesma coisa. Todos nós estamos neste momento fazendo essa prova. De fato, estamos sendo testados a todo instante. Todos os dias temos que lutar contra as tentações, resistir aos desejos da carne, demonstrar empenho no estudo da Palavra, na oração, na busca a Deus, no bom tratamento com o próximo, e nós estamos nas mesmas condições daqueles que não fazem nada disso. Mas o *resultado* das nossas ações, com a devida retribuição, virá na ressurreição. A salvação é como a aprovação no vestibular, e a vida eterna é como a entrada na Universidade. É a partir de então que aquele que foi aprovado desfrutará das *vantagens* sobre aquele que não foi. Não é enquanto ainda estamos fazendo a prova!

Em segundo lugar, o livro de Jó nos mostra que Deus permite que os justos sofram **para que eles sejam aperfeiçoados**. Foi exatamente isso o que aconteceu com o próprio Jó. Enquanto ele estava apenas curtindo a “vida boa”, com tudo dando certo para ele, ele tinha *motivos* materialistas para continuar com Deus. Afinal, ele estava tirando *vantagens* terrenas disso. Foi somente depois de passar por todo o sofrimento e dificuldades que ele pôde demonstrar que era realmente um homem de Deus, pois é nas adversidades que mostramos quem realmente somos.

É muito fácil permanecermos com Deus se estamos apenas sendo abençoados o tempo todo, se tudo está dando certo, se estamos bem empregados, ganhando um bom salário, com muitos amigos e tudo muito bem estruturado. Qualquer pessoa do mundo seguiria Deus se fosse assim. Não precisaria *amar a Deus* para estar com Deus – qualquer *interesseiro* estaria com Ele nestas circunstâncias! Mas é no sofrimento, nas dificuldades, nas tribulações, nas

adversidades que provamos que realmente estamos com Ele porque **O amamos.**

E isso não apenas nos torna crentes mais firmes na fé do que antes, estruturados puramente no amor de Deus e completamente dependentes dEle, mas também nos torna pessoas melhores, aperfeiçoadas. É nas circunstâncias mais difíceis da vida que nós somos aperfeiçoados. Se você olhar bem para a sua vida, verá que quase todo o seu aprendizado foi em função de alguma derrota ou fracasso.

É comum aprendermos com a derrota. Na maioria das vezes, a derrota *ensina*, enquanto a vitória *engana*. Com a derrota aprendemos aquilo que temos que melhorar, onde temos que mudar, aquilo que podemos fazer diferente. A vitória tende a nos deixar no mesmo patamar de antes. A derrota nos leva a uma auto-reflexão, mas quando só vencemos tendemos a pensar que não precisamos de nada para sermos melhores. A derrota nos leva a ter conhecimento das nossas fraquezas e a depender totalmente de Cristo, enquanto que a vitória muitas vezes nos leva a confiar em nós mesmos.

Muitos daqueles que caíram pelo orgulho não foram suficientemente *derrotados* para aprenderem a humildade. Eles sofreram pouco, e cresceram demais. Tornaram-se soberbos e arrogantes, como se tivessem chegado ali por si mesmos, como se fossem melhores que os demais. É por isso que aprendemos lições valiosas com o sofrimento. Norman Geisler e Frank Turek disseram:

“Praticamente toda lição valiosa que você já aprendeu resultou de alguma dificuldade em sua vida. Na maioria dos casos, a má sorte ensina enquanto a boa sorte engana. De fato, você não apenas aprende lições com o sofrimento, como ele é praticamente a única maneira pela qual pode desenvolver as virtudes. Você não pode desenvolver coragem a não ser que esteja em perigo. Não pode desenvolver perseverança a não ser que tenha obstáculos no caminho. Não vai aprender como ser servo a não ser que exista alguém a quem servir. A compaixão nunca será compreendida se não houver uma pessoa que

esteja passando por uma necessidade ou enfrentando o sofrimento. É como diz aquela expressão: 'Sem dor, não tem valor'""³⁰

Por meio do sofrimento e das adversidades da vida é que nós podemos desenvolver virtudes nesta vida, que nos *aperfeiçoará* e nos tornará mais capacitados para a vida eterna, para sermos pessoas melhores e para apresentarmos Jesus aos descrentes sendo nós mesmos um exemplo daquilo que Ele foi. O sofrimento nos torna mais parecidos com Cristo. O próprio Jó reconheceu que foi aperfeiçoado com aquilo que sofreu, o que pode ser visto em suas próprias palavras:

"Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram" (Jó 42:5)

Antes de Jó passar por tudo aquilo que ele passou, ele conhecia Deus apenas *superficialmente*. Ele não era amigo íntimo dEle, não mantinha uma comunhão como a que ele veio a experimentar depois. Ele era justo, mas apenas conhecia Deus de "ouvir falar". Porém, após sofrer o que ele sofreu, ele *desenvolveu* essa comunhão com Deus e se tornou mais próximo dEle, ao ponto que os seus olhos o viram. Ele se aproximou de Deus com aquilo que sofreu! Isso é exatamente aquilo que Paulo disse aos romanos:

"Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu" (Romanos 5:3-5)

Veja quantas coisas valiosas que a tribulação molda em nosso ser: produz perseverança, aperfeiçoa o caráter, cria esperança. Quem não passa por tribulações não pode saber o que é perseverança. Só se persevera se está passando por alguma dificuldade na vida. E quem não persevera não pode ser aprovado, pois é necessário perseverar até o fim para ser salvo (Mt.24:13). É

³⁰TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

perseverando que nós obteremos a vida (Lc.21:19), é na perseverança que nós aperfeiçoamos nosso caráter, na perseverança nossa fé é renovada e uma esperança é criada. E essa esperança na vida eterna não nos decepciona, pois temos a certeza dela pelo Espírito Santo!

É por isso que nenhum verdadeiro servo de Deus irá ser afastado dEle por causa dos sofrimentos. Como disse Paulo, “[quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?](#)” (Rm.8:35). Até o próprio Senhor Jesus Cristo foi aperfeiçoado pelos sofrimentos. Embora ele nunca tenha pecado, ele aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu:

[“Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu”](#) (Hebreus 5:8)

Jesus foi tornado perfeito exatamente **mediante o sofrimento**:

[“Ao levar muitos filhos à glória, convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe, **tornasse perfeito, mediante o sofrimento**, o autor da salvação deles”](#) (Hebreus 2:10)

Se o próprio Jesus aprendeu a obediência e a perfeição através do sofrimento, quanto mais nós, meros pecadores, temos que aprender mediante o sofrimento! Aqueles que dizem que podemos aprender pelo amor **ou** pela dor sofrem enormes dificuldades em explicar o porquê que o próprio Senhor Jesus Cristo teve que aprender pelo sofrimento. Será que ele não conseguiu aprender só pelo amor? Será que lhe faltou fé? A verdade é que o amor e a dor não são dois caminhos diferentes para se aprender na vida, mas um só. Só se aprende mediante o amor **e** a dor, e não com apenas um deles.

É por isso também que muitas pessoas sofrem e desistem da fé. Deixam de perseverar, murmuram contra Deus, colocam a culpa nEle e se tornam desviadas. Elas não conseguiram aprender com o sofrimento, porque tiveram uma mentalidade completamente deturpada sobre a fé cristã. Elas ouviram um

falso evangelho de prosperidade ao invés do verdadeiro evangelho da cruz. Assim, elas desistem na primeira provação ou tribulação que enfrentam pela frente. Jesus falou sobre elas:

"Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona" (Mateus 13:20,21)

Essas pessoas ouviram a palavra, mas não a ouviram *da forma que ela é*. Quem as doutrinou ensinou que o evangelho oferece uma vida de prosperidade financeira, bênçãos, vitórias, portas abertas e uma vida livre de sofrimentos. Quem pregou a elas disse que elas foram *chamadas para crer e prosperar*. E com certeza disse: "venha para Cristo e deixe de sofrer"!

Então, na primeira tribulação que encontram pela frente elas abandonam o evangelho, pois não é aquilo que elas esperavam que fosse. Ao invés de abrirem mão dessa vida pela vida eterna (Mc.8:35), elas desejam o bom e o melhor *nesta* vida e também na próxima. Elas querem entrar pela porta estreita seguindo o caminho largo, quando, na verdade, só se pode entrar pela porta estreita seguindo o *caminho* estreito (Mt.7:14). Ninguém será salvo se não morrer para si mesmo nesta vida (Cl.3:2-4). Sobre elas, Paulo também diz:

"Será que foi inútil sofrerem tantas coisas? Se é que foi inútil!" (Gálatas 3:4)

Mas o que acontece com a pessoa que foi doutrinada corretamente, no verdadeiro evangelho, sabendo que "*a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo*" (Fp.3:20)? **Além** de ser aperfeiçoada na fé e de ter um caráter aprovado, ela também é uma coisa: feliz! De fato, Pedro disse:

"*Todavia, mesmo que venham a sofrer porque praticam a justiça, vocês serão felizes*" (1ª Pedro 3:14)

Mas como assim? Se alguém está sofrendo tanto, como é possível que fique alegre? Isso é humanamente impossível, e por isso mesmo que essa alegria não provém de nós mesmos, mas do Espírito Santo:

“De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor, pois, **apesar de muito sofrimento**, receberam a palavra **com alegria que vem do Espírito Santo**” (1ª Tessalonicenses 1:6)

Os tessalonicenses estavam passando por ***muito*** sofrimento, mas, mesmo assim, receberam a palavra com alegria. Essa alegria obviamente não provinha deles mesmos, pois ninguém pode humanamente sofrer e estar feliz ao mesmo tempo. É por isso que Paulo diz que essa alegria vinha do Espírito Santo. É uma paz que o mundo não pode dar, só Jesus pode:

“Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbem os seus corações, nem tenham medo” (João 14:27)

O verdadeiro cristão, mesmo que sofra, é feliz. Não por uma alegria natural que qualquer pessoa pode obter no mundo, mas por uma alegria que provém do Espírito Santo, por uma paz que somente Cristo pode nos oferecer. É por isso que aquele que não tem Jesus não tem a verdadeira paz, mas sente um vazio existencial, pois este vazio só pode ser preenchido por Cristo. Paulo também disse:

“E que a esperança que vocês têm os mantenham alegres; aguentem com paciência os sofrimentos e orem sempre” (Romanos 12:12)

Um cristão tem um motivo a mais para ser feliz: a esperança. Não uma mera esperança em ter uma solução terrena para os problemas terrenos, mas uma que está “fundamentada na esperança da vida eterna, a qual o Deus que não mente prometeu antes dos tempos eternos” (Tito 1:2).

Os que vivem no mundo podem ter esperanças terrenas em bens ou conquistas terrenas, mas tudo isso um dia acaba. Já o cristão tem uma esperança *eterna*,

fundamentada em um bem *supremo*, em algo que não tem fim. Em uma herança eterna, que não perece como o ouro e a prata deste mundo. Por isso sabemos que “os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm.8:18), pois “os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Co.4:17).

CAP. 8 – A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE É BÍBLICA?

*“Não tenho prata nem ouro...” (Apóstolo
Pedro, Atos 3:6)*

Um grande engano que existe dentro das igrejas neopentecostais e que tem se alastrado rapidamente através do lema “pare de sofrer” é a teologia da prosperidade, que é respaldada por alguns versos isolados e sem exegese, unida a uma grande dose de ganância e ânsia de poder e riquezas, na maioria das vezes formando cristãos materialistas, que ao invés de quererem abrir mão da sua vida por amor a Cristo (Lc.9:24) preferem lutar por fama, status, sucesso, dinheiro, riquezas, poder.

É basicamente a mesma tática que Satanás usou no deserto na tentação de Jesus Cristo. Ele lhe ofereceu o suprimento material (Mt.4:3), mas Jesus revidou com o suprimento espiritual, a palavra de Deus (Mt.4:4). Satanás lhe ofereceu poder, glória e autoridade, dizendo-lhe:

“O demônio transportou-o uma vez mais, a um monte muito alto, e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-lhe: ‘Dar-te-ei tudo isto se, prostrando-te diante de mim, me adorares’” (Mateus 4:8,9)

Basicamente é exatamente isso o que o diabo continua oferecendo aos cristãos nas tentações dos dias de hoje. Os tempos passam, mas as tentações são as mesmas de sempre. Ele oferece aos cristãos *“os reinos do mundo e a sua glória”*, constantemente deturpando as passagens das Escrituras, pegadas de forma isolada, como ele tentou fazer com Cristo (Mt.4:6).

Mas que o diabo deturpa as Escrituras para tentar o cristão com a heresia da teologia da prosperidade, isso todo mundo já sabe. O que me aborrece é que, diferentemente da reação de Jesus, hoje em dia haja tantos cristãos que engolem fácil esse engano. Alguns o fazem por pura ganância, mas outros são simplesmente iludidos. Não escrevo para os primeiros (os gananciosos), mas

para o segundo grupo (o de cristãos sinceros que infelizmente são enganados, mas que precisam saber a verdade bíblica).

Como hoje tudo se move a dinheiro, é normal vermos pregadores recortarem certas passagens bíblicas com o intuito de prometer aos seus fieis uma vida cheia de prosperidade financeira, um maravilhoso carro de última geração, um campo ou uma fazenda em algum lugar, um serviço super interessante e, talvez, uma ou duas mansões em Miami ou no Havaí. É triste vermos que, enquanto Jesus repudiou tais deturpações e oferecimentos vindos do maligno, hoje em dia cristãos sinceros são enganados por [“não conhecerem as Escrituras”](#) (Mt.22:29), que podem ser devidamente utilizadas para refutar inteiramente tais crenças.

Na parábola do semeador, Jesus disse sobre tais pessoas:

[“Outros ainda recebem a semente entre os espinhos; ouvem a palavra, mas as preocupações mundanas, a ilusão das riquezas, as múltiplas cobiças sufocam-na e a tornam infrutífera”](#) (Marcos 4:18,19)

Ele revela nela quatro tipos específicos de pessoas, sendo que apenas uma única delas é um cristão verdadeiro, que persevera até o fim. O primeiro tipo de pessoas diz respeito àquelas que, logo ao ouvirem a palavra, [“Satanás tira a palavra que foi semeada nos seus corações”](#) (Mc.4:15). O segundo grupo de pessoas são aqueles que, [“sobrevindo tribulação ou perseguição, por causa da palavra, logo se escandalizam”](#) (Mc.4:17).

Mas é o terceiro grupo de pessoas que mais me chama a atenção. Embora existam os quatro grupos visivelmente, o terceiro é aquele que mais ocorre na igreja cristã, o mais facilmente ludibriado: o daqueles que tem preocupações mundanas (com dinheiro e poder), e tem [“ilusão de riquezas”](#) (v.19). Note que Cristo chama aquilo que os pregadores da prosperidade pregam de **“ilusão”**!

Ilusão porque eles iludem os pobres fieis pensando que eles vão ser ricos por estarem em Cristo, quando, na verdade, todos os apóstolos e o próprio Cristo

foram pobres. Ou seja: eles querem que os seus fieis sejam exatamente aquilo que nem Jesus, nem Paulo, Pedro ou qualquer outro apóstolo foi: rico! Os apóstolos criam tanto na teologia da prosperidade que eram pobres:

“Disse-lhe Pedro: **Não tenho prata nem ouro**; mas o que tenho, isso te dou; em nome de Jesus Cristo, o nazareno, anda” (Atos 3:6)

Eles não estavam tentando enganar o mendigo se passando por pobres – eles *realmente* eram pobres! Se nos aprofundarmos nas Escrituras, veremos que Pedro não era o único. O próprio Senhor Jesus disse:

“Jesus replicou-lhe: **As raposas têm covas e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça**” (Lucas 9:58)

Enquanto muitos pastores hoje em dia têm mansões, jatos, carros importados e fazendas, Jesus não tinha nem sequer onde reclinar a cabeça! O apóstolo Paulo é claro ao afirmar que Cristo **“se fez pobre por nós”** (2Co.9:9). Ele tinha a humilde profissão de carpinteiro (Mc.6:3), não tinha mais do que cinco pães e dois peixes para multiplicar milagrosamente à multidão (Jo.6:9), não tinha duzentos denários para comprar pão suficiente para eles (Jo.6:7), não tinha nem sequer como pagar os dois denários por ano de imposto às autoridades romanas, tendo que recorrer a um milagre para pagá-lo (Mt.17:27).

Jesus parece que lhes deixou o exemplo a não ser seguido: a simplicidade. Em busca das riquezas, eles caíram no maior dos pecados - o amor ao dinheiro, que é **“a raiz de todos os males”** (1Tm.6:10). E eles ainda querem se sustentar no fato de que Deus é o dono do ouro e da prata e que, portanto, nós devemos ter amplas quantias de ambos, pois somos filhos dele. Mas se o Filho *unigênito* de Deus, Jesus Cristo, foi pobre aqui na terra, então por que nós (que não somos filhos unigênitos, mas meramente por *adoção*) deveríamos ser ricos?

Ou seja: se o principal, primogênito e unigênito era pobre enquanto esteve entre nós, por que nós, que somos muito inferiores a ele, que somos filhos meramente por adoção e não por natureza, deveríamos ser ricos? “Ah, mas eu

sou filho do Rei”, diriam alguns. Mas se *o próprio Rei* foi pobre aqui na terra, por que *os seus filhos* seriam ricos? A lógica é óbvia: Cristo é rico no Céu, mas foi pobre na terra (2Co.8:9). Da mesma forma, nós somos pobres na terra e seremos ricos na eternidade. Não há promessas de tesouros terrenos, mas a rejeição a possuí-los (Mt. 6:19).

Já vimos também neste livro como que Paulo era pobre. Ele não tinha residência certa (1Co.4:11), passava fome (1Co.4:11), tinha necessidade de roupas (1Co.4:11), não tinha o que beber (2Co.11:27), suportava frio e nudez (2Co.11:27), era perseguido (1Co.4:12) e tratado como o lixo deste mundo (1Co.5:13). Não, Paulo definitivamente não era rico! Os falsos profetas dos tempos modernos querem nos convencer de que eles são melhores que os apóstolos, pois estes sofriam e eram pobres, enquanto eles não sofrem e são ricos, porque “tem fé”!

O que os falsos mestres chamam de “fé”, na verdade, não passa de avareza. Eles querem que nós sigamos o exemplo de Jesus e dos apóstolos, mas não na questão do dinheiro. Quando a questão é prosperidade, os discípulos de Jesus nunca são usados como exemplo, porque a vida deles é diametralmente oposta à sua teologia da prosperidade. Paulo era tão pobre que ele chegou a dizer o seguinte sobre todo o corpo apostólico:

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (1ª Coríntios 15:19)

Paulo coloca o verso no plural porque ele está falando em nome de todos os apóstolos e servos de Deus (1Co.15:10-12). Para ele, se é somente para esta vida que esperamos em Cristo, somos os mais dignos de lástima. Nós seríamos os *“mais miseráveis de todos os homens”* (v.19). A não ser que o apóstolo seja um mentiroso, devemos entender que eles não viviam no luxo, mas na pobreza. A teologia da prosperidade *inverte* essa lógica, ao afirmar exatamente o contrário daquilo que Paulo disse sobre todos os apóstolos.

Ela ensina que temos que ser ricos e que Deus quer nos dar muito dinheiro já nesta presente vida, nos tornando prósperos e “vencedores”, e que depois partiremos para o Céu e teremos ainda mais. Em outras palavras, nós somos ricos nesta vida e na próxima! Essa ilusão é completamente rejeitada e desfeita em um único versículo bíblico, pois a realidade bíblica não é de ser rico nesta vida e na próxima, mas sim de *ser o mais miserável de todos os homens nesta vida, e ganhar a vida eterna na ressurreição vindoura*. É por isso que ele diz que Deus colocou os apóstolos “por último”:

“Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, **nos pôs por últimos, como condenados à morte**; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens” (1ª Coríntios 4:9)

Os apóstolos eram “os últimos”, e não os primeiros. Eles eram aquilo que poderia ser chamado de “lixo do mundo, escória de todos” (1Co.4:13). Graças a Deus que Jesus prometeu que “os últimos serão os primeiros” (Mt.20:16), mas preste bem atenção no termo no futuro – “serão”! A promessa é que na vida futura sejamos “os primeiros”, e não nesta presente vida, como alguns pregam!

Ser o primeiro significa ter o poder, a riqueza, a autoridade. Ser o último, em contraste, significa ser aquilo que Paulo fala com respeito aos apóstolos: estar passando fome, sede, não ter roupas, não ter pousada certa, ser perseguido, sofrer por amor a Cristo, ser o lixo do mundo e a escória de todos, ser como alguém condenado a morte.

Os pregadores da prosperidade omitem todas essas coisas, pois eles querem ser os primeiros, e não os últimos. Eles querem ter fama, dinheiro, riquezas, poder. Eles querem “crescer na vida”, entendendo que essa expressão significa aquisições materiais. Eles têm a mente focada naquilo que é material, quando “os últimos” são aqueles que abrem mão da sua própria vida material para ter uma visão eterna, pois a nossa riqueza está guardada para o futuro, quando nos encontraremos com Nosso Senhor:

["Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará"](#) (Lucas 9:24)

Alguns não têm o real significado do que seria "perder a sua vida". Para eles, Cristo ter dito isso ou nada dá no mesmo. Porém, "perder essa vida" significa abrir mão dela, sacrificá-la por um Bem Supremo, e este bem supremo é Deus. Por amor a Jesus, temos que perder a nossa própria vida. Isso é exatamente o contrário do materialismo pregado na teologia da prosperidade, onde querem viver a vida a vontade, com dinheiro, poder e riquezas. Eles ganham essa vida e querem ganhar também a próxima!

O evangelho da prosperidade substitui o realismo bíblico por uma ilusão gananciosa que é em muito atraente aos nossos olhos. É por isso que existe tanta gente iludida com essa mentira, pois preferem a ilusão das riquezas do que a dura realidade da Palavra de Deus. Não é a toa que o apóstolo Tiago fez questão de dizer:

["Vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que sobre vós virão. Vossas riquezas apodreceram e vossas roupas foram comidas pela traça. Vosso ouro e vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará vossas carnes como fogo. Entesourastes nos últimos dias!"](#) (Tiago 5:1-3)

Tiago absolutamente repudia a atitude de "entesourar nos últimos dias", e, levando em consideração que se entende que nós estamos vivenciando hoje estes "últimos dias", não devemos fazer o mesmo, a não ser que tenhamos o desejo de sermos participantes das ["desgraças que sobre vós virão"](#) (Tg.5:1).

Essa ânsia em querer ganhar dinheiro com o evangelho é o que mais distancia o verdadeiro cristão da verdade evangélica e que o deixa com a mente focada no material, quando, na realidade, a nossa esperança não deveria estar em algo deste mundo, mas daquele que há de vir:

“Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas. A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente um Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele transformará os nossos corpos humilhados, para serem semelhantes ao seu corpo glorioso” (Filipenses 3:18-21)

A nossa esperança não está nesta vida – está na próxima. Não devemos ficar “pensando só nas coisas terrenas”, como o fazem aqueles “cujo Deus é o ventre” (Fp.3:19), pois pregam o evangelho somente para a satisfação própria. Paulo alude à nossa real esperança – a cidadania celestial – porque a nossa expectativa não é nas “coisas terrenas” (v.19), mas nas coisas celestiais.

A nossa humilhação só vai ser transformada em algo glorioso quando o Senhor Jesus colocar todas as coisas sob o seu domínio, e isso acontece após a ressurreição dos mortos, sendo que o próprio Paulo escreve dizendo que isso ocorre na “transformação de nossos corpos humilhados”, isto é, na ressurreição da carne.

O que muitos fazem hoje é inverter este quadro. Eles querem viver luxuosamente e em glória já nesta presente vida. O fim que eles terão será a humilhação. Os que querem, porém, viver humildemente e modestamente esta vida, terão seus “corpos de humilhação” transformados em glória quando o Senhor Jesus voltar. Essa mesma lógica é recorrente também em 2ª Tessalonicenses 1:6-7, que diz:

“É justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação, e dar alívio a vocês, que estão sendo atribulados, e a nós também. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes” (2ª Tessalonicenses 1:6,7)

Quando nós teremos alívio das nossas tribulações? Aqui nesta vida? Não, mas quando “o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos,

em meio a chamas flamejantes” (v.7). Não há espaços para duplas interpretações. Os pregadores da prosperidade em nosso meio querem ensinar basicamente aquilo que o ex-presidente Lula disse publicamente – que aquilo que Cristo disse sobre o Reino dos céus e os pobres é “bobagem” e que temos que receber a nossa herança agora mesmo:

“Bobagem, essa coisa que inventaram que os pobres vão ganhar o reino dos céus. Nós queremos o reino agora, aqui na Terra. Para nós inventaram um slogan que tudo tá no futuro (...) Queremos que todo mundo vá pro Céu, agora. Queremos ir pro Céu vivo. Não venha pedir para a gente morrer para ir pro Céu que a gente quer ficar aqui mesmo”³¹

E é exatamente isso o que os pregadores da prosperidade estão pregando hoje. Eles só não dizem abertamente que Jesus falava “bobagem”, mas ensinam precisamente a mesma coisa. Eles querem o Reino dos céus agora, querem as riquezas agora, não querem esperar o futuro. A Bíblia, contudo, nos mostra que serão os pobres que herdarão o Reino de Deus, e que a nossa verdadeira esperança está reservada para nós nos céus, sendo que iremos possuí-la no momento de nossa entrada no Reino, na ressurreição dos mortos para a vida eterna (Fp.3:18-21; 1Pe.1:14).

Qualquer ensinamento que seja diferente disso e que coloque a esperança de riquezas para esta presente vida, seja vindo de um pastor ou de um presidente, deve ser rejeitado, pois temos a clareza de alguém muito maior, um “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap.19:16), alguém que é digno de muito mais confiança do que qualquer presidente aposentado ou pregador da prosperidade.

É importante também mencionarmos a extrema pobreza das próprias comunidades cristãs (piedosas a Deus), que eram pobres. A Igreja da

³¹ Lula em discurso em Salvador/BA, em 21/07/2011. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/politica/lula-chama-de-bobagem-passagem-biblica-que-promete-paraíso-para-os-pobres-2712921> >. Acesso em: 18/11/2013.

Macedônia, por exemplo, passava por muitas tribulações e vivia em extrema pobreza:

“Desejamos dar-vos a conhecer, irmãos, a graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia. Em meio a tantas tribulações com que foram provadas, espalharam generosamente e com transbordante alegria, apesar de sua extrema pobreza, os tesouros de sua liberalidade” (2ª Coríntios 8:1,2)

Paulo é enfático aqui: as igrejas da Macedônia viviam em “extrema pobreza” (v.2)! E eles nem eram os mais pobres, porque fizeram doações para os irmãos de Jerusalém, que eram *ainda mais pobres que eles*!

“A Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta para os irmãos de Jerusalém que se acham em pobreza” (Romanos 15:26)

A situação na Igreja da época era tão crítica que os próprios macedônios, que viviam em “extrema pobreza” (2Co.8:2), tinham que fazer doações aos crentes de Jerusalém, porque estes eram ainda mais pobres! A única comunidade cristã registrada na Bíblia que tinha certa fartura e riqueza era a igreja de Laodiceia, que, curiosamente, é também duramente repreendida e corrigida por Deus por causa disso:

“Ao anjo da igreja em Laodiceia escreva: Estas são as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o soberano da criação de Deus. Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente. Melhor seria que você fosse frio ou quente! Assim, porque você é morno, nem frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca. **Você diz: Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego e que está nu.** Dou-lhe este conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar” (Apocalipse 3:14-18)

Deus fez com que propositalmente a maior crítica severa a uma igreja cristã fosse exatamente dirigida àquela que era a mais rica! Se Deus fosse da linha da prosperidade financeira através do evangelho, claramente iria fazer com que o inverso fosse verdadeiro: que as igrejas mais ricas fossem as mais elogiadas por sua "demonstração de fé" e que as mais pobres fossem desprezadas por não fazerem uso de fé e viverem na miséria por causa disso!

Embora isso seja ensinado pelos falsos mestres em nosso meio, tais exemplos jamais ocorrem na Bíblia Sagrada, sendo que as comunidades cristãs mais carentes eram precisamente as mais elogiadas e as mais ricas e "prósperas" (se levar em consideração que prosperidade é igual a "riquezas") eram exatamente aquelas que Deus diz que iria vomitar de sua boca, que deveria cobrir a sua vergonhosa nudez e que deveria comprar colírio para ungir seus olhos!

Além disso, embora a igreja de Laodicéia fosse bem rica, Deus afirma: "**Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico**" (v.18). Note o termo no futuro – "se **tornará** rico". Mas os laodicensês já não eram ricos? Sim, eles eram, materialmente. Porém, as "riquezas" no olhar de Deus não têm absolutamente nada a ver com riquezas terrenas, mas com espirituais. Você ser rico para Deus não significa possuir mansões, carros importados ou paraísos fiscais, mas é viver uma vida de santidade com boas obras.

Fora disso, qualquer outro tipo de "prosperidade" não passa de mera ilusão. Você pode estar rico materialmente e estar pobre espiritualmente, porque prosperidade financeira nunca foi sinal de bênção ou aprovação divina. Compare, por exemplo, isso que Cristo disse à igreja *materialmente rica* com aquilo que ele disse à igreja *materialmente pobre*, de Esmirna:

"Conheço as suas aflições e a sua pobreza; mas você é rico! Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus mas não são, sendo antes sinagoga de Satanás. Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. Saibam que o diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias. Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida" (Apocalipse 2:9-10)

O texto nos mostra duas coisas: primeiro, que é possível estar espiritualmente muito bem com Deus e mesmo assim passar por muitas aflições e sofrimento, como aqueles cristãos erminiotas passavam e ainda estariam por passar. Segundo, ele nos mostra que, embora a Igreja de Esmirna fosse materialmente pobre, ela era "rica". Perceba o contraste com a Igreja de Laodiceia, que, embora fosse materialmente rica, era "pobre". Deus estava simplesmente aplicando *também à Igreja* o princípio que Jesus disse sobre as *bem-aventuranças aos pobres e os "ais" aos ricos*.

Foi por isso que Jesus disse para o jovem rico se **desfazer** de suas riquezas:

"Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me. E o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades. Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus. E, outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus" (Mateus 19:21-24)

Além disso, Cristo também disse que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus:

"E outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus" (Mateus 19:24)

Embora em momento nenhum nós vemos Jesus ensinando que podemos prosperar pelo evangelho, nós vemos várias vezes ele dizendo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo da agulha do que um rico no Reino de Deus (Mt.19:24), que é difícil entrar um rico no Reino dos céus (Mt.19:23) e para vender tudo e dar aos pobres, porque é somente desta maneira (se desfazendo das riquezas terrenas) que podemos herdar o "*tesouro no céu*" (Mt.19:21).

Convenhamos: se as riquezas fossem um sinal da bênção divina, então por que Jesus não fez aquele jovem ainda mais rico, mas, ao contrário, quis desfazer

dele todas as suas riquezas? E por que Tiago diz exatamente o contrário daquilo que a teologia da prosperidade ensina, quando disse que Deus **escolheu os pobres**, e não os ricos?

“Ouvi, meus caríssimos irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres deste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do Reino prometido por Deus aos que o amam?” (Tiago 2:5)

Os pregadores da prosperidade escolhem os ricos; já Deus, por outro lado, escolheu os pobres deste mundo, para que estes fossem ricos, não em dinheiro, mas em fé. Porque a verdadeira riqueza não consiste na quantidade de bens deste mundo, mas na fé que a pessoa tem em Cristo:

“Então lhes disse: Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens” (Lucas 11:5)

Se Deus quisesse que todos ficassem ricos ou se o evangelho oferecesse uma prosperidade financeira aos fieis em Cristo, então os crentes seriam os ricos, e não os pobres. Consequentemente, Deus teria escolhido pessoas “ricas em dinheiro”, e não os “pobres deste mundo”! São os pobres deste mundo – e não os ricos – que são os “ricos na fé” e “herdeiros do Reino” prometidos por Deus (Tg.2:5)! E não foi apenas para aquele jovem rico que Jesus disse tal coisa. Ele genericamente disse também:

“Vendei o que possuíis e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não se gastam, um tesouro inesgotável nos céus, aonde não chega o ladrão e a traça não o destrói. Pois onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração” (Lucas 12:33,34)

Portanto, a lição de Cristo para aquele jovem não é uma diferente em relação àquilo que ele tem a nos dizer para a “multidão”. Ele diz para vendermos o que possuímos e darmos esmolas, pois “onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Lc.14:34). Isso significa que se você está querendo enriquecer ou se está cheio das riquezas, seu coração ali está. Mas se você se

desfaz das riquezas e dá o dinheiro aos pobres (como Cristo disse), então o seu coração estará inteiramente focado no Pai. Esse conceito também é expresso em uma parábola, onde Jesus diz:

“Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a” (Mateus 13:45-46)

Assim como aquele negociante abandonou tudo o que tinha para obter em troca essa pérola de grande valor, temos que negar todas as ostentações da carne que nos inclinam às riquezas, vivendo uma vida de abnegação, e tudo isso por aquilo que há de maior valor: o evangelho. Foi por isso que Jesus disse:

“Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará ao outro, ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro. Os fariseus, que amavam o dinheiro, ouviam tudo isso e zombavam de Jesus. Ele lhes disse: Vocês são os que se justificam a si mesmos aos olhos dos homens, mas Deus conhece os corações de vocês. Aquilo que tem muito valor entre os homens é detestável aos olhos de Deus” (Lucas 16:13-15)

Aquilo que tem muito valor entre os homens- o dinheiro – é **detestável** aos olhos de Deus! Pelo contexto vemos que Jesus estava falando claramente com respeito ao dinheiro (vs. 13 e 14), sobre a insistência tola de alguns em servir “a Deus e ao Dinheiro” (v.13), e depois corrigindo os fariseus que “amavam o dinheiro” (v.14). Se o dinheiro é detestável aos olhos de Deus (pois tem muito valor entre os homens), então como é que ele iria querer que cada crente enriquecesse cada vez mais?

A não ser que Deus fosse um ser bipolar, que uma hora diz uma coisa e em outro momento diz outra, que uma hora diz que o dinheiro é detestável aos seus olhos e em outra hora prega uma “teologia da prosperidade” em que quer ver cada crente ganhar cada vez mais uma coisa detestável aos seus olhos! Como crer em algo assim?

A teologia da prosperidade, além de tudo, ainda desmerece os pobres. Pois, se os ricos da Igreja são aqueles que tiveram fé para prosperar, então os pobres da Igreja são logicamente aqueles que não têm fé suficiente, que estão no pecado, que não estão dizimando direito ou que estão abrindo "brechas" na vida deles. Isso é completamente o contrário daquilo que Jesus falou sobre os pobres aqui na terra:

"Olhando para os seus discípulos, ele disse: Bem-aventurados vocês os pobres, pois a vocês pertence o Reino de Deus. Bem-aventurados vocês, que agora têm fome, pois serão satisfeitos. Bem-aventurados vocês, que agora choram, pois haverão de rir" (Lucas 6:20,21)

Ao invés de Jesus dizer que bem-aventurados seriam os ricos da "teologia da prosperidade", ele diz que bem-aventurados seriam exatamente os pobres, que de acordo com os teólogos da prosperidade seriam exatamente aqueles que não fazem uso de sua fé e que por isso estão na miséria! Além disso, Jesus chama de bem-aventurados aqueles que agora passam fome, e não esses que tem comida em fartura. O contraste torna-se ainda mais nítido quando comparamos isso com aquilo que Cristo disse aos ricos:

"Mas ai de vocês, os ricos, pois já receberam sua consolação. Ai de vocês, que agora têm fartura, porque passarão fome. Ai de vocês, que agora riem, pois haverão de se lamentar e chorar" (Lucas 6:24,25)

Ao contrário do que Jesus disse aos pobres, quando a mensagem chega na parte dos ricos a conversa muda completamente. Ele passa a dizer que estes deveriam temer, lamentar e chorar, pois já receberam a sua consolação (sinal de que não receberão nenhuma consolação futura). Também diz que eles passarão fome futuramente (v.25). Tudo isso nos mostra que, nos ensinamentos de Jesus, o que é enfatizado é a bem-aventurança daqueles que são pobres nessa terra, jamais tendo dito que estes estão nessa posição por falta de fé, ou que deveriam ser ricos através de uma teologia de prosperidade financeira.

Ao contrário da teologia da prosperidade, que quer enriquecer as pessoas nesta terra, Cristo quer nos apontar sempre o caminho da eternidade, abrindo mão dos bens e prazeres desta vida para ganhar uma posse muito maior, uma ["herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada para vós nos céus"](#) (1Pe.1:4). Nos céus, e não na Terra!

Se os crentes tivessem que enriquecer por meio do evangelho, então o quadro seria precisamente o inverso. Os pobres seriam aqueles que não fazem uso da fé e do chamado "pensamento positivo", e os ricos seriam aqueles que seguiram corretamente o evangelho, sendo elogiados por Cristo em função disso.

É óbvio que tal quadro está longe de ser realidade, pelo simples fato de que Jesus repudiava absolutamente essa heresia que mais devasta e assola o meio evangélico nos nossos dias. Alguns pastores dos dias de hoje estão querendo tirar o povo a qualquer custo do primeiro grupo (dos pobres) para trazer ao segundo grupo (dos ricos). Eles só esquecem de avisar que junto a isso eles transferem também a bem-aventurança de Cristo aos pobres, para fazer parte das ameaças ditas aos ricos.

• **Analizando as passagens utilizadas pelos pregadores da prosperidade**

Mas como toda heresia tem os seus versículos bíblicos isolados e tirados fora do seu contexto, com a teologia da prosperidade não poderia ser diferente. Os "teólogos" da prosperidade sempre arrumam um jeito de incluir meia dúzia de interpretações deturpadas em versos isolados do Antigo Testamento para fundamentar seus falsos ensinamentos. A tática mais famosa é pegar o exemplo de Abraão, que foi um homem rico. Eles só se esquecem de mencionar que **Abraão já era rico antes de conhecer a Deus**, ele não se "tornou" rico por Deus.

Eles também citam reis israelitas, como Davi e Salomão, mas se esquecem de mencionar que **todos os reis israelitas eram ricos, pela simples razão de que eles eram reis!** Da mesma forma que todo Presidente da República hoje em dia

é rico – independentemente se é cristão ou não – igualmente todo rei da antiguidade tinha riquezas, pois o homem mais rico de Israel sempre era o rei, não importa se ele era obediente a Deus ou não. Uma simples leitura nas páginas do AT nos mostra que até os reis ímpios de Israel eram ricos.

Finalmente, o fato de haver um personagem bíblico rico não significa que Deus vai fazer todos ricos, da mesma forma que haver personagens bíblicos pobres não significa que Deus vai fazer todos pobres. Um princípio geral deve ser pautado por uma regra geral, e não há uma única regra geral em toda a Bíblia que afirme que todos os crentes deverão ser prósperos financeiramente. Pegar um exemplo isolado de um indivíduo em particular e pautar isso como regra *geral* para *todos* os indivíduos é aleijar a exegese. Tal método pode enganar incautos, mas não eruditos.

E mesmo se o AT apresentasse como regra geral a prosperidade para quem busca a Deus, isso não significa que *nós* deveríamos prosperar se fizéssemos o mesmo. Por quê? Porque nós estamos no tempo da graça, na Nova Aliança, no Novo Testamento, e não no Antigo. Nós não estamos mais no Antigo Pacto, não vivemos sob a Lei Mosaica de Moisés, não somos judeus das doze tribos de Israel, há que entender essa enorme diferença entre uma coisa e outra. O pacto que Deus fez com os israelitas na Antiga Aliança é uma coisa; o pacto que Deus fez com a Igreja na Nova Aliança é outra muito diferente.

É por essa razão que hoje nós não praticamos a circuncisão no oitavo dia de nascimento dos nossos filhos, é por isso que não sacrificamos cordeiros pelos nossos pecados, é por isso que a maioria das igrejas evangélicas não guarda o sábado, é por isso que nós não comemoramos o ano do Jubileu, é por isso que nós não temos cidades de refúgio, é por isso que nós não matamos alguém que é homossexual ou que não guarda o sábado como mandava a Lei, é por isso que nós não temos que nos lavar sete vezes no rio se cometemos alguma impureza e é por isso que nós não estamos mais sujeitos às leis cerimoniais dos judeus do Antigo Pacto.

Em outras palavras: se quisermos ver aquilo do Antigo Testamento que continua valendo para nós hoje, nós temos que consultar o **Novo** Testamento, que fala sobre o **Novo** Pacto, sobre a **Nova** Aliança. Esse sim se aplica à **Igreja**, e não aos judeus, e que se aplica ao **tempo da graça**, e não ao período veterotestamentário. É por isso que nas páginas do Novo Testamento não encontramos **nada** sobre teologia da prosperidade, porque mudou-se o Pacto, mudaram-se as regras do jogo. Cristo é o **fim** da Lei para a justificação de todo aquele que crê (Rm.10:4). E nessa Nova Aliança não há **nenhuma** promessa de prosperidade para **ninguém**, nem mesmo condicional!

O pastor John Piper corretamente acentua:

"Uma das principais diferenças entre essas duas épocas é que, no Antigo Testamento, Deus glorificou amplamente a si mesmo ao abençoar Israel, de modo que as nações pudessem ver e saber que o Senhor é Deus... O padrão no Antigo Testamento é uma religião **venha-ver**... O Novo Testamento não apresenta uma religião venha-ver, mas uma religião **vá-anunciar**... Então, se um pregador da prosperidade me questiona sobre as promessas de riqueza para pessoas fieis no Antigo Testamento, minha resposta é: leia seu Novo Testamento com cuidado e veja se você encontra a mesma ênfase. Você não irá encontrar. E a razão é que as coisas mudaram dramaticamente"³²

E ele explica:

"Israel não foi enviada como uma 'Grande Comissão' para ajuntar as nações; pelo contrário, ela foi glorificada para que as nações vissem sua grandeza e viessem a ela. Então, quando Salomão construiu o templo do Senhor, foi espetacularmente abundante em revestimentos de ouro... Então, quando tudo estava construído, o nível de sua opulência é visto em 1Reis 10, quando a rainha de Sabá, representando as nações gentias, vai ver a glória da casa de Deus e de Salomão. Quando ela viu, 'ficou como fora de si'(1Reis 10:5). Ela disse: 'Bendito seja o Senhor, teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no trono de Israel; é porque o Senhor ama a Israel para sempre, que te constituiu rei' (1Reis 10:9)...

³² John Piper, **Aos Pregadores da Prosperidade**, Capítulo 10, "Ensine-os o Ide".

Com a vinda de Cristo tudo isso mudou... O Novo Testamento não apresenta uma religião venha-ver, mas uma religião vá-anunciar. 'Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século' (Mateus 28:18-20)"³³

É por isso que não podemos confundir o Antigo com o Novo Pacto, pois os dois são duas regras diferentes para um mesmo jogo. Assim como se você deixar o Brasil e for à China você estará sujeito às leis *deles*, que podem diferir em muita coisa das leis daqui do Brasil, também o Novo Pacto tem vários pontos que o distinguem do Antigo Pacto.

ANTIGA ALIANÇA (AT)	NOVA ALIANÇA (NT)
Para os judeus	Para os cristãos
Vigorou até a morte de Cristo	Entrou em vigor após a morte de Cristo
"Venha ver"	"Vá anunciar"
Promessas <i>individuais</i> de prosperidade	Promessa <i>coletiva</i> de sofrimento

Se pegar um verso isolado de uma promessa *individual* na Nova Aliança para aplicar a um *conceito geral* dentro do mesmo Pacto já é absurdo (pois promessas individuais valem apenas para a própria pessoa que a recebe, enquanto promessas gerais se aplicam a todos indistintamente), quanto mais absurda é a ideia de se tomar uma promessa individual do *Antigo* Pacto e se aplicar como regra geral do *Novo* Pacto!

O sofrimento na Nova Aliança não era apenas um princípio individual para uma ou outra pessoa em específico, mas uma regra geral. Foi por isso que Paulo disse que "**todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições**" (2Tm.3:12), e, falando para toda a Igreja e aplicando o plural, diz que "**é necessário passarmos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus**" (At.14:22). Já acompanhamos muitas outras passagens nos capítulos

³³ ibid.

anteriores, que provam de maneira clara que é o sofrimento – e não a prosperidade – a regra geral no Novo Pacto, em que estamos inseridos.

Mas os teólogos do outro evangelho não desistem. Tentando dar uma “carinha cristã” às suas falsas doutrinas, eles apelam a alguns textos neotestamentários, em especial ao de Marcos 10:29-30, que diz:

“Digo-lhes a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, deixará de receber cem vezes mais já no tempo presente casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, e com eles perseguição; e, na era futura, a vida eterna” (Marcos 10:29-30)

Com isso, alguns hereges como Oral Roberts, Essek Kenyon e Kenneth Hagin inventaram que quem doasse ao ministério deles iria receber cem vezes mais (dinheiro) em troca. Eles fingem que não conseguem perceber o óbvio: que essa passagem não está em sentido literal, mas alegórica (espiritual), pois também fala de receber **cem vezes mais irmãos e mães**, e até hoje eu não vi um único pregador da prosperidade que possuía cem mães ou cem irmãos literais!

Portanto, Marcos 10:29-30 não chega nem perto de pautar alguma multiplicação matemática e literal de dinheiro, da mesma forma que não multiplica literalmente as mães e os irmãos. Jesus não estava falando de receber cem vezes mais dinheiro – o que crente nenhum já conseguiu através da fé, a não ser os pregadores da prosperidade enganando os humildes leigos – mas sim de fraternidade.

Teremos mais campos porque, em Cristo, tudo o que é dos outros irmãos também é nosso, e tudo o que é nosso também é dos nossos irmãos. Isso pode ser difícil de se imaginar em nossos dias, mas era muito fácil de se entender naquela época, quando a Igreja primitiva assimilou essas palavras de Cristo e colocou exatamente isso em prática, dividindo tudo uns com os outros (At.4:35), de modo que “ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham” (At.4:32).

Da mesma forma, haveria uma "multiplicação de familiares" porque os cristãos se consideravam **irmãos** uns dos outros, em sentido espiritual, logicamente. Impressiona que tenha tanta gente que seja tão facilmente enganada com textos como esse, mal interpretados propositalmente por falsos profetas que buscaram entesourar nesta terra, vendendo o evangelho e lucrando com ele.

Outros pregadores da prosperidade fazem menção ao texto de João 14:14, em que Jesus diz:

["O que vocês pedirem em meu nome, eu farei"](#) (João 14:14)

Então, para eles, se você pedir (ou mandar, exigir, determinar, decretar e tomar posse da bênção) dinheiro a Deus, Ele dará dinheiro! De fato, foi isso o que disse Kenneth Hagin, um dos maiores hereges modernos da prosperidade:

["E você sabe o que vai acontecer agora? Vou contar-lhe um segredo. Alguém vai me dar 50 mil dólares. Porque você pode ter aquilo que diz"](#)³⁴

É lógico que Cristo não estava se referindo a bens materiais para enriquecimento próprio, nem tampouco estava dizendo que *qualquer coisa* seria dada a quem pedisse. Por exemplo, se alguém pedir para se tornar Deus, certamente não será atendido, nem isso é possível. Se alguém orar para que o Sol deixe de existir amanhã, ele acordará no dia seguinte e o Sol continuará ali.

Se alguém pedir 1 trilhão de dólares, poderá esperar sentado a vida inteira que jamais chegará a alcançar essa quantia. Se alguém orar com muita fé para ganhar sempre na Mega Senna em todas as semanas, duvido muito que chegue a ganhar uma única vez. Milhares de exemplos poderiam ser passados para mostrar o óbvio: Deus não atende qualquer coisa.

Mas por que não? Porque há um princípio *implícito* dentro de todos os textos que falam sobre ter aquilo que pede, que é a condição de aquilo ser *da vontade de Deus*. Foi por isso que João, ao citar a mesma coisa que Cristo disse, expôs

³⁴ HAGIN, Kenneth Erwin. **Fé que move montanhas**, p. 21;

esse princípio básico como a condição necessária para se obter aquilo que pede a Deus:

“Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a sua vontade, ele nos ouve. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos” (1ª João 5:14-15)

Então, a pergunta que deve ser feita é: Deus atende a oração de quem pede riquezas? Tiago responde a essa pergunta:

“Quando pedem, não recebem, pois pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres” (Tiago 4:3)

Ou seja: aquilo que é para gastar consigo mesmo, para *os seus próprios prazeres*, é um motivo errado, que Deus não atende. Quem ora pedindo riquezas quer exatamente isso: lucrar para obter algum bem material para o seu próprio prazer, enquanto há milhões de pessoas que estão necessitadas e passando fome neste exato momento. Os cristãos que enriquecem não enriquecem porque Deus os levou a este fim, mas por razões naturais dentro do mundo dos negócios.

O homem mais rico do mundo, Bill Gates, é *ateu*. Certamente ele não fez uma oração a Deus pedindo prosperidade. Muitos outros dos mais ricos são os *sheiks* muçulmanos, que não são cristãos. Da mesma forma que eles, é possível um crente ser rico, como o bilionário Edir Macedo, lucrando à custa dos pobres fieis, praticando extorsão e lucrando com um canal de televisão que passa violência e promiscuidade o dia inteiro – mas nada indica que foi Deus que o prosperou.

Por fim, eles costumam distorcer o sentido de uma outra passagem bíblica, que diz:

“Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos” (2ª Coríntios 8:9)

Com isso, eles creem que Paulo estava dizendo que a razão de Jesus ter se tornado pobre foi para nos tornar ricos materialmente aqui nesta terra. Nunca vi uma exegese tão pobre em toda a vida. Em primeiro lugar, em lugar nenhum do texto está dizendo que essa riqueza é *material* ou que consiste em bens materiais; e, em segundo lugar, em parte nenhuma o texto diz que essa riqueza é uma posse *terrena*, e não celestial.

Paulo estava traçando um contraste entre Jesus e nós. Ele intercambiavelmente faz comparações entre o mundo espiritual e material, o que é pouco discernido por muitos. Vamos passo a passo ver o que Paulo estava dizendo neste verso, parafraseando-o:

1. “...Cristo, sendo rico” – riqueza espiritual, celestial.
2. “...se fez pobre” – pobreza material, terrena.
3. Para que nós, “por meio de sua pobreza...” – pobreza material, terrena.
4. Tornemos-nos “ricos” – riqueza espiritual, celestial.

O apóstolo Paulo estava simplesmente traçando uma analogia onde ele mostra que Cristo “trocou de lugar conosco”. Ele era “rico” (no Céu), mas se fez “pobre” (na Terra). Então, os cristãos (que são pobres) podem tornar-se ricos (no Céu). Se essa riqueza fosse algo terreno e material, então além de toda a analogia de Paulo entre nós e Cristo ir para o espaço, também deveríamos pensar que os coríntios (a quem ele escrevia) eram ricos.

Porém, como já vimos, as comunidades cristãs, incluindo a de Corinto, eram pobres (2Co.8:2; Rm.15:26). Como é que Paulo pôde ter dito que Jesus nos fez ricos nesta terra se as pessoas a quem ele escrevia eram pobres? E como é que *o próprio Paulo*, que fundou a Igreja de Corinto, poderia ser pobre (1Co.4:11-13), se supostamente Cristo morreu para que nós fôssemos ricos? Há uma enorme contradição de termos na teologia da prosperidade.

Além disso, nós vemos que essa “riqueza” que ele fala acerca de Cristo é a que nós iremos possuir também, e a riqueza de Cristo diz respeito a uma riqueza celestial. Assim, seguindo esta mesma lógica, a riqueza que nós possuiremos é a mesma de Cristo (a espiritual, e não terrena). Ele está dizendo que nós seremos ricos como Cristo. Mas em que sentido que Cristo era rico? Na terra? Não, no Céu!

Portanto, o que Paulo está apontando neste verso específico não é nada contraditório àquilo que ele ***sempre*** afirmava em suas epístolas, que nós somos “pobres” (1Co.4:11-13), mas herdaremos uma recompensa incorruptível e gloriosa no futuro, quando Jesus voltar (Fp.3:20,21). Quando isso acontecer, o quadro que Paulo descreve em 2ª Coríntios 8:9 se completa: Cristo volta e nós subimos, para sermos ricos como ele.

É óbvio que Paulo estava falando de riquezas celestiais, concordando com aquilo que Jesus Cristo afirmou:

“Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mateus 6:19-21)

Se Cristo veio para nos tornar ricos em matéria de dinheiro para esta vida, então por que ele foi afirmar justamente para “não juntarmos tesouros [riquezas] na terra”? A resposta é óbvia: porque a nossa riqueza não está na terra, mas no Céu, a nossa pátria. Portanto, o que Paulo diz em 2ª Coríntios 8:9 é essencialmente o mesmo daquilo que Jesus afirma em Mateus 6:19-21 – que não devemos ajuntar riquezas terrenas, mas entesourar (por meio da fé) “tesouros” (espirituais) para a vida futura (a vida eterna), onde seremos “ricos”.

Nada, em absolutamente lugar nenhum, faz pensar que Jesus ou Paulo queria que nós ajuntássemos riquezas na terra ou que Cristo deu a sua vida por nós

para que tivéssemos dinheiro nesta vida! Esta interpretação é uma **blasfêmia** contra a obra de Cristo na cruz, que em nada tem a ver com o dinheiro, que o próprio Jesus afirma para se desfazer e dar aos pobres (Lc.12:33,34)!

Paulo até mesmo chega a chamar os pretensos teólogos da prosperidade de “orgulhosos” que “nada entendem”, porque “possuem a mente corrompida”:

“Se alguém ensina falsas doutrinas e não concorda com a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino que é segundo a piedade, é orgulhoso e nada entende. Esse tal mostra um interesse doentio por controvérsias e contendas acerca de palavras, que resultam em inveja, brigas, difamações, suspeitas malignas e atritos constantes entre pessoas que têm a mente corrompida e que são privados da verdade, **os quais pensam que a piedade é fonte de lucro**. De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, **pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos**. Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram a si mesmas com muitos sofrimentos” (1ª Timóteo 6:3-10)

Por incrível que pareça, já existiam pregadores da prosperidade nos tempos de Paulo, pessoas que achavam que o evangelho era fonte de lucro, que desejavam ficar ricas, que cobiçavam o dinheiro. O que Paulo responde a tais pregadores? Ao invés de ensinar alguma teologia da prosperidade, em que *realmente* é possível sair lucrando com o evangelho, ele diz exatamente o contrário: que nós nada trouxemos para este mundo e que dele nada podemos levar; por isso, **tendo o que comer e com que vestir já devemos estar satisfeitos**.

O autor de Hebreus disse o mesmo:

“Conservem-se livres do amor ao dinheiro e **contentem-se com o que vocês têm**, porque Deus mesmo disse: ‘Nunca o deixarei, nunca o abandonarei’”
(Hebreus 13:5)

Ele escrevia em uma época em que os hebreus passavam por tanta fome que era necessário que as outras igrejas *também pobres* fizessem doações a eles (2Co.8:2; Rm.15:26), e, ainda por cima, estavam passando por tribulações (Hb.10:32,33), mas mesmo assim ele não diz para buscarem a prosperidade, mas para *se contentarem com aquilo que eles tinham*, mesmo sendo tão pouco.

Mas os teólogos da prosperidade não ficam satisfeitos somente com as necessidades básicas do ser humano – ter o que comer e com que vestir –, eles querem mais: querem *riquezas*, querem tudo do bom e do melhor, querem o melhor carro, a melhor casa e diversos itens que vão muito além do mais básico para a sobrevivência. Eles são exatamente o *oposto* do que Paulo era e pensava. Para o apóstolo, tais pregadores da prosperidade de seus dias acabavam caindo na ruína e na destruição espiritual, desviando-se da fé e se atormentando com muitos sofrimentos.

Os teólogos da prosperidade se baseiam no texto de Lucas 12:31 para dizer que, se formos fieis a Deus, *todas as coisas nos serão acrescentadas*. Com isso, eles pretendem incluir toda a prosperidade financeira, riquezas, carros, mansões, iates, jatinhos e outros bens materiais. Afinal, “tudo é tudo”. A esperteza dos falsos profetas em cima deste texto é tamanha que uma única palavra que eles omitem é o suficiente para refutar toda a manipulação deles:

“Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”
(Lucas 12:31)

O que eles omitem neste texto é que Jesus não disse que “todas as coisas” nos serão acrescentadas, mas “todas estas coisas”, ou seja: um conjunto específico de coisas que já haviam sido ditas naquele texto. E quais são essas coisas? Para descobriremos isso basta fazermos aquilo que nenhum pregador da prosperidade faz: *contextualizar* o texto. Vejamos:

“Não pergunteis, pois, que haveis de **comer**, ou que haveis de **beber**, e não andeis inquietos. Porque as nações do mundo buscam todas **estas coisas**; mas vosso Pai sabe que precisais delas. Buscai antes o reino de Deus, e todas **estas coisas** vos serão acrescentadas” (Lucas 12:29-31)

Contextualizando a passagem, vemos que “**estas coisas**” que o texto se refere dizem respeito a *necessidades básicas* de sobrevivência, quanto a comer e beber. Nada tem nada a ver com algo que vai *além* daquilo que é o suficiente para viver. Portanto, Jesus estava nesta ocasião dizendo o mesmo que Paulo se expressou no texto que anteriormente vimos: que tendo o que comer, beber e se vestir, estejamos com isso satisfeitos. Não busquemos além. Não desejemos a “prosperidade”, mas a suficiência, se for da vontade de Deus. Pois os que querem prosperar (ficar ricos) “**caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição**” (1Tm.6:9).

“Mas Jesus disse que ele veio para nos dar vida e vida em abundância”, alguém vai alegar. Sim, é verdade, mas o que é abundância no conceito bíblico? Se essa abundância de vida é a prosperidade financeira, então nem Jesus era abundante, pois já vimos em vários textos bíblicos que ele era pobre. Então como é que Jesus nos iria dar uma abundância que nem ele próprio possuiu enquanto homem? Não há qualquer sentido nisso.

Ademais, se essa abundância diz respeito ao dinheiro ou também *inclui* dinheiro, então ela ficou faltando para Paulo e os demais apóstolos e comunidades cristãs da época, pois também já vimos que eles viviam na simplicidade, para não dizer pobreza. Será que os primeiros cristãos não desfrutaram da abundância que Cristo disse, nem nenhum crente pobre desfruta dela hoje, que somente é compartilhada pelos cristãos ricos? Também não faz sentido.

Mas se essa abundância de vida não se refere nem incluiu o dinheiro, então a que diz respeito? Deixemos que o próprio Senhor Jesus responda a esta questão:

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27)

Essa "abundância" de que Cristo fala trata-se da paz interior que aqueles que estão em Cristo sentem por viver uma vida de santidade em amor a Deus. Elas são preenchidas interiormente, não com riquezas ou ostentação de bens, mas com uma satisfação interior, uma paz que Cristo nos dá, o Espírito Santo da nossa consolação que é a garantia da nossa redenção até o dia da volta do Nosso Senhor (2Co.5:5). Essa "paz interior" não tem nada a ver com dinheiro, pois dinheiro não traz felicidade! Ele pode trazer uma falsa ilusão de felicidade (a *"paz que o mundo dá"*), mas não a *verdadeira* felicidade.

É por isso que os países mais ricos e desenvolvimentos do mundo (como a Suécia e Noruega) "misteriosamente" também são os mesmos que mais tem casos de suicídio. Por que eles se suicidam tanto? Simplesmente porque eles não têm a verdadeira paz (a paz de Cristo). Eles têm é uma *ilusão* de paz, a paz que o mundo dá, que consiste nas riquezas terrenas, e que levam o homem à perdição. Note que Cristo faz uma forte antítese entre a paz que ele concede (paz interior) com a paz que o mundo concede (riquezas).

Se a paz de Cristo também consistisse em riquezas, então ele não faria tal distinção, dizendo que *"a minha paz vos dou, não a dou como o mundo a dá"*. O mundo oferece riquezas, bens materiais, "tesouros" como sendo a fonte dessa paz. Cristo, ao contrário, nos oferece uma paz diferente, porém muito mais significativa: uma paz interior, a santidade, a redenção pelo Espírito. E é essa a esperança dos cristãos, essa é a "vida em abundância" que Cristo diz.

• **Teologia da Prosperidade: o atalho fácil que conduz à perdição – o “caminho espaçoso” (Mt.7:13)**

“E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lucas 9:23)

Não existe o “morrer para si mesmo” (Lc.9:23) na teologia da prosperidade, mas somente uma vida de riquezas e bens materiais. Paulo, porém, disse:

“Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro” (Romanos 8:36)

“Declaro, irmãos, pelo regozijo que tenho a vosso respeito em Cristo Jesus nosso Senhor, que morro todos os dias” (1 Coríntios 15:31)

O ensino de que Deus quer que sejamos ricos gera, além de cristãos materialistas, uma verdadeira apatia à “morte” descrita no evangelho. Como alguém com um excepcional carro, mansão, dinheiro de sobra e bens materiais superabundantes pode morrer todos os dias? Esse estilo de vida está muito longe de ser a morte que Paulo fala, o “morrer para si mesmo” que Cristo diz! Negar a si mesmo e morrer para a sua própria vida certamente não condiz com a posição de algum pregador da prosperidade.

É somente com a morte que Cristo produz vida. Como Paulo disse, “o que você semeia não nasce a não ser que morra” (1Co.15:36). Se você vive luxuosamente e não morre para esta vida, não pode ganhar a próxima. A vida cristã não é feita de uma porta larga e um caminho amplo, mas de uma “porta estreita” (Lc.13:24) e de um “caminho estreito” (Lc.13:24). O evangelho da prosperidade é exatamente o oposto disso: é o caminho amplo, que leva muitos à perdição.

Não adianta apenas entrar pela porta estreita, tem que se seguir o *caminho* estreito! Uma vida cheia de riquezas e bens materiais, longe de ser a negação de si mesmo, está muito mais para o caminho amplo, em direto contraste com aqueles que negam a si mesmos, tomam a sua própria cruz e seguem o

caminho apertado, abrem mão de riquezas e bens materiais, tornam-se dignos de lástima por amor a Cristo, pois sabem que possuem bens superiores esperando-os na Jerusalém Celestial.

A teologia da prosperidade, querendo ser a “arca de Noé” que oferece algo que é atraente aos olhos de quem está em dívidas e quer se refugiar nela, na verdade acaba sendo o próprio dilúvio. Ela é a porta larga, ela é o caminho amplo. É por ela que se passa aqueles que procuram o atalho: uma vida em que tomar a sua cruz não é tão necessário assim, pois é mais fácil tomar o seu carro de uma última geração e ter o seu bolso cheio do que caminhar pela Via Dolorosa.

É por essas e outras que a teologia da prosperidade não pode ser aceita por nenhum cristão sério que tenha prazer na verdade, que queira realmente seguir o caminho estreito, antes que os atalhos que a vida nos oferece. Esses atalhos parecem melhores e menos dolorosos para se chegar a Deus. Eles parecem nos indicar que podemos ganhar tanto esta vida como a próxima, fazendo-nos pensar que podemos ser muito ricos e mesmo assim entrarmos no Reino dos céus, como um típico e verdadeiro atalho que é.

A vida que Cristo nos propõe não é essa. Ele diz que é mais fácil passar um camelo no fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus, para mostrar como que o caminho das riquezas não passa de um atalho que desvia o verdadeiro cristão da verdadeira fé. É somente seguindo o caminho estreito – uma vida de tribulações e sofrimentos, abrindo mão daquilo que lhe é mais do que o suficiente – que podemos adentrar os portões celestiais, sabendo que não tomamos nenhum atalho ou caminho fácil, mas somente aquele prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo e pelos apóstolos dele: o caminho das tribulações e da negação própria.

CAP. 9 – CRENTE NÃO PODE FICAR DOENTE?

“Erasto permaneceu em Corinto, mas deixei Trófilo doente em Mileto” (2ª Timóteo 4:20)

Outra heresia que provém da tese de que o crente não pode sofrer é que o cristão que tem fé não pode ficar doente. Eles dizem que Jesus *já levou* as nossas enfermidades na cruz, e que, portanto, se Jesus realizou esse ato no passado ninguém mais hoje em dia precisa ficar doente, e todos os crentes verdadeiros tem que ser curados sempre. Eles se baseiam em dois textos bíblicos, o de Isaías 53:4 e o de 1ª Pedro 2:24. Vejamos:

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido” (Isaías 53:4)

“Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (1ª Pedro 2:24)

A exegese deles é tão pobre e tão superficial que eles não são capazes de perceber dois detalhes importantes nestes dois textos. No de Isaías, não está apenas escrito que Jesus já levou sobre si as nossas enfermidades, mas também que ele já levou sobre si *as nossas dores*. Mas **isso obviamente não significa que o crente não sofre**, porque, como vimos até aqui em todo o livro, *todos* os crentes sofriam, Jesus foi o que mais sofreu, Paulo sofria o tempo inteiro, as igrejas cristãs da época passavam por duras perseguições e por muito sofrimento e é necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus.

Paulo vai além e diz que nós temos o privilégio de não apenas crer, mas também de *sofrer* por Jesus (Fp.1:29). Portanto, se os cristãos sofriam tanto – e os que vivem piedosamente sofrem até hoje – então é óbvio que o fato de

Cristo ter levado sobre si as nossas dores não significa que nós não podemos sofrer. Por quê? Porque isso só será *consumado* de fato no futuro, após a ressurreição, conforme está escrito em Apocalipse 21:4:

“E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, **nem dor**; porque já as primeiras coisas são passadas” (Apocalipse 21:4)

Note que o texto bíblico se refere a crentes, a pessoa já salva, e não aos ímpios. Em outras palavras, ele está dizendo que *a partir daquele momento* (i.e, depois da ressurreição) já não haveria mais dor, o que significa obviamente que, enquanto estamos aqui hoje, sofremos. O nosso alívio será na volta de Jesus, como disse Paulo (2Ts.1:7). Ali sim já não haverá mais dor, mas aqui sofremos.

Sobre o texto de 1ª Pedro, eles não percebem outra coisa óbvia ali presente: que Cristo também já tomou sobre si *os nossos pecados*, mas isso não significa que nós não pecamos mais! O fato de Jesus já ter levado sobre si os nossos pecados não significa que nós não pecamos mais, como se nenhum crente pecasse.

O mesmo ocorre em 1ª Coríntios 15:54, em que Paulo diz:

“Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘**A morte foi tragada pela vitória**’” (1ª Coríntios 15:54)

Note que “a palavra escrita” que Paulo diz coloca o tempo verbal **no passado**, dizendo que a morte foi (no passado) tragada pela vitória. Mas o que o texto diz que ocorre no passado, Paulo coloca **no futuro**, dizendo que, por ocasião da ressurreição, se cumprirá (no futuro) a palavra que foi escrita! Aqui temos novamente a mesma ideia: a morte **foi** – no passado – tragada pela vitória, mas isso não significa que o crente não morre! Ao contrário: nós morremos e Paulo aplica **para o futuro** o texto que coloca o tempo verbal no passado!

É exatamente a mesma coisa que ocorre em relação às enfermidades. Da mesma forma que Cristo já tomou sobre si os nossos pecados mas nós *continuamos pecando*, da mesma forma que Cristo já tomou sobre si as nossas dores mas nós *continuamos sofrendo*, e da mesma forma que a morte já foi tragada pela vitória mas nós *continuamos morrendo*, igualmente Cristo já tomou sobre si as nossas enfermidades, mas nós continuamos sujeitos às doenças.

TEXTO BÍBLICO DIZ	REALIDADE	APLICAÇÃO
Jesus já levou nossos pecados	Nós continuamos pecando	Deixaremos de pecar no futuro
Jesus já levou nossas dores	Nós continuamos sofrendo	Deixaremos de sofrer no futuro
A morte já foi tragada pela vitória	Crentes continuam morrendo	Nos tornaremos imortais no futuro
Jesus já levou nossas enfermidades	Nós continuamos sujeitos às doenças	Deixaremos de contrair doenças no futuro

Da mesma forma que todos os apóstolos sabiam que Cristo já levou nossos pecados e nossas dores – mas também sabiam que nós continuamos pecando e sofrendo – e também sabiam que a morte foi tragada pela vitória – mas também sabiam que os crentes continuam morrendo – eles também sabiam que Jesus já levou nossas enfermidades, mas que isso só seria consumado em nossa vida no futuro, e não agora.

Você pode determinar quantas vezes quiser dizendo que não irá morrer porque a morte já foi tragada que mesmo assim você irá morrer um dia, da mesma forma que os proponentes do chamado “Movimento de Fé” morreram – todos. Você também pode “tomar posse da bênção” dizendo que não irá nunca mais pecar porque Cristo já levou nossos pecados na cruz, e eu garanto a você que você não se tornará o Supra-Sumo da santidade, mas continuará pecando até morrer.

Assim também, de nada adianta tomar posse da bênção ou determinar a cura porque Jesus já tomou nossas enfermidades, pela simples razão de que, a

exemplo dos demais, isso só irá se consumir no futuro na vida dos crentes. Mas por quê? Por que aqueles textos bíblicos colocam no passado algo que está tão claro que somente se consumará no futuro? Porque ainda não se manifestou o que haveremos de ser:

“Amados, agora, somos filhos de Deus, e **ainda não se manifestou o que haveremos de ser**. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1ª João 3:2)

É comum os textos bíblicos colocarem no passado uma confiança *futura*, para expressar a certeza daquilo que um dia haveremos de ser, mesmo que nós *não sejamos ainda*. João disse que em nós ainda não se manifestou aquilo que haveremos de ser. Quer dizer: dores, aflições, tribulações, sofrimentos, doenças, morte e pecado são coisas que serão definitivamente apagadas da nossa vida na ressurreição da vida eterna, mas não agora. Não ainda. É por isso que nós estamos gemendo em nosso íntimo, **aguardando** a nossa adoção como filhos:

“Nós que temos as primícias do Espírito, gememos em nosso íntimo, **aguardando** a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23)

Cristo já vivificou o nosso espírito (i.e, nosso caráter, moralidade, nosso modo de ser e agir), que de fato *já foi* e *está sendo* transformado dia a dia pelo Espírito Santo, **mas o nosso corpo continua morto por causa do pecado**, mesmo para aqueles que já estão em Cristo. Isso fica claro no texto que Paulo escreve aos romanos:

“Se, porém, Cristo está em vós, **o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado**, mas o espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos **vivificará também o vosso corpo mortal**, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (Romanos 8:10-11)

As doenças, enfermidades e dores fazem parte do corpo (do físico), que, diferentemente do nosso espírito que é renovado, permanece **morto** com os

efeitos do pecado, ou seja: permanece sujeito a doenças, dores e enfermidades. Ele não é vivificado nesta vida, mas *na próxima*, na ressurreição da carne. É só então que o nosso corpo também será vivificado, e onde estaremos livres das doenças, dores e enfermidades.

Os “teólogos” da confissão positiva invertem essa ordem. Para eles, o nosso espírito e também o nosso corpo já estão vivificados, pois não podemos ficar doentes, e, se ficarmos, temos sempre que ser curados. Já para o apóstolo Paulo, nosso corpo **continua morto** por causa do pecado, ele só será vivificado por Cristo na ressurreição, e não antes!

É por isso que Paulo diz que seu interior se renovava dia após dia, mas seu exterior se desgastava cada vez mais (2Co.4:16). Ele estava dizendo que seu lado espiritual (i.e, sua comunhão com Deus) estava cada vez melhor e crescendo cada vez mais; contudo, seu “homem exterior” (o que obviamente inclui dores, enfermidades, sofrimento, desgaste, cansaço e tudo mais que envolve o lado físico) estava cada vez mais desgastado. Ele não diz que tanto o interior quanto o exterior se renovavam, como creem os pregadores do “Movimento de Fé”.

Enquanto estamos nesta vida, vivemos com um corpo “mortal” (1Co.15:53) e “corruptível” (1Co.15:53), sujeito a todos os males que afetam o corpo. A Bíblia não diz que o crente no momento que se converte passa a ter um corpo incorruptível para não ter mais doença nenhuma; ao contrário: diz que também o crente só herdará uma natureza incorruptível na ressurreição dos mortos, e não antes:

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta, a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (1ª Coríntios 15:51-54)

É por isso que o nosso corpo atual é chamado de “corpo de humilhação”:

“Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele **transformará os nossos corpos humilhados**, para serem semelhantes ao seu corpo glorioso” (Filipenses 3:21)

Para os pregadores do “Movimento de Fé”, Deus transforma os corpos dos crentes no momento em que se convertem, para não mais estarem sujeitos a doenças e para serem curados sempre. Já para o apóstolo Paulo, Deus somente transformará nossos **corpos humilhados** (que são assim chamados porque estão sujeitos a tudo aquilo que ataca o lado físico do ser humano) por ocasião da ressurreição, no futuro, quando, aí sim, herdaremos um corpo glorioso, semelhante ao de Cristo, sem doença, sem morte, sem dor.

Isso explica o porquê que em toda a Bíblia vemos crentes e homens de Deus ficando doentes. O próprio Paulo não era uma exceção a isso. Ele tinha uma deficiência nos olhos, que ele relatou aos gálatas:

“Como sabem, **foi por causa de uma doença** que lhes preguei o evangelho pela primeira vez. Embora a **minha doença** lhes tenha sido uma provação, vocês não me trataram com desprezo ou desdém; pelo contrário, receberam-me como se eu fosse um anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus. Que aconteceu com a alegria de vocês? **Tenho certeza que, se fosse possível, vocês teriam arrancado os próprios olhos para dá-los a mim**” (Gálatas 4:13-15)

Paulo fala duas vezes nestes versos que tinha uma *doença*, diz que foi por causa dessa doença que pregou o evangelho a eles pela primeira vez – o que indica que ele veio à Galácia a procura de um médico e aproveitou a oportunidade para pregar o evangelho ali – e ainda indica que essa doença era nos olhos e era coisa grande, a tal ponto que era uma *provação* aos gálatas, que poderiam tratá-lo com desprezo ou desdém por causa dessa doença.

Portanto, certamente não era uma doença qualquer, mas algo muito sério, que desfigurava os olhos do apóstolo, algo bem visível, que poderia causar o desprezo de muitos deles, ao olharem para os olhos deformados daquela pessoa. E essa não foi a única vez que Paulo falou sobre essa doença que ele tinha. Aos coríntios, ele disse que chegou a rogar a Deus por três vezes que tirasse aquilo que ele metaforicamente chamou de “espinho na carne”, **mas Deus não o atendeu com a cura**, ao contrário: disse que a Sua graça lhe bastava:

“Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: ‘Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza’. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte” (2ª Coríntios 12:7-10)

Quatro coisas importantes podem ser tiradas desse relato de Paulo. Primeiro, que Deus não atende a tudo aquilo que se pede com fé. Paulo foi o maior apóstolo que já existiu, ele pediu três vezes *insistentemente* a Deus, mas mesmo assim não foi atendido. Se Paulo pediu uma simples cura e não foi atendido, quanto menos serão atendidos aqueles que pedem prosperidade para acumular tesouros na terra neste mundo.

Segundo, este texto nos mostra mais uma vez que Paulo sofria com *fraquezas, insultos, necessidades, perseguições e angústias*, que são todas as coisas que os pregadores neopentecostais mais atribuem aos crentes derrotados, aos fracassados na fé, pois o vencedor deve ter exatamente o perfil oposto a isso.

Terceiro, este texto nos mostra que *o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza, e não na força*. Os pregadores da prosperidade ensinam o inverso: que o poder de Deus se aperfeiçoa na *força*, quando o crente está rico, próspero, vencendo

na vida, tendo sucesso no trabalho, realizando grandes conquistas, ficando sempre curado e nada sofrendo. Eles querem formar crentes “fortes”, o oposto daquilo que Paulo era. Ele não era nem tinha nada disso, era “fraco” fisicamente falando, era desprezado e passava necessidades, mas se gloriava em Deus porque sabia que eram *nestas condições* que o poder de Deus se aperfeiçoava ainda mais na vida dele!

Em quarto, e por fim, este texto nos mostra que Paulo tinha uma doença, que ele orou para que fosse curado e que ele mesmo assim não foi curado. Alguns pregadores do Movimento de Fé contestam isso, dizendo que esse espinho na carne não era uma doença, mas simplesmente as tribulações que ele passava. Isso é claramente negado pelo fato de que Paulo em momento nenhum orou para Deus livrá-lo de passar por tribulações, ainda mais porque ele disse que foi *destinado* para essas tribulações (1Ts.3:3), que o próprio Senhor Jesus disse o quanto que ele seria atribulado e sofreria (At.20:23), que ele sabia que a tribulação era *necessária* para ser salvo (At.14:22) e que ele considerava o sofrimento cristão um *privilegio* (Fp.1:29).

Então é óbvio que Paulo não se referia às tribulações, mas a alguma doença, e é quase certo que isso tenha relação com a *mesma doença* que ele disse aos gálatas (Gl.4:13-15), sua doença nos olhos. Como todos nós, Paulo também não queria continuar doente. Ele orou a Deus, **não determinou, não exigiu nem tomou posse de nada, apenas “pediu” (rogou)**, mas recebeu um “não” como resposta por três vezes, até que se convenceu de que não era da vontade de Deus que ele fosse curado. Foi por meio daquela doença que ele pregou aos gálatas (Gl.4:13), e por meio dessa fraqueza que o poder de Deus se aperfeiçoou nele (2Co.12:9).

Outro personagem bíblico que sempre tinha enfermidades era Timóteo. Ele foi discipulado por Paulo, que o chamava de “filho” (1Tm.1:2,18). Era temente a Deus, assim como a sua mãe e a sua avó (2Tm.1:5). Paulo disse que a fé dele não era fingida (2Tm.1:5), e que ele era um obreiro (2Tm.2:15) e um evangelista (2Tm.4:5) na obra de Deus. Duas epístolas do Novo Testamento foram dedicadas a ele – nenhum outro cristão recebeu duas cartas canônicas. E,

mesmo sendo ainda muito jovem (2Tm.2:22), Paulo diz que ele sofria de **frequentes enfermidades**:

“Não continue a beber somente água; tome também um pouco de vinho, por causa do seu estômago e das suas **frequentes enfermidades**” (1ª Timóteo 5:23)

Paulo não disse que ele ficava doente apenas uma vez ou outra, mas que ele ficava **frequentemente** doente. Isso nos mostra que até mesmo um servo de Deus, jovem e temente ao Senhor, que faz a obra de um evangelista em prol da verdadeira fé, pode contrair frequentes enfermidades, uma atrás da outra.

E Paulo não diz que se ele determinasse sua cura, decretasse sua vitória, repreendesse o demônio ou tomasse posse da bênção teria sua enfermidade sarada para nunca mais voltar. Não. Ele apenas diz para *tomar um pouco de vinho*, que tinha efeitos medicinais para tratá-lo daquela enfermidade. Em outras palavras, em uma linguagem mais atual, seria o mesmo que dizer: “tome um remédio”.

Outro crente que ficou doente e à beira da morte foi Epafrodito, sobre quem Paulo diz:

“Pois ele tem saudade de todos vocês e está angustiado porque ficaram sabendo que **ele esteve doente**. Pois ele tem saudade de todos vocês e está angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente. **De fato, ficou doente e quase morreu**. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza” (Filipenses 2:25-27)

No final de sua segunda carta a Timóteo, Paulo também diz que deixou Trófimo **doente** em Mileto:

“Erasto permaneceu em Corinto, mas deixei Trófimo doente em Mileto” (2ª Timóteo 4:20)

Sabemos que Paulo tinha o dom da cura, mas mesmo assim ele não foi capaz de curar Trófimo naquela ocasião. Trófimo era cristão e discípulo de Paulo (At.20:4; 21:29), portanto ele mesmo deve ter orado pedindo a cura quando ficou doente, mas não foi atendido. Então, quando Paulo veio a Mileto, ele também orou pela cura de Trófimo, mas este permaneceu doente. Paulo poderia ter omitido este fato, mas fez questão de ressaltá-lo, porque naquela época era totalmente natural um crente ficar doente e não havia vergonha nenhuma em alguém importante orar pela cura de outra pessoa e ela não ser curada.

Exemplos de outros servos de Deus que ficaram doentes e até morreram por alguma enfermidade encontramos até mesmo no Antigo Testamento, o preferido pelos teólogos do neopentecostalismo. Nós já conferimos a história de Jó e vimos como que ele contraiu grandes doenças e um enorme sofrimento (Jó 2:7,8), mesmo sendo o homem mais justo de toda a terra da época (Jó 1:8). Eliseu *"estava doente da enfermidade de que morreu"* (2Rs.13:14). Ele não apenas ficou doente, mas *morreu* por causa daquela doença.

Isaque, um dos maiores patriarcas e mais respeitados de Israel, ficou cego anos antes de morrer, razão pela qual não conseguia distinguir entre Jacó e Esaú: *"Como Isaque envelheceu, seus olhos se escureceram, de maneira que não podia ver"* (Gn.27:1). O rei Ezequias, de Israel, a quem a Bíblia descreve como *"tendo feito o que era bom, e reto, e verdadeiro, perante o Senhor seu Deus"* (2Cr.31:20), ficou *"doente, a beira da morte"* (Is.38:1). Lázaro, o amigo de Jesus, havia morrido em função de uma doença que tinha contraído (Jo.11:1).

Jacó também ficou doente (Gn.48:1), e morreu por causa dessa enfermidade. O rei Davi também disse em certa ocasião: *"estou ardendo em febre; todo o meu corpo está doente"* (Sl.38:7). Tabita, *"que se dedicava a praticar boas obras e dava esmolas"* (At.9:26), *"ficou doente e morreu"* (At.9:37). Até mesmo o grande Daniel, o *"muito amado"* (Dn.10:11) de quem a Bíblia dá tão grande testemunho, disse que ficou *"exausto e doente por vários dias"* (Dn.8:27).

Tendo tudo isso em vista, não se enganem com os falsos profetas em nosso meio que dizem que o crente não pode ficar doente, que basta tomar posse da bênção e determinar a cura que será sempre curado. Nem a própria vida deles é um testemunho disso. Muitos dos que passaram a vida inteira defendendo o “Movimento de Fé” sofreram doenças e morreram por causa delas. Edward Iving, o pai do movimento carismático, contraiu uma doença fatal enquanto ainda era jovem. Ele morreu sozinho, frustrado e decepcionado com Deus, pois pensava que todo crente tinha que ser curado pela fé.

Adoniran Gordon, outro dos maiores líderes desse movimento que marcou o século XX, morreu de bronquite. A. B. Simpson morreu de paralisia e arteriosclerose. John Wimber morreu de câncer de garganta, embora dissesse que o crente nunca poderia ficar doente. Se você observar a maioria dos pregadores deste movimento, verá que eles usam óculos para corrigir seus defeitos na vista. Kenneth Wayne Hagin, filho de Kenneth Hagin (o pai deste movimento) usa óculos, assim como o “bispo” Edir Macedo. O “apóstolo” Valdemiro Santiago, após curar pela fé milhares de cegos, paráliticos, coxos, surdos, mudos, portadores do vírus da AIDS, leprosos e até o câncer, foi tratar seu problema no joelho no Hospital Albert Einstein!

A conclusão de tudo isso não é que Deus não cura, pois por todos os cantos da Bíblia há exemplos de cura, e também não é que o crente que está doente não deve orar a Deus pedindo a cura, pois todos os cristãos faziam isso quando ficavam doentes. Temos **sim** que orar pela cura nossa e pela cura do próximo, assim como temos **sim** que crer que Deus é poderoso para nos curar, *caso seja da vontade dEle*. Apenas não temos que sair de um extremo em que Deus não pode curar para cair em outro extremo ainda pior, onde o crente não pode ficar doente, desmerecendo aqueles dentre nós que estão doentes e que tem muito mais santidade e comunhão com Deus do que muitos que estão curados.

Mas por que Deus permitiria que alguma pessoa permanecesse doente, ao invés de curá-la? Em muitos casos, a resposta a esta pergunta é exatamente a

mesma da questão do sofrimento: aperfeiçoá-la³⁵. De fato, foi exatamente isso que o próprio apóstolo Paulo reconheceu após *não* ter sido curado de seu “espinho na carne”: que se *gloriava alegremente* em suas fraquezas, para que o poder de Cristo repousasse sobre ele, pois a Sua graça lhe bastava e o Seu poder se aperfeiçoava na fraqueza (2Co.12:8,9).

Jesus também mostrou o mesmo parecer em relação à doença. Quando seus discípulos lhe perguntaram sobre quem teria pecado para que um homem tivesse nascido cego – se ele mesmo ou os seus pais –, Cristo não responde nem uma coisa nem outra, pois sabia que a doença não era resultado da falta de fé e nem de maldição hereditária. Ao contrário, ele respondeu:

“Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele. Enquanto é dia, precisamos realizar a obra daquele que me enviou. A noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (João 9:3-5)

Ele deixou claro que aquele cego havia nascido daquele jeito porque era para se manifestar a glória de Deus na vida dele. Muitas vezes a glória de Deus pode se manifestar nas circunstâncias mais inesperadas, tais como em uma doença ou em alguma tribulação. Paulo disse que foi por causa de uma **doença** que ele pregou o evangelho aos gálatas pela primeira vez (Gl.4:13), deixando implícito que os gálatas só foram abençoados com as boas novas do evangelho por causa da doença que ele sofria.

Maurício Zágari, o maior escritor cristão da atualidade e um dos maiores exemplos de vida que existe, sofre desde os seus 24 anos de uma doença chamada fibromialgia, que causa uma dor terrível em todas as partes do corpo, vinte e quatro horas por dia, e pior: não existe cura para a fibromialgia. No início ele tentou a cura de todas as maneiras: determinando, tomando posse da bênção, decretando, exigindo, repreendendo, rogando, suplicando... e nada.

³⁵ Sobre isso, já tratamos no capítulo 7 – “Por que sofrer”?

Mas, ao invés de brigar com Deus, abandonar a fé e virar um desviado, ateu ou agnóstico, ele teve sua comunhão com Deus *aperfeiçoada* e hoje é um exemplo para milhares de outras pessoas, sendo inclusive uma fonte de consolo para outros cristãos que sofrem com a mesma doença. Por sinal, foi exatamente em função dessa enfermidade que ele veio para Cristo. Segundo ele, pelo menos outras nove pessoas da família dele foram salvas por Jesus de um modo ou de outro por causa dessa doença. Ele conta tudo com muito mais detalhes em seu blog "Apenas".³⁶

A verdade é que o sofrimento e as doenças são males que só serão revertidos por completo na ressurreição dos mortos, querendo ou não, gostando ou não. Enquanto estamos aqui, vivemos com um corpo corruptível, sujeito a todas as fraquezas que há no mundo. Mas nenhum cristão deve pensar que sofre ou está doente por nada. Deve ter em mente, em primeiro lugar, a eternidade, onde todas as lágrimas de nosso rosto serão enxugadas, e onde não haverá mais dor, nem pranto, nem sofrimento algum, pois essas serão coisas passadas.

O nosso sofrimento aqui na terra é apenas uma semente de uma glória eterna no futuro. Essa vida não significa nem *um segundo* em comparação à eternidade. Tanto vale a pena sofrer por um pouco de tempo – alguns anos nesta terra – para uma eternidade inteira de glória, que o próprio Deus deu o Seu Filho unigênito para sofrer e morrer em nosso lugar. Nem Ele próprio se ausentou do sofrimento humano.

E temos sempre que lembrar que todas as adversidades que passamos nesta vida – incluindo as possíveis doenças – podem ser usadas para o nosso próprio aperfeiçoamento, para que o poder de Deus seja aperfeiçoado em nossas fraquezas, para que cheguemos a um lugar onde sabemos que não somos nada sem Deus, e onde a graça dele nos basta. Onde nada mais importa e nem deveria importar, se tão somente pudermos conquistar Cristo e sermos achados por ele, e onde *todas as coisas* – incluindo as dores e os sofrimentos – concorrem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.

³⁶ Mais detalhes em um artigo publicado em seu blog com o título: **"E quando Deus não cura?"**. Disponível em: <<http://apenas1.wordpress.com/2011/10/11/e-quando-deus-nao-cura-parte-12/>>. Acesso em: 22/11/2013.

CAP. 10 – PERGUNTAS E RESPOSTAS

“Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória” (Colossenses 3:2-4)

• **Eu li o seu livro e fiquei com a impressão de que ser pobre é como obter um passaporte para o Céu, e que é impossível que um rico seja salvo. Estou certo?**

Eu não disse que alguém por ser pobre vai para o Céu. A salvação não está condicionada à posse de bens ou à inexistência deles, mas somente à fé em Cristo Jesus (Ef.2:8). É claro que a própria analogia de Cristo com o camelo e a agulha nos revela que é muito difícil um rico entrar no Reino de Deus (Mt.19:23), e Tiago acrescenta que Deus escolheu *os pobres* para serem ricos na fé e herdarem o Reino (Tg.2:5).

Isso não significa que nenhum rico possa ser salvo, mas dificulta as possibilidades de tal coisa suceder, visto que não é possível servir a dois senhores ao mesmo tempo: ou é a Deus, ou é ao Dinheiro (Mt.6:24), pois *“onde está o seu tesouro, ali também estará o seu coração”* (Lc.12:34). A parábola do rico e Lázaro exemplifica muito bem isso, com o pobre sendo salvo e o rico condenado (Lc.16:19-31).

Cristo estava refutando a crença popular de que as riquezas eram um sinal do favor divino e que a pobreza era um sinal da falta de fé. O que ele estava fazendo era inverter o jogo. Por mais que seja somente a fé que salve o pecador, ele mostra que é exatamente em quem *tem muito* que há a tendência de se afastar de Deus e se apegar ao dinheiro, e que quem *tem pouco* tem a

tendência de se apegar a Deus, sabendo que depende exclusivamente dEle, aprendendo a confiar e a descansar nEle.

• Se realmente devemos nos contentar apenas com o suficiente, como você diz, então o que eu devo fazer com aquilo que for *mais* que o suficiente? Como devo gastar esse dinheiro?

Simplesmente siga a instrução de Jesus Cristo: dê o dinheiro aos pobres (Lc.12:33,34), ou então contribua em alguma missão evangelística na África ou na Ásia, onde os cristãos missionários estão enfrentando grandes aflições e necessidades. Antes de gastar a sua "sobra" em algum carro *novo*, casa *nova*, televisão *nova* ou computador *novo*, pense naqueles que não tem nem sequer carro, casa, televisão ou computadores *velhos*!

Se Deus permitiu que você tivesse mais dinheiro que a maioria, não é porque ele quer que você ajunte tesouros nesta terra (Mt.6:19), mas porque ele confia que você contribuirá cada vez mais no avanço do Reino de Deus com as suas riquezas investidas no campo missionário ou aos necessitados. É uma questão de responsabilidade social, e não de entesourar nesta terra.

• O verdadeiro cristão só sofre e nunca pode ser feliz?

Como vimos no capítulo 7 deste livro, sofrer e ser feliz não são dois pontos antagônicos na vida do cristão. O cristão que toma a sua cruz para seguir Jesus não está sempre feliz, mas também não está sempre triste. Paulo dizia que sentia profunda tristeza e contínua dor no seu coração por causa de seus irmãos israelitas (Rm.9:2), e também diz que ficou triste por Epafrodito, que quase morreu (Fp.2:27). Ele queria ver os filipenses para que ele tivesse *menos tristeza* (Fp.2:28), e o próprio Senhor Jesus disse em certa ocasião que estava "[profundamente triste, em uma tristeza mortal](#)" (Mc.14:34).

Portanto, não é verdade que o cristão tem que viver *sempre feliz* e não pode ficar triste nunca e por nada. Somos humanos, e há algumas situações que realmente nos entristecem. Isso ocorre com toda a raça humana, com cristãos e não-cristãos, desde quando a humanidade foi criada. Não devemos negar isso. Mas há uma diferença vital entre a tristeza que o cristão passa e a tristeza de quem está no mundo. Isso porque a "tristeza segundo Deus" produz um arrependimento que leva à salvação, enquanto a "tristeza segundo o mundo" produz a morte:

"A tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação e não remorso, mas a tristeza segundo o mundo produz morte. Vejam o que esta tristeza segundo Deus produziu em vocês: que dedicação, que desculpas, que indignação, que temor, que saudade, que preocupação, que desejo de ver a justiça feita! Em tudo vocês se mostraram inocentes a esse respeito" (2ª Coríntios 7:9-10)

O autor de Hebreus também escreve:

"Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados" (Hebreus 12:11)

O que eles estavam dizendo é que, quando um verdadeiro cristão se entristece, ele não fica triste por nada, sem razão alguma, mas isso o leva ao *aprendizado*, à comunhão com Deus, à maior dedicação, desejo pela justiça, zelo pela verdade, temor ao Senhor no coração. Já a tristeza segundo o mundo não produz nada disso, mas apenas leva à morte final. Ou seja: a pessoa fica triste para nada, apenas por ficar triste. Ela não ganha nada com isso: nem o arrependimento, nem um aperfeiçoamento, nem um aprendizado para a vida eterna. Ela não vai ajudar a mudar em nada o destino final do não-cristão que se entristece.

Além disso, a tristeza do cristão não é *para sempre*, mas *por algum momento*. O salmista ilustra isso, ao dizer: "O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem

pela manhã” (Sl.30:5). Então, por mais que o sofrimento do cristão perdure por muito mais tempo – uma vida terrena inteira – ele não fica triste todo o tempo em que sofre, por uma simples razão: ele não está sozinho. Cristo, sabendo dos sofrimentos e aflições que seus discípulos passariam na terra, lhes deixou o Espírito Santo, que foi oportunamente chamado de “Consolador”:

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós” (João 14:16-18)

Quando alguém do mundo sofre, ele sofre *sozinho*. Mas, quando o cristão sofre, ele tem a presença do Espírito Santo, o nosso Consolador, que habita em nós. E uma das funções do Espírito Santo é nos manter vivos e alegres mesmo em meio às tribulações da vida:

“De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor, pois, apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo” (1ª Tessalonicenses 1:6)

Foi por isso que Pedro disse que, mesmo sofrendo, os cristãos seriam felizes:

“Todavia, mesmo que venham a sofrer porque praticam a justiça, vocês serão felizes” (1ª Pedro 3:14)

Portanto, a vida do cristão não é pautada *só* pela tristeza nem *só* pela alegria. Todos nós ficamos tristes por determinadas circunstâncias e ocasiões da vida. Mas não ficamos tristes *para sempre*, pois, mesmo ainda em meio a todas as tribulações que passamos, contamos com um Consolador que nos ajuda em nossos momentos de fraqueza e que nos mantém alegres com a paz de Cristo em nosso coração. E essa alegria se traduz em esperança, que é ainda mais alicerçada pela certeza da vida eterna, o que torna todos os sofrimentos terrenos como *nada* em comparação com a glória que nos espera na eternidade. Foi por isso que Paulo disse:

“Tenho por certo que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Romanos 8:18)

“Os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2ª Coríntios 4:17)

• Se a teologia da prosperidade não é bíblica, então por que as igrejas que pregam isso mostram tantos testemunhos maravilhosos de pessoas que prosperaram através da fé?

Pela mesma razão que todos aqueles que assistem Sílvio Santos pensam que todo mundo ganha na Tele Sena e que o Baú da Felicidade é só felicidade. Todo mundo sabe que a grande maioria não ganha nada, mas eles são muito bons de *marketing* e obviamente só entrevistam aqueles que deram certo na vida, e não os tantos outros “tristemunhos” de pessoas que não mudaram nada ou foram dali pra pior.

Já vi *tristemunhos* de pessoas que participaram de campanhas de igrejas neopentecostais, que deram o seu “tudo” ao pastor e depois ficou sem nada, começou a entrar em dívidas, não tinha nem como alimentar a família, e depois de meses foi pedir um conselho ou ajuda daquele mesmo pastor, que respondeu: “Você entrou nessa, agora o problema é seu, se vira”! Mas é lógico que eles não vão entrevistar essa pessoa nem os outros *milhares* de fieis que deixam essas igrejas exatamente por não prosperarem nada.

Só para citar um exemplo prático: a Igreja Universal do Reino de “Deus”, do “bispo” Edir Macedo, teve uma queda de 10% de fieis na última década³⁷. Se realmente fosse verdade que todas as pessoas ali prosperam, por que o número de fieis ali não aumenta significativamente, mas cai? Isso só mostra que a maioria sabe que aquilo não passa de mera propaganda falsa e enganosa.

³⁷Veja mais em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/igreja-universal-perdendo-fieis-clones-42113.html>>. Acesso em: 26/11/2013.

O problema é que parte desse povo é tão humilde que, ao invés de perceber que isso não passa de um mercado da fé e decidir frequentar uma igreja evangélica séria, prefere tomar duas atitudes extremas: ou deixa de ser cristão (torna-se um desviado) ou vai buscar a sorte em outra igreja do mesmo tipo (como a Mundial do Poder de “Deus”, do “apóstolo” Valdemiro Santiago).

“Ah, mas e os que prosperam”? Eles apenas seguem as estatísticas do nosso país. Enquanto há pessoas que ficam mais pobres, outras ficam mais ricas. Isso é o que acontece com *todo mundo*, não apenas com os crentes. Uma pesquisa séria que foi feita pela Gallup em 114 nações mostrou que a tendência mais forte é que os países predominantemente *ateus* sejam os mais ricos, e não os religiosos³⁸. Na lista dos dez países mais ateus do mundo, *nove* são ricos. Isso mostra claramente que a prosperidade não está ligada à fé, mas a outros fatores sociais.

Curiosamente, onde mais se encontra gente simples e carente é exatamente nas igrejas neopentecostais, que raramente formam ricos. Talvez seja por isso que no ranking dos mais ricos do planeta quase nunca figure um evangélico. A teologia da prosperidade simplesmente não funciona na prática, ela simplesmente segue as estatísticas globais de pessoas que, independentemente de religião, ficam mais ricas ou mais pobres dependendo da região onde vivem, e os telepastores se aproveitam dessa minoria que fica mais rica para tentar, através de uma boa jogada de *marketing*, convencer a todos de que lá todo mundo é feliz, rico, próspero, bonito e saudável. É um Paraíso na terra.

• O que você quis dizer quando disse: “mercado da fé”?

Exatamente isso que você deve ter pensado. Todas as empresas do mundo são *negócios*, e todo negócio gira em torno do *lucro*. Por mais que algumas empresas em especial zelem pelo bem comum e até façam uma ou outra obra

³⁸ Veja mais em: <<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/892208-estudo-indica-que-religiao-pode-acabar-em-9-paises-ricos.shtml>>. Acesso em: 26/11/2013.

social, no fim das contas o objetivo no fim do mês é sempre o mesmo: o lucro. Acontece que muitas pessoas são tão simples e inocentes que não podem sequer imaginar que o mesmo possa ocorrer no meio religioso, ainda mais quando as igrejas não pagam impostos, o que atrai ainda mais os gananciosos como uma boa fonte de lucro, um negócio com isenção de impostos, com burocracia muito inferior a de qualquer outro negócio e com quase nenhuma prestação de contas.

Assim, muitos bandidos que querem lucrar fácil, ao invés de abrirem seu próprio negócio, pagarem impostos, enfrentarem a burocracia e vencerem a concorrência, preferem abrir uma igreja e pedir doações cada vez mais exorbitantes por parte dos fieis. É claro que existem muitas igrejas evangélicas sérias, como as tradicionais e as pentecostais equilibradas, que pensam no bem comum e na pregação do evangelho, mas infelizmente existem em nosso meio lobos em pele de cordeiro, assim como Jesus havia predito há muito tempo (Mt.7:15), que criam igrejas para lavagem de dinheiro e para “roubar” o povo, obtendo cada vez mais dinheiro e bens materiais.

Se qualquer leitor honesto analisar a biografia e a história de vida dos principais líderes neopentecostais do Brasil e do mundo, verá que eles eram “pessoas normais” antes de fundarem sua própria igreja, e depois que fundaram igrejas seu patrimônio pessoal aumentou exorbitantemente, quase todos eles têm jatinho particular, mansões em outros países, fazendas gigantescas e, é claro, são milionários, o que é óbvio. Há pouco tempo atrás a Revista Forbes passou uma lista dos cinco pastores mais ricos do país, todos eles *multimilionários*³⁹. Curiosamente, todos eles são líderes neopentecostais, que fundam igrejas e ensinam a teologia da prosperidade. Qualquer ser pensante consegue ligar os fatos.

A estratégia comumente utilizada já é muito conhecida por todos: se você quer lucrar em nome da fé, primeiro abra uma igreja neopentecostal e coloque nela um nome bastante chamativo, para passar uma ideia de abrangência e

³⁹ Veja em: <<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2013/01/forbes-lista-pastores-milionarios-no-brasil.html>>. Acesso em: 26/11/2013.

amplitude, como "MUNDIAL", "UNIVERSAL", "INTERNACIONAL", etc. Lembre-se de que o seu objetivo é atrair fieis através do *marketing*. Portanto, nada de nomes discretos ou pouco chamativos! Depois, coloque um sinônimo para o lugar em que Deus vive, ou alguma característica divina, seguindo o esquema:

Igreja + Adjetivo chamativo + do(a) + Substantivo sobre Deus (ex: Reino, Poder, Graça, etc) + de Deus

Mas não basta apenas isso. Como o objetivo é o lucro, você tem que atrair o máximo número de pessoas. Mas como? É simples: fazendo espetáculos e prometendo riquezas. Nada atrai mais o povo do que essas duas coisas. Então, promova varias sessões de exorcismos durante o culto, faça um monte de milagres para atrair a multidão que busca a própria cura ou é só curiosa mesmo, e nunca – mas nunca mesmo – deixe de falar muito sobre riquezas, sobre prosperidade financeira, sobre ser um vencedor e ter sucesso. Afinal, é exatamente assim que os livros de auto-ajuda são os mais vendidos, e é isso que motivará o povo a continuar frequentando a sua igreja, até conseguir a tão sonhada "vitória".

Por isso, não deixe de fazer as campanhas da prosperidade, de distribuir as toalhas, as rosas ou os lenços ungidos que lhe darão a vitória, a água benta, o "Sabonete Sê Tu Uma Bênção" e tudo o mais que a sua criatividade o despertar a fazer. Faça-os entrar por uma porta, passar por um vale, subir o monte. Coloque os olhos deles no físico, no tangível, no material, na *terra*. Ocupe todo o seu tempo nisso, não pregue sobre santidade, sobre oração, sobre morrer para si mesmo, sobre tomar sua cruz, sobre o batismo no sofrimento, sobre martírio.

Seja superficial nas suas considerações para que a sua pregação não contenha verdades suficientes para converter alguém. Afinal, não é este o objetivo do negócio. Isso pode fazer com que alguém procure uma igreja mais séria. Por isso, seja antropocêntrico, e não Cristocêntrico. Pregue sempre sobre a vitória nas tribulações, e não sobre o *privilégio* de poder crer e *sofrer* por amor a

Cristo, com vista a uma vida eterna, no futuro. Coloque os olhos dos fieis centrados na terra, e não no Céu.

Depois é só começar a pedir muito, muito dinheiro. Mas disfarce: ao invés de dizer abertamente que vai para a sua conta para que você enriqueça, diga que é “para a igreja”, que é para pagar as contas do templo, para quitar as dívidas de algum programa de televisão ou para fundar mais igrejas da mesma denominação. Se o povo ainda não quiser contribuir, diga que Deus estará dando em dobro do tanto da oferta doada – para promover o mercado da fé, onde se faz barganha com Deus, como se Ele fosse um banco ou um mercado que devolve tudo com juros – e não se esqueça de assustar os fieis com a ameaçadora mensagem do gafanhoto e do devorador. Eles que deixem de dar o dízimo para verem o que acontece!

Mas não se contente apenas com o dízimo, vá *além*: muito, muito além! Mas como? Use a sua criatividade. O Valdemiro foi mais esperto: inventou o *trízimo*, ou seja, três vezes mais que o dízimo, porque é em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (por isso três)⁴⁰. Se você quiser ser ainda mais criativo, faça como o Morris Cerullo e diga para darem uma oferta de 900 reais porque é o ano de 2009, e se ninguém entender nada dessa numerologia gospel acrescente que ele vai obter todas as promessas de Deus dali em diante.⁴¹

Mas para aumentar a quantidade de arrecadação, não basta apenas pedir pessoalmente em uma igreja: tem que aparecer na televisão⁴². Assim o número de “patrocinadores” irá crescer consideravelmente. E para isso será necessário você dedicar o maior bloco do seu programa televisivo para pedir dinheiro, usando como pretexto o fato de ter que pagar os horários tão caros da televisão, pagar a conta de certo congresso/evento e para a construção do novo

⁴⁰ Quem quiser rir vendo o vídeo dessa obra-prima acesse:

<<http://www.youtube.com/watch?v=YhJDFa0e210>>. Acesso em: 14/09/2013.

⁴¹ O vídeo original deste trágico acontecimento pode ser conferido aqui:

<<http://www.youtube.com/watch?v=PvW738BT0nQ>>. Acesso em: 14/09/2013.

⁴² Não estou dizendo que *todos* os pastores que aparecem na TV são falsos profetas, pois sabemos que ainda existem alguns que estão lá não para pedir dinheiro, mas para pregar o evangelho Cristocêntrico. Por outro lado, é inegável que a maior parte dos falsos profetas sempre arruma algum jeito de aparecer na televisão, pois a maior exposição atrai maior arrecadação.

templo, é claro. A maioria não vai nem notar que, enquanto você chora desesperado pedindo dinheiro para pagar tantas e tantas dívidas, sua conta bancária e bens pessoais crescem cada vez mais.

Se mesmo assim alguém desconfiar do fato de que antes você tinha um carro normal e agora tem um importado, que antes tinha uma casa normal e agora tem uma mansão, que antes brincava num quintal e hoje numa fazenda, ou que antes brincava de aviãozinho e hoje *tem* um avião, vá para o plano B: justifique suas riquezas usando a Bíblia. Diga que você está se tornando rico porque Deus está te prosperando, e não porque você é um ladrão e um falso profeta.

Mas como? Isso é muito simples. Como a maioria nunca leu a Bíblia de Gênesis a Apocalipse e acredita em qualquer bobagem ou heresia que for dita, faça uso de alguns versos isolados lá do AT, use o exemplo de alguns homens daquela época que eram ricos e diga que Deus quer que todos nós do tempo da graça sejamos ricos também. Se isso não funcionar, diga que Deus é o dono do ouro e da prata e que nós somos filhos do Rei. Mas atenção: **nunca, em nenhuma hipótese e em circunstância nenhuma cite o NT** ou mencione o exemplo de vida de Jesus ou dos apóstolos e primeiros cristãos. Não dê um tiro no pé fazendo isso, não se suicide, não coloque todo o seu negócio a perder.

Mas e a pregação? Isso não é um problema. Como a maior parte do culto é para pedir dinheiro ou para falar de dinheiro (e você é um grande homem de negócios), não será nada difícil. Mas, para o pouco tempo de pregação que não seja sobre isso, leia a Bíblia (é lógico que eu não estou falando da Bíblia Sagrada, mas daquela Bíblia ilustrada para crianças, com um monte de historinhas, que são o suficiente para fazer de você um grande conhecedor de Bíblia aos olhos do povo). Decore uma dúzia de historinhas e de versículos bíblicos isolados e cite-os todo culto, assim os fieis irão pensar que você sabe tudo de Bíblia.

Não se esqueça de chamar os fieis de “irmãos” e seu negócio/comércio de “obra”. Não fale baixinho, lembre-se de que você tem que chamar atenção. Grite, berre, esperneie, lute com o cão, faça shows, derrube as pessoas, dê um

brado de vitória. Não hesite em contar suas experiências sobrenaturais: diga que foi ao Céu e voltou, que foi ao inferno e voltou, que viu Deus e o diabo pessoalmente, que está vendo um anjo com uma bandeja de ouro na mão andando pelo templo.

Como você tem concorrência (os outros mercados neopentecostais com a mesma finalidade que o seu), não deixe de atacar o líder da outra "igreja". Entreviste o demônio falando que o pastor da outra igreja é satânico, invista pesado em televisão para atacar seu concorrente, roube o horário de TV que o outro detém, jogue sujo do início ao fim. Se você conseguir acabar com a moral do outro, talvez mais gente volte para a sua igreja. Faça da televisão um verdadeiro campo minado da fé.

E para passar uma ideia de superioridade sobre os fieis, não se chame apenas de "pastor": se auto-consagre "bispo", "patriarca", "apóstolo", "semi-Deus". Seja para a sua denominação aquilo que o papa é para os católicos. E, se alguém questionar sua autoridade, diga que "ai daquele que toca no ungido do Senhor", mesmo que este verso bíblico esteja fora do contexto, que esteja sendo aplicado a um rei chamado Saul e não a um sacerdote religioso e que esteja no contexto de *matar* e não de *repreender* pelas heresias propagadas, mas não importa: a parte ignorante do povo continuará crendo na *sua* interpretação, porque você é o Super Herói deles, o intocável, o ungido, o Todo-Poderoso.

O que mais me indigna em tudo isso não é que o relato que expus nessas linhas é totalmente baseado em fatos reais e não em sensacionalismo, e que pode ser constatado facilmente por qualquer um que já tenha frequentado igrejas neopentecostais. Charlatões sempre existiram e isso já estava predito pelo próprio Cristo (Mt.7:15; 13:25), portanto não é nenhuma novidade. O que *realmente* me causa indignação é ver que existe gente que sofreu tanta lavagem cerebral de tais líderes religiosos que se incomodam com o simples fato de apontarmos seus erros e corrigirmos suas heresias.

É como se um político passasse a mão no dinheiro público no Congresso Nacional e nenhum de nós pudesse falar mal dele, expor o erro e corrigi-lo, mas tivéssemos que ficar calados, com uma mordança na boca e fingindo que ele é um bom político. Da mesma forma, se existem falsos pregadores que vendem o evangelho e que lucram por meio dele, eles devem ser combatidos como qualquer outro bandido, e seu falso evangelho deve ser refutado assim como rebatemos a todas as demais heresias.

Todos nós fomos chamados para expor os falsos mestres e repreendê-los, inclusive publicamente (1Tm.5:19-20). Se até um verdadeiro servo de Deus, como o apóstolo Pedro, foi repreendido na cara por Paulo, em Antioquia, diante de todos os presentes (Gl.2:11-14), *quanto mais* os falsos profetas que nem de Deus são. Deus irá julgá-los? É claro que vai. Mas isso não significa que nós, cristãos, devemos ter uma postura covarde, passiva e medrosa, deixando milhões de pessoas serem roubadas e enganadas na nossa frente e não fazermos nada por elas, nem sequer *alertá-las* do perigo que são essas seitas.

Se nós dizemos isso, não é pelo falso profeta em si, mas é por amor às suas ovelhas, que estão cegas sendo guiadas por outros cegos. Se não fizermos nada por elas, elas cairão da mesma forma que Cristo disse que seria (Mt.15:14). E a culpa não será apenas do lobo vestido em pele de cordeiro que as enganou: será também *nossa*, que não fizemos absolutamente nada para alertá-las sobre o perigo que é esse falso evangelho que elas estão seguindo, onde a cruz é substituída pelo dinheiro, e onde o sofrimento é trocado pelo sucesso.

Se você vê um cego andando rumo a um precipício e o deixa seguir caminhando sozinho, sem o alertar, sem fazer nada para tirá-lo dali, e depois ele cai e morre, a culpa não é dele, é *sua*, que tinha o conhecimento daquele abismo e não fez nada para tirá-lo dali. Da mesma forma, se nós temos conhecimento da Verdade e sabemos qual é o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, mas não alertamos os que estão no erro, não refutamos as heresias em nosso meio, não defendemos a fé e não batalhamos pela Verdade, milhões se perderão por culpa nossa, da nossa própria omissão, da nossa própria covardia.

Precisamos mostrar ao mundo que a igreja evangélica, como um todo, é muito mais do que o que a televisão mostra. Que existem pregadores honestos que morrem para si mesmos para viverem por Cristo. Que não estão preocupados com os bens materiais deste mundo, mas em ganharem a vida eterna. Que condenam as heresias ao invés de incentivá-las. Que ainda há um caminho estreito e uma porta estreita. Que ainda há um Deus que o ama, mesmo se você for pobre, desempregado, faminto ou necessitado. Que ainda há um remanescente fiel nesses últimos dias, assim como havia sete mil joelhos que não se dobraram diante de Baal nos tempos de Elias (Rm.11:4).

Se nada fizermos, estaremos apenas assinando embaixo todas as infâmias que são cometidas por uma minoria em nome da comunidade evangélica. Estaremos dizendo: "Sim, nós compactuamos com tudo isso, continuem com a molecagem em nome da fé"! Mas se ainda há um Caminho e ainda há uma fé, cabe a nós rejeitarmos todo o joio que se infiltra entre nós e buscarmos compactuar somente com um nome: Jesus Cristo. E viver conforme ele nos ensinou.

• Se há igrejas que são mercados, não seria melhor abandonar a fé de uma vez por todas e se tornar irreligioso, agnóstico, ateu ou desviado?

Muitas pessoas fazem isso, e estão caindo perfeitamente na cilada que o maligno armou contra elas. Quando elas passam a frequentar igrejas-negócios que promovem o mercado da fé, logo percebem como este meio é sujo e, conseqüentemente, param de buscar a Deus, não congregam mais em igreja nenhuma, tornam-se desviados e voltam aos caminhos que antes trilhavam no mundo. Pedro ilustrou isso com duas analogias: o cão que voltou ao seu próprio vômito e a porca lavada que voltou a se revolver na lama (2Pe.2:22).

O próprio Senhor Jesus ilustrou isso na parábola do joio e do trigo:

["Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: O Reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos](#)

dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e se foi. Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu. Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: 'O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?'" 'Um inimigo fez isso', respondeu ele. Os servos lhe perguntaram: 'O senhor quer que vamos tirá-lo?' Ele respondeu: 'Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderão arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até à colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro'" (Mateus 13:24-30)

Quando os discípulos pediram a explicação da parábola, ele disse que aquele que lança a semente é o Filho do homem (ele próprio), que o campo é o mundo, a boa semente são os filhos do Reino, o joio são os filhos do maligno e o inimigo que semeia é o diabo. A colheita é o fim do mundo, mostrando que, até lá, o trigo e o joio conviverão juntos na igreja, como se fossem uma coisa só.

Para quem não sabe, o joio é fisicamente muito parecido com o trigo, de modo que, a uma primeira vista, parece que é a mesma coisa. Se você vê uma plantação de trigo misturado com o joio que cresce junto, dificilmente conseguirá distinguir um do outro, pois são aparentemente iguais. A semelhança entre ambos é tão grande que em algumas regiões costuma-se chamar o joio de "falso trigo".

O problema é que o joio é *venenoso*, e apenas uma pequena quantidade dele junto ao trigo pode comprometer a qualidade de todo o produto obtido. Por isso a necessidade de se separar o joio do trigo, como disse Jesus. Isso significa que existem igrejas cristãs honestas, sinceras, que pregam a Palavra que liberta, que ensinam um evangelho Cristocêntrico e que vivem para Cristo e por Seu Reino, mas também existem igrejas que, como vimos, não passam de mercados da fé, negócios, fontes de renda fácil, obtenção de lucro com o nome de Deus.

Mas um não-cristão e um recém-convertido não percebem isso. Para eles é tudo a mesma coisa, assim como para um observador externo o joio e o trigo são a mesma coisa em uma plantação. Ele simplesmente não consegue

distinguir ambos. Então, quando ele é envenenado pelo joio, ele pensa que *toda a plantação é formada apenas de joio*, e abandona a fé.

Foi exatamente por isso que Satanás semeou o joio no meio do trigo: para confundir os descrentes, para envergonhar o nome da comunidade evangélica, para manchar o verdadeiro evangelho, para macular a Igreja de Cristo. Como ele não consegue transformar todo o trigo em joio, ele *semeia o joio no meio do trigo*, o que é a mesma coisa para um observador externo. Jesus nos mostra que isso era uma realidade já em seus tempos e que permaneceria sendo assim até o fim da colheita, que é o fim do mundo. Só então uns viverão eternamente e outros morrerão para sempre, sendo a completa separação entre um e outro.

Jesus também nos mostra que devemos ver além daquilo que só pode se perceber externamente. Assim como não devemos pensar que aquela plantação era formada *somente* pelo joio, não devemos achar que na igreja cristã atual só tem falsos cristãos e igrejas-mercado. E, assim como alguém pode ser enganado pelo inimigo do dono da plantação por causa do joio, assim também Satanás consegue enganar muitos não-cristãos e desviados, por pensarem que a melhor alternativa é se manterem afastados de toda a forma de Cristianismo e religião. Eles estão caindo certinho na cilada que o diabo armou para eles.

O que se deve fazer ao se deparar com o falso evangelho pregado por falsas igrejas é se dirigir ao *verdadeiro* evangelho pregado em igrejas *verdadeiras*. Não é simplesmente se desviar do evangelho. Essa parece ser a solução mais fácil depois de uma decepção com alguma igreja, mas é cair exatamente na armadilha criada pelo maligno, que nunca quer que alguém se arrependa de seus pecados e busque a Deus.

Você se decepcionou com algum cristão? Então seja *você* a diferença, seja *você* um verdadeiro cristão, mostre com a *sua vida* que ainda existe o trigo, que ainda há gente trilhando o caminho estreito, que ainda há um Deus sendo adorado no esplendor de Sua santidade. Não se deixe desviar do caminho que leva a vida por causa de alguém que decidiu trilhar o caminho oposto, ou que tenta perverter os caminhos daqueles que estão rumo à glória celestial. Siga

firme. Fortaleça as mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes. Viva pela *fé* naquele que morreu por você, não viva por *vista*, não se paute pelo comportamento dos demais, eles não são a referência, a referência é Jesus.

"Pois, em breve, muito em breve, 'Aquele que vem virá, e não demorará'. 'Mas o meu justo viverá pela fé. E, se retroceder, não me agradarei dele'. Nós, porém, não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que crêem e são salvos" (Hebreus 10:37-39)

• É possível alguém ser salvo dentro de uma igreja neopentecostal?

É completamente possível. Quando falamos do mal que essas igrejas fazem ao Corpo, estamos nos referindo aos *líderes* dessas igrejas, aos lobos, e não às ovelhas. As ovelhas apenas estão seguindo cegamente aquilo que realmente acreditam que seja a verdade, elas não tem culpa que muitos pastores neste sistema pensam no lucro, e de fato muitas dessas ovelhas tentam viver um Cristianismo puro e sincero, na vida delas particular com Deus.

O problema é que, por mais que as ovelhas sejam sinceras, elas não estão *vendo* o lobo, porque este lobo está *disfarçado em pele de ovelha*. Foi por isso que Jesus disse: "*Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores*" (Mt.7:15). As ovelhas pensam que o falso profeta é mais uma ovelha como elas, alguém sincero, honesto, que prega o evangelho por amor. Elas nem fazem ideia de que estão seguindo um *lobo*, que busca devorar todo o rebanho, enriquecendo à custa delas.

Portanto, por mais que os hereges (lobos) tenham que ser combatidos assim como as suas heresias, há de se fazer uma distinção entre o lobo e a ovelha. O lobo é realmente alguém que se verá com Jesus no dia do Juízo, quando o ouvirá dizendo que de nada adiantou todos os milagres, maravilhas e exorcismos praticados, pois ele jamais o conheceu (Mt.7:22,23). Já as ovelhas sinceras serão julgadas com base no conhecimento obtido por elas.

Muitas delas buscam a própria prosperidade, vitória e sucesso porque foram instruídas assim, porque ainda estão na ignorância com relação a estes assuntos, pois sempre ouviram mensagens de prosperidade sendo pregadas na igreja. Elas não são culpadas por isso, mas quem *as ensinou* assim é o verdadeiro culpado. É por isso que Tiago disse que “*nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor*” (Tg.3:1).

Se você é um pregador da prosperidade e está ensinando um falso evangelho às suas ovelhas, terá que se ver com Cristo no dia do Juízo, quando será julgado *com muito mais rigor* do que as ovelhas. Mas e se algum pastor também estiver na ignorância? E se ele não estiver pregando essas heresias por desonestidade, por lucro pessoal, *sabendo* que está errado? Isso não muda nada as coisas quando se trata de um pastor, porque a **obrigação** de um pastor é ser um profundo conhecedor da Bíblia, assim como o dever de todo professor de História é ser um profundo conhecedor de história.

Assim, só nos restam duas opções: ou o pastor ensina heresias por desonestidade, *sabendo* que está errado – e neste caso já está condenado – ou então ele ensina heresias por *ignorância*, sem saber que está errado, porque não tem suficiente conhecimento bíblico para realizar um estudo como o que foi realizado aqui.

Neste segundo caso, como já foi dito, a situação de tais pastores não é em nada amenizada, pois é dever de todo pastor ter pleno domínio das Escrituras para poder ensinar a verdade ao povo. É por isso que os pastores serão julgados com maior rigor que os demais (Tg.3:1), porque eles não serão julgados apenas pelo bom ou mau caráter, mas pelo *conhecimento* transmitido aos demais. Se este conhecimento é fútil e superficial, que leva as ovelhas a crerem em heresias, ele será condenado, *exatamente por não ter lido a Bíblia de forma aprofundada*, o que é a sua obrigação.

Portanto, temos contrastes: de um lado, temos *ovelhas* simples e humildes que são enganadas sem saberem que estão sendo enganadas, e que amam a Deus

com sinceridade, com uma fé não fingida, e por essa razão muitos membros dessas igrejas são muito mais consagrados e dedicados a Deus do que muitos outros de igrejas sérias. Do outro lado, temos um *lobo*, independentemente se esse lobo *sabe* que é um lobo ou não. Sem fazer essa distinção estaremos julgando a fé de irmãos em Cristo tão sinceros quanto nós, e dando margens a conclusões errôneas como que a que foi apresentada na pergunta.

• Eu tenho um amigo que era cristão e faleceu em um acidente de carro. Será que isso significa que ele estava em pecado e “abriu brecha” para que este acidente acontecesse?

Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Pessoas justas morrem o tempo todo de forma prematura, e pessoas ímpias muitas vezes vivem longos anos e morrem de morte natural. Estêvão morreu prematuramente (At.7:60), assim como Tiago, que foi morto à espada por Herodes (At.12:2). O rei Josias foi descrito na Bíblia como tendo servido a Deus *“com todo o seu coração, e com toda a sua alma, cumprindo as palavras da aliança”* (2Cr.34:31), e que *“fez o que era reto aos olhos do Senhor; e andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se apartou dele nem para a direita nem para a esquerda”* (2Rs.22:2). A obediência dele foi tão grande que a Bíblia o descreve como sendo o maior rei que já existiu em Israel:

“E antes dele não houve rei semelhante, que se convertesse ao Senhor com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças, conforme toda a lei de Moisés; e depois dele nunca se levantou outro tal” (2ª Reis 23:25)

Mesmo sendo o rei mais justo da história de Israel, ele morreu prematuramente enquanto estava em uma guerra contra Neco, do Egito (2Cr.35:24), e com apenas 39 anos (2Rs.22:1)! Em contrapartida, o rei que a Bíblia descreve como sendo o mais ímpio da história de Judá, que foi Manassés – que praticou feitiçaria, idolatria, profanou o templo, reconstruiu os altares idólatras e queimou seus próprios filhos no fogo em sacrifício aos deuses pagãos –, viveu nada a menos que 67 anos (2Cr.33:1), e morreu de morte natural.

Então, temos aqui um contraste: de um lado, o rei mais justo da história de Judá, que foi Josias, morrendo com 39 anos de forma prematura e inesperada, no meio de uma batalha. De outro, temos o rei mais *ímpio* da história de Judá, que foi Manassés, que viveu por longos 67 anos e morreu por causas naturais. Além disso, Josias reinou em Judá por apenas 31 anos, enquanto Manassés reinou por 55 anos.

Isso mostra que mortes prematuras e inesperadas em nada tem a ver com ser menos fiel a Deus. Pessoas ímpias podem viver muito e pessoas justas podem viver pouco, e o inverso também é verdadeiro. O próprio Jesus encerrou a questão quando foi perguntado se aqueles que morreram prematuramente e de forma dolorosa eram mais pecadores que os demais. Ele rejeitou essa visão e ainda disse:

“Jesus respondeu: Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? **Eu lhes digo que não!**” (Lucas 13:2-3)

“Ou vocês pensam que aqueles dezoito que morreram, quando caiu sobre eles a torre de Siloé, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? **Eu lhes digo que não!**” (Lucas 13:4-5)

O que as pessoas tem que entender é que Deus nunca prometeu que qualquer servo seu iria viver muitos anos por ser obediente a Ele. O que Ele prometeu foi uma vida *eterna*, mas não *aqui*, e sim na *ressurreição* (Jo.5:28,29). Nessa vida pessoas justas morrem de forma prematura o tempo todo. Crianças morrem de fome na África sem terem cometido nenhuma falta grave, e não me venham falar que é “maldição hereditária”!⁴³ A mortalidade infantil (mortes de crianças

⁴³ Seria necessário um livro inteiro para refutar essa outra ideia deturpada em muitas igrejas, segundo a qual alguém sofre ou é prejudicado em função do erro de seus pais. Essa é uma doutrina espúria e espírita. De fato, são os espíritas – e não os cristãos – que creem que estamos aqui na terra pagando pelos erros de nossas vidas passadas, que existe um *carma* de cada um. A Bíblia diz exatamente o contrário. Ela ensina: “Aquele que pecar é que morrerá. **O filho não levará a culpa do pai, nem o pai levará a culpa do filho.** A justiça do justo lhe será creditada, e a impiedade do ímpio lhe será cobrada” (Ezequiel 18:20). Na verdade, *todo* o capítulo 18 do

no primeiro ano de vida) ocorre em todos os países, em famílias cristãs e não-cristãs, de tradição protestante ou ateuista.

Muitas pessoas ainda tem uma mentalidade ultrapassada, segundo a qual os nossos atos de justiça são como *méritos* pessoais que nos garantem créditos para viver muito. Desta forma, se alguém é muito justo, *merece* viver bastante; mas, se alguém é *pouco* justo, não *merece* viver tanto assim. A Bíblia ensina exatamente o oposto a isso. Ela diz que **não há um único justo sequer** (Rm.3:10), e, por isso, ninguém aqui na terra tem “crédito”, ninguém possui “méritos pessoais” – a única coisa que conta para a salvação é a *graça* de Deus, obtida através da *fé*, não em nós mesmos, mas em Cristo.

É por isso que a salvação é pela fé e não por obras, porque nenhum de nós possui em si mesmo alguma credencial que lhe permitiria isso ou aquilo. Todos nós somos pecadores e merecemos a morte pelos nossos próprios atos. Todos. Menos Jesus. É por isso que só Jesus salva, pois só ele foi plenamente justo, só ele foi imaculado, só ele expiou os nossos pecados. Se entendermos essa visão *cristã* do mundo, veremos que nós não possuímos *em nós mesmos* ou *por nós mesmos* mérito nenhum, o que incluiu, evidentemente, qualquer promessa de viver muitos anos, ou de morrer por causa natural.

Por essa mesma razão, devemos viver intensamente cada dia, como se fosse o último. Não estou dizendo isso no mesmo sentido que o mundo diz. Quando eles pensam naquilo que fariam caso soubessem que viveriam um último dia na terra, quase sempre afirmam que gastariam tudo na Disneylândia ou em outro parque de diversões, que iriam torrar todo o dinheiro em um monte de futilidades, que fariam uma grande festa, e assim por diante. Mas nada disso importa para alguém que está à beira da morte.

Maurício Zágari conversou com várias pessoas que estavam no leito de morte e *nenhuma* delas disse que, se pudesse voltar atrás, iria torrar todo o dinheiro em uma noite só, iria fazer uma festança, iria comprar mais bens materiais ou iria

livro de Ezequiel mostra o quão absurda é a ideia de maldição hereditária, e o quão *antibíblico* que está sendo alguém que ensina isso.

“curtir” mais a vida neste sentido *mundano* da palavra. Não. Todas elas diziam que, se pudessem voltar atrás, queriam ter amado mais o próximo, ajudado mais a quem precisa, dado um último abraço em algum ente querido, se desculpar com alguém que já se foi, concertar as coisas com quem brigou, e, principalmente, pensam em *Deus*: em como poderiam ter vivido para Ele agora que percebem que toda aquela vida era apenas um teste para toda uma eternidade que estaria logo à frente.

É isso o que significar *viver intensamente*. Nenhum de nós sabe quando irá morrer. Deus não prometeu que todo aquele que o obedecesse viveria muitos anos. Nenhum de nós tem mérito para exigir nada. Tudo depende apenas e tão-somente da vontade de Deus. Eu não sei se estarei vivo até terminar de escrever este livro. Torço que esteja. Oro que esteja. Mas só Deus sabe. Só *depende* dEle.

A *minha* obrigação é de tentar fazer o melhor cada dia, como se fosse o último. De viver intensamente para Deus e pelo próximo, de se arrepender dos vários pecados frequentemente cometidos, de aproveitar as novas chances que Deus nos concede de permanecer vivos. Nenhum de nós sabe quando se deparará com a linha de chegada do outro lado. Apenas sabemos que temos que correr (2Tm.4:7), que dar o nosso máximo enquanto estamos nesta corrida. Para uns, essa linha de chegada está bem longe, daqui uns 50, 60 ou 80 anos. Para outros, essa linha de chegada pode ser *hoje*.

O nosso dever, como cristãos, é de correr o máximo enquanto estamos nessa corrida. Isso pode durar muito ou pouco tempo. No final, Deus avaliará o trabalho de todos *enquanto* eles estiveram na corrida. Se Deus traçou 60 anos de corrida para alguém, ele julgará essa pessoa por esses 60 anos. Se ele traçou 20 para outro, cabe a esse outro fazer o seu melhor durante esses 20 anos. É assim que devemos ver a vida. Dar o máximo de nós enquanto ainda estamos aqui, pois não saberemos quando estaremos *lá*.

A cada dia que acordamos é uma nova oportunidade que Deus nos está concedendo para nos arrependermos de nossos pecados e para deixar de praticá-los, é também uma nova oportunidade para voltar a Deus, para chegar

mais perto dEle, para criar um relacionamento mais íntimo e pessoal com Ele, para aprofundarmos a comunhão com Aquele por quem nós vivemos e para quem existimos.

Se tivermos essa mentalidade cristã, não perguntaremos mais o porquê que essa ou aquela pessoa morreu tão cedo ou de forma mais dramática. Isso não importa. O que realmente importa é *o que* essa pessoa fez enquanto ela estava viva. E o que *você* está fazendo enquanto ainda está aqui. É esse o foco da questão. São essas as regras do jogo.

• Eu estou tão triste que estou pensando em apostatar da fé. Ou Deus se manifesta na minha vida ou ele pode acabar comigo agora mesmo. Estou cansado de só servir, servir, orar, orar e nunca sem atendido em nada. Estou desanimado com Deus, com a vida, parece que eu estou vegetando nesta terra. Li mais uma vez os livros do Hagin sobre fé, mas nem isso me ajudou, pois nada funciona comigo na prática. O que devo fazer?

Esses livros do Hagin só servem de auto-ajuda igual os livros escritos por autores seculares, com a diferença de que os autores mundanos escrevem menos heresias. Você tem que ler livros de verdade para se inspirar no verdadeiro evangelho. Pense em quantos milhões de mártires cristãos já deram o seu sangue pela causa cristã. Pense nos 200 mil cristãos que são mortos anualmente por causa de sua fé. Pense nos milhares de cristãos norte-coreanos que estão presos neste momento em campos de concentração passando fome e sendo torturados por crerem em Jesus.

Pense em José, que foi vendido ao Egito pelos seus próprios irmãos, e lá foi escravo e depois preso, nas piores condições. Pense no apóstolo Paulo, que era constantemente perseguido, preso, apedrejado, surrado, sofria naufrágios, levou três vezes 39 chicotadas pelos romanos, passava frio e fome. Pense em Estêvão, o primeiro mártir da Igreja, e em Tiago, morto a espada por Herodes. Pense naqueles que foram torturados e não aceitaram o livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição (Hb.11:35).

Pense em Jesus, que no lugar de uma coroa de ouro teve uma de espinhos, que levou chibatadas dos romanos, que tomou a cruz, que teve suas mãos e pés pregados, que morreu como um criminoso no madeiro. E lembre-se de que ele nunca prometeu uma vida boa para quem fosse seu seguidor: ao contrário, prometeu que quem o quisesse seguir teria que negar a si mesmo, morrer para sua própria vida, tomar sua própria cruz diariamente e segui-lo.

E para que? Para uma vida eterna. É isso: viva para a eternidade. Nada mais importa. Esqueça o evangelho de Hagin. A única coisa que você deve se perguntar é: *“Vale a pena sofrer aqui na terra por alguns anos para depois herdar uma vida eterna? Ou seria melhor ganhar esta vida, para perder a próxima?”* Essa escolha é somente sua. Os personagens bíblicos já tomaram essa decisão. Os mártires da Igreja também. Agora cabe a você refletir sobre isso.

• Mas nada comigo dá certo, nada vai para frente. Dá vontade de parar e largar tudo.

O problema é que você começou a acreditar que Deus tem a obrigação de resolver os nossos problemas da mesma forma que resolve os dos outros. Se José pensasse assim, ele já teria abandonado Deus logo ao ser levado como escravo ao Egito. Como assim meus onze irmãos são homens muito mais ímpios e pecadores do que eu, e sou eu que estou nessa miséria toda, e eles no bem bom? Mas não. Ele continuou firme com Deus mesmo em meio às piores circunstâncias da vida.

Maurício Zágari sofre de uma das piores enfermidades que existem. Desde os 25 anos de idade (hoje ele tem 41) ele sofre de fibromialgia, uma doença que não tem cura e que faz com que todas as partes do corpo doam terrivelmente, do acordar ao dormir. Dá vontade de pedir a morte todos os dias. Ele foi em todos os seminários de Hagin e companhia, tomou posse da bênção, determinou durante anos, fez declarações proféticas... e nada. Teria de tudo

para ser o crente mais murmurador e reclamão com Deus que existe em toda a face da terra. Mas o que ele é? Ele escreve toda semana artigos espetaculares em seu blog cristão, tem livros geniais, é um exemplo de vida, congrega, prega, escreve, é um exemplo de caráter e de ser humano.

A verdade é que todos nós passamos por situações terríveis na vida, uns mais, outros menos. A diferença é que, no meio dessas adversidades da vida, uns murmuram contra Deus e o abandonam, e outros negam a si mesmos e sofrem tudo o que for necessário para viverem com Cristo para sempre.

Porque a nossa pátria não está aqui, está lá. Porque a nossa vida não está em nós mesmos, mas em Cristo. Porque o momento em que Ele enxugará dos nossos olhos toda lágrima não é hoje, é na eternidade. Então, a verdadeira questão não é se é justo ou injusto passar por tudo isso. Não era "justo" com Jó também. A verdadeira questão é *o que você vai fazer no meio disso*. Qual tipo de cristão decidirá ser. É a tribulação que mostra quem verdadeiramente somos.

• Mas tem um monte de gente bem menos comprometida com Deus do que eu, e Deus as atende. Por que a mim não?

Houve um tempo em que eu também me questionava sobre o porquê que crentes que pecavam muito mais e oravam muito menos do que eu eram atendidos, e eu não. Hoje já não penso assim, primeiro porque sei que Deus não atende ou rejeita orações com base no *mérito humano*. Se fosse por isso, Ele não atenderia a oração de ninguém. Muito menos do *ladrão* da cruz, ou de um perdido que clama a Deus em arrependimento.

Também aprendi que a nossa verdadeira recompensa não é aqui nesta vida, é *lá na próxima*. Se essa vida fosse tudo o que existisse e não houvesse vida eterna para recompensa ou morte para sempre, de fato este pensamento teria lógica. Afinal, se não houvesse outra vida para recompensar os melhores cristãos, seria *nesta vida* que deveríamos ser plenamente recompensados. Mas Deus sempre colocou a recompensa no *futuro*, mais especificamente na *ressurreição*

(Lc.14:14), quando obteremos uma vida eterna. É essa a nossa recompensa, e o galardão para os mais aplicados será maior do que os que se esforçaram menos.

Todos os personagens bíblicos compreendiam isso muito bem. Foi por isso que o autor de Hebreus disse que eles, mesmo sendo os mais piedosos da terra, "foram torturados, enfrentaram zombaria e açoite, foram acorrentados e colocados na prisão, foram apedrejados, serrados ao meio, postos à prova, mortos ao fio da espada, afligidos e maltratados. Vagaram pelos desertos e montes, pelas cavernas e grutas. O mundo não era digno deles. **Nenhum deles recebeu o que havia sido prometido**" (Hb.11:35-39).

O autor de Hebreus é claro ao dizer que os maiores homens de Deus que já pisaram nesta terra foram os mais maltratados e **não receberam nenhuma recompensa terrena**, porque eles esperavam uma Pátria Celestial. Foi por isso que Paulo disse que nesta vida nós somos "os últimos" (1Co.4:9), "dignos de lástima" (1Co.15:19), mas estes serão aqueles que Deus tornará os primeiros no mundo que há de vir, pois "os últimos serão os primeiros" (Mt.19:30).

A menos que nós entendamos que toda a nossa recompensa e a "virada de jogo" ocorrerão no *futuro*, na vida eterna, nada fará sentido nesta vida – nem ímpios tendo mais sucesso que justos, nem crentes fracos na fé sendo mais "abençoados" do que crentes mais fortes. O que vemos por toda a Bíblia era que os verdadeiros servos de Deus eram constantemente atribulados, mas mesmo assim nunca cogitaram abandonar a fé por serem "pouco respondidos" aqui na terra. Eles sabiam que a devida retribuição é um acontecimento futuro, e que por isso não deviam esperar que toda a justiça fosse feita aqui na terra.

Paulo, por exemplo, sofria de uma terrível doença nos olhos (Gl.4:13-15), como vimos no capítulo 9 deste livro. Ele a chamou de "espinho na carne" e rogou a Deus por três vezes para que o livrasse disso, mas recebeu **resposta negativa** todas as vezes (2Co.12:7-10). Mesmo assim, ao invés de murmurar contra Deus e dizer que orava e mesmo assim não era respondido – enquanto outros crentes menos fieis que ele buscavam a Deus e eram atendidos positivamente –

ele permaneceu firme na fé, e até mesmo *glorificou* a Deus nisso tudo (2Co.12:7-10).

É essa a atitude que um cristão deve ter quando se depara com o fato de que alguém considerado “menos espiritual” é mais atendido do que você que é “mais espiritual”. Não é murmurando. Não é reclamando. É glorificando! É assim que mostramos que estamos com Deus porque o amamos com um amor *incondicional*, e não porque ele “corresponde” materialmente. Mais do que isso, ao glorificarmos a Deus nas adversidades estamos mostrando que *confiamos* nele, pois ele nos prometeu a vida eterna, e por isso vale a pena “perder” essa vida, para ganhar a próxima (Mc.8:35,36).

• Mas os personagens bíblicos, como José e Jó, passaram por tribulações e depois foram restaurados em condições muito melhores que antes. Por que comigo isso não acontece?

José foi liberto sim, mas só depois de muitos anos. Não sabemos quanto tempo demorou com Jó, mas alguns teólogos alegam que levou anos também, ou pelo menos alguns meses, e em uma situação muito pior do que qualquer cristão já passou nessa terra. Paulo foi liberto uma vez da prisão (em Atos 16), mas em outras vezes não foi. Ele era perseguido por todos os cantos e em todas as circunstâncias e mesmo assim permanecia firme no evangelho. Na última vez que ele foi preso ele disse que esperava escapar da boca do leão (da condenação de Nero), mas foi condenado e morto.

O autor de Hebreus, no texto que vimos anteriormente, passou vários casos de pessoas justas que não receberam as promessas de Deus enquanto ainda viviam. Muitos não receberam “alívio”, senão o alívio da morte. Não é certo usar o exemplo de José, que se tornou o segundo maior do Egito, como “prova” de que todo crente tem que ser liberto de todas as tribulações e recompensado ainda nesta vida. Se fosse assim, Paulo não teria dito que, se a nossa esperança se limitasse somente a esta vida, nós (cristãos) seríamos, *“de todos os homens, os mais dignos de lástima”* (1Co.15:19).

Isso porque nem todo servo de Deus foi liberto de suas tribulações e se tornou governador do Egito. José foi o **único**. Ele deveria ser a *exceção*, e não a *regra*! Muitos outros viveram toda a vida passando tribulações, e não foram recompensados aqui. Nunca se tornaram governantes de nações, nunca foram poderosos na terra, nunca obtiveram riquezas, nunca deixaram de serem perseguidos de alguma maneira. Isso significa que alguns cristãos podem receber certo "alívio" durante algum tempo, mas não todos, e nem para sempre. Não há uma promessa ou regra geral em relação a isso.

• Eu acho que Deus é o responsável pelo fato de muitos caírem na fé e voltarem ao mundo, pois estão no chão por culpa dEle, pois um "sim" dEle iria mudar as suas vidas, iria torná-los mais contentes, mais alegres, iriam orar mais, ler mais, agradecer mais, buscar mais. Estou errado?

Deus não é culpado por nenhuma apostasia no mundo, chega a ser blasfêmia pensar nisso. Acontece que ele quer que as pessoas venham a ele pelo o que ele é, e não por aquilo que ele tem. Ele quer que as pessoas foquem na eternidade, e não na vida terrena. Ele nunca prometeu uma vida cheia de bênçãos e vitórias para quem nele crê. Não é e nem nunca foi propósito divino resolver todos os problemas terrenos das pessoas. Ele nunca disse: "siga-me e eu os farei uma geração de conquistadores nascidos para vencer".

Ao contrário: ele prometeu aflição, sofrimentos e muitas tribulações para entrar em Seu Reino. Se Deus curasse todo mundo e desse a bênção e a vitória material para todos, eles iriam continuar com Deus com uma visão errada da fé cristã, crendo em Deus assim como creem no Papai Noel: como alguém que tem a finalidade e obrigação de nos dar presentes.

Tais pessoas que vieram para Cristo para resolverem seus problemas fazem bem em voltar para o mundo, pois Deus não quer interesseiros, mas adoradores – até nas mais difíceis situações da vida. É Deus peneirando para tirar o joio dentre o trigo, e não sendo o "culpado" por algum desvio na fé. É claro que ele

poderia dizer "sim" para todos e todos continuariam com Cristo. Mas com que interesse? Somente para obter benefícios terrenos, com propósitos totalmente errados. Continuariam com Deus porque isso lhes traria vantagem terrena e material.

Deus não quer pessoas assim. Ele quer pessoas que abrem mão de suas vidas terrenas por uma vida eterna. Infelizmente os pregadores modernos colocaram na cabeça das pessoas que Deus tem que abençoar todo mundo que é fiel a Ele igual o Papai Noel tem que dar presentes a todos as crianças que forem boazinhas. E tais falsos profetas conseguem fazer uma lavagem cerebral tão grande nessas pessoas que, depois que elas se deparam com o verdadeiro evangelho que nada tem a ver com a teologia deles, é mais fácil elas pensarem que *Deus falhou com elas* do que que *elas mesmas ouviram um evangelho falso e deturpado*.

Pense, por exemplo, em um relacionamento entre um marido e uma mulher. O marido é rico, tem uma Ferrari, várias mansões, é multimilionário, têm casas na praia, jatinhos, SPA, clube, tem tudo do bom e do melhor e ***atende a todos os pedidos da esposa sem fazer qualquer ressalva***. Assim, ele dá à sua esposa um cartão de crédito ilimitado, dando total liberdade para que ela compre o que quiser, quando quiser e da maneira que quiser. Mas, um dia, esse marido rico perde tudo e se afunda nas dívidas. Sua esposa então o deixa e arruma outro cara rico.

Pergunta: ela estava com esse marido porque o amava ou porque amava *o que ele tinha a oferecer*? É lógico que o amava só pelos bens materiais. Era uma *interesseira*. Com o Reino de Deus é a mesma coisa. Nós somos chamados de *noiva* de Cristo (Ap.19:7). Este período aqui na terra é como um teste para ver quem o ama por aquilo que ele é, e não por aquilo que ele tem a nos oferecer.

Da mesma forma que nenhum marido do mundo quer ter ao lado uma esposa interesseira que não o ama de verdade mas só está buscando os bens que ele possui, igualmente Deus não deseja compactuar com aqueles que o buscam visando aumentar riquezas, sair de dívidas, ter um bom emprego ou o carro do

ano. Ele quer que aqueles que o seguem desejem isso por um amor puro, sem interesse, sem falsidade. Se estamos com Deus para resolver nossos problemas aqui na terra, estamos sendo tão “fieis” quanto aquela esposa do exemplo que acabamos de ver.

Em resumo: Deus não diz “sim” para todo mundo (ou seja, não responde sempre positivamente à oração de todos, lhes dando tudo o que desejam) porque isso atrairia muitos seguidores que só estariam na igreja por interesse, por amor próprio, que só são cristãos porque lhes convém, porque obtém *vantagens* terrenas nisso. Quando Deus diz “não” a alguns (ou muitos) de nossos pedidos – seja um não momentâneo ou um não eterno – ele está provando a nossa fé, para torná-la refinada pelo fogo (1Pe.1:7), e para formar crentes firmados no amor, e não na ganância.

Assim, da mesma forma que o fato de aquela esposa interesseira ter abandonado o marido nos momentos difíceis é uma prova incontestável de que ela não estava com ele por amá-lo, também os cristãos que largam Deus após passarem por frustrações e decepções na vida estão provando que só estavam antes com Ele porque estava dando tudo certo. Não foi por um amor incondicional, mas por interesse. É por isso que aquele que será salvo será quem esteve *incondicionalmente* com Deus, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, dando tudo certo ou desabando tudo – porque estão firmados no amor.

• Li em um outro livro seu, chamado “A Verdade sobre o Inferno”, a exposição de mais de 150 versículos bíblicos que provam o aniquilamento futuro dos ímpios, ao invés de um tormento eterno⁴⁴. Se isso é verdade,

⁴⁴ O objetivo deste livro não é tratar do assunto da vida após a morte, pois isso já foi extensivamente abordado por mim em dois livros sobre o tema (“A Lenda da Imortalidade da Alma”, com 661 páginas, e “A Verdade sobre o Inferno”, com 145 páginas), com mais de 206 provas bíblicas exegeticamente analisadas, milhares de versículos expostos, uma aprofundada pesquisa nos escritos dos Pais da Igreja e na história judaica, além de um todo de mais de 1.100.000 caracteres empregados ao longo de vários anos de estudo sobre o tema que resultaram nestes livros. Por isso, não será feita uma abordagem teológica sobre a *natureza* do inferno – excetuando um breve comentário acerca disso – nem sobre versos bíblicos como Mateus 10:28; 25:46 ou Apocalipse 14:9-11; 20:10, que já foram exaustivamente analisados em

então eu creio que seria melhor que eu largasse tudo e voltasse ao mundo, já que eu vou morrer e ser aniquilado, ao invés de ficar sofrendo nessa vida ou de ser atormentado eternamente depois dela.

Em primeiro lugar, nunca foi dito que o inferno não existe, mas que *existirá*, no futuro. Também não foi dito que os ímpios não serão castigados. Eles *serão* de fato castigados. Seria uma baita de uma injustiça condenar alguém como Adolf Hitler a um aniquilamento direto sem passar por nenhum castigo, e fazer o mesmo com um índio de 12 anos que não conhecia a Jesus e foi condenado ao inferno.⁴⁵

Mas seria muito mais cruel, desumano e implacável condenar tanto Hitler quanto o índio de 12 anos a um tormento *eterno*, sem fim, pelos séculos dos séculos. Além de a Bíblia não ensinar isso em lugar nenhum, isso também não faz parte do caráter de um Deus justo e amoroso, que não condenaria para uma eternidade de tormentos *infinitos* alguém que cometeu pecados *finitos*.⁴⁶

Além disso, se o tormento é eterno para todos, Jesus estaria mentindo quando disse que o que tem muito conhecimento da verdade e é condenado levará **"muitos açoites"** (Lc.12:47), enquanto aquele que tem pouco conhecimento e é

meu outro livro. O que será feito aqui é apenas uma *reflexão* sobre a *conclusão* extraída naquela pergunta, que eu vejo que é um pensamento muito recorrente na comunidade evangélica, de que, se o tormento eterno não existe, não vale a pena buscar a Deus. É isso o que será abordado nas próximas linhas, e não uma abordagem teológica sobre a natureza do inferno.

⁴⁵ Este é outro assunto polêmico que não é o foco deste livro. Eu **não** creio que todos os índios ou todos os que nunca ouviram falar de Jesus já estão condenados ao inferno e não poderão ser salvos. Deus julgará tais pessoas através do *conhecimento* obtido por elas, na medida daquilo que elas puderem entender. Todo ser humano no mundo possui uma Lei Moral em seu coração, que é a consciência que nos diz sobre o que é certo e o que é errado. Paulo fala sobre ela em Romanos 2:13-16, e diz que será com base nela que aqueles que não conheceram Jesus serão julgados. Mas é claro que isso não significa que *todos os índios serão salvos*, pois *nem todos os índios seguem essa Lei Moral*. Daí o exemplo do menino de 12 anos, que infringiu a Lei Moral e foi condenado, mesmo sem ter feito quase nada *em comparação a Hitler*. Sobre essa Lei Moral, recomendo a leitura de meu livro "As Provas da Existência de Deus", onde eu argumento de forma muito mais extensa e elaborada sobre ela.

⁴⁶ Até mesmo os próprios imortalistas reconhecem que o tormento eterno do inferno é algo que vai na contramão da consciência humana de moralidade. Se não fosse por isso, Geisler e Turek não teriam dito: **"Nós certamente não gostamos daquilo que a Bíblia diz sobre o inferno. Gostaríamos que não fosse verdade"** (GEISLER, NORMAN; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. Editora Vida: 2006). Isso atesta que o próprio senso de moralidade presente na consciência humana contradiz a noção de um tormento eterno, *mesmo para aqueles que creem que esse tormento eterno é "bíblico"*.

condenado levará "*poucos* açoites" (Lc.12:48). Se o tormento é eterno, ou seja, infinito, sem fim, para todo o sempre, é óbvio que não pode ser considerado "*pouco*", e muito menos haveria tal distinção entre o "muito" e o "pouco", já que o tormento seria eterno para todo mundo indistintamente, e nada que é eterno pode ser relativizado.

Em outras palavras, um tormento eterno não pode ser *muito* para um e *pouco* para outro, precisamente porque é *eterno*, infindável, perpétuo. Portanto, o ensinamento bíblico – que também condiz com a moral divina – é que os ímpios serão castigados no "inferno" (*geena*) pelo tanto correspondente aos seus pecados, e só *depois* serão aniquilados⁴⁷. Não é nem de um aniquilamento direto e muito menos de um tormento sem fim.⁴⁸

Se ainda há alguma dúvida sobre isso ser o mais justo e correto, basta pensarmos na analogia de um pai com um filho. Se seu filho o desobedece, você não vai pegar uma cinta e descer em cima dele *para sempre*. Você obviamente vai castigá-lo *por algum tempo*, isto é, *pelo tanto correspondente aos seus erros*. Se nem nós, meros seres humanos, somos capazes de castigar alguém a um tormento *eterno*, quanto menos Deus, que é muito mais justo e amoroso que nós.

Ele não é um deus sádico que pega uma cinta e bate no filho *para sempre*, que faz questão de conceder imortalidade a essa criatura só para que ela passe a eternidade inteira sofrendo, com a única finalidade de *perpetuar o sofrimento*. Deus castigará os ímpios até que eles paguem o último centavo (Lc.12:59; Mt.5:26), e depois irão para a segunda morte, a morte final e irreversível (Ap.20:14; 21:8), o completo fim da existência.

⁴⁷ Uma lista de versículos bíblicos sobre isso você pode acompanhar em meu blog sobre o tema, neste link: <<http://desvendandoalenda.blogspot.com.br/2013/08/152-versiculos-biblicos-de.html>>.

⁴⁸ Por mais que a maioria dos evangélicos ainda creia no tormento eterno, uma quantidade muito significativa de importantes eruditos e teólogos já abandonaram essa visão para crerem no ensinamento bíblico da vida somente em Cristo e aos salvos. Dentre eles, destaca-se o teólogo luterano Oscar Cullmann, um dos maiores especialistas em NT que já existiu; o pastor anglicano John Stott, o maior líder do movimento evangélico mundial no último século; e F. F. Bruce, o fundador de todo o entendimento evangélico moderno da Bíblia e considerado o maior erudito evangélico dos últimos tempos.

Robert Leo Odom discorreu sobre essa mesma questão usando outra analogia:

"Suponha, por exemplo, que o juiz de sua comarca sentenciasse um homem declarado culpado de assassinato a ser torturado continuamente dia e noite com água escaldante e ferros em brasa, a fim de mantê-lo sofrendo constantemente a mais torturante dor. O que os meios de comunicação teriam a dizer sobre isso? Qual seria a reação das pessoas em geral para com esse tipo de punição? Faz sentido dizer que o nosso Criador, que é um Deus de justiça e amor, poderia ser um monstro de crueldade pior do que o mencionado?"⁴⁹

Temos que ter em mente aqui a notável diferença entre o *sofrimento cristão* e o *sofrimento dos ímpios*, porque o sofrimento do cristão é de caráter *reformatório*, isto é, para aperfeiçoar o próprio caráter do ser humano⁵⁰, mas o sofrimento dos ímpios não é de caráter reformatório (nenhum ímpio que estará sofrendo no inferno será aperfeiçoado ou terá seu caráter mudado para melhor!), mas meramente de *castigo* (i.e, para pagar um tanto correspondente a uma dívida), e por isso não há sentido em perpetuar um sofrimento que não tem qualquer finalidade senão o do próprio sofrimento.

Por isso o contraste bíblico é sempre entre vida eterna e morte eterna (Pv.19:16; 11:19; Jo.3:16; Rm.8:13; 6:23; 6:21,22; 2Co.2:15,16; Gl.6:8), e nunca entre vida eterna no Céu ou no inferno. A eternidade é um prêmio dado aos que vencerem, e não uma condição inata ao ser humano (1Tm.6:16).

Mas o fato de ser castigado por algum tempo – e não de aniquilamento direto – não deve ser a nossa motivação a buscar a Deus. De fato, muitos irão considerar isso pouco. Então vamos pensar da seguinte maneira: suponhamos que não exista *nenhum tipo de castigo*, nem eterno nem passageiro, que aguarde os ímpios após a morte. Será que, por isso, deveríamos abandonar Cristo e vivermos para o mundo? É claro que não. Os que pensam assim mostram que estão com Cristo **com a motivação errada**.

⁴⁹ Robert Leo Odom, *Vida Para Sempre*. Casa Publicadora Brasileira: 2006.

⁵⁰ Como vimos no capítulo 7 deste livro, quando abordamos "Por que sofrer?"

E este é um pensamento bastante recorrente, nem um pouco raro. **Muitos** cristãos só são cristãos porque tem medo do inferno, e não porque amam Jesus a tal ponto que decidem sacrificar suas vidas para estarem com ele para sempre. Para novamente citarmos um exemplo prático, pense na pessoa que você mais ama. Pode ser a esposa, o marido, um filho(a), amigo(a) ou qualquer parente. Imagine também que você está um longo tempo sem ver essa pessoa, e sem ter nenhum tipo de contato, nem mesmo virtual. Está completamente afastado dela.

Qual seria a sua maior vontade? Com certeza seria vê-la. Olhar nos olhos dela, abraçar, conversar, rir juntos, manter uma comunhão. Não seria necessário dizer: *"se você não se encontrar com essa pessoa, eu vou te lançar no fogo do inferno"*. Você *naturalmente* desejaria muito vê-la, faria de tudo para isso. Com Deus é a mesma coisa, mas em um nível muito maior. Isso porque Jesus disse que devemos amar a Deus em **primeiro lugar** (Mt.22:36-38), ou seja: *muito mais* do que essa pessoa que você pensou agora.

Então, deveríamos desejar estar com Deus mais do que tudo nessa vida. Deveríamos desejá-lo tanto que não seria necessário qualquer tipo de ameaça, muito menos de um tormento eterno, para desejá-lo. O desejaríamos simplesmente porque *o amamos*. Nada a mais é necessário. Estar *eternamente* com a pessoa que *mais* amamos já deveria ser mais que o suficiente. Deveria ser *tudo o que realmente importa nesta vida*. É por isso que o verdadeiro cristão vive em função de Cristo.

Mas muitos não pensam assim. Para eles, a motivação para continuar cristão é escapar do fogo do inferno. Tais cristãos estão fundamentados no medo, e não no amor. Se para manter alguém na linha é necessário a ameaça de um tormento eterno na presença de demônios terríveis e torturadores, então neste contexto Jesus se torna apenas um meio utilizável para escapar do mal. O objetivo e finalidade dessa "conversão" é fugir do inferno, e não Jesus. Por isso, se não existe esse tormento eterno, eles logo pensam que não vale mais a pena estar com Cristo!

Os que pensam assim não são verdadeiros cristãos, pois o verdadeiro cristão é aquele que cumpre o maior de todos os mandamentos, que é amar a Deus em primeiro lugar (Mt.22:36-38). E quem ama a Deus em primeiro lugar quer estar com ele acima de todas as coisas, mesmo se não existir nenhum tormento eterno do outro lado. Se é preciso crer no tormento eterno para estar com Deus, sinto-lhe dizer, mas você não ama a Deus, você simplesmente teme o inferno. Você não é cristão por Jesus, mas por si mesmo, para salvar sua própria pele de um suposto tormento bem cruel e indesejável. Isso não é ser cristão.

Jesus nunca disse: *"Venham e sigam-me, porque se não seguirem lançarei todos vocês em um inferno eterno para serem atormentados para sempre!"* Isso seria uma *ameaça*, e não um convite. Mas Deus não ameaça ninguém, ele apenas *convida* aquele que quer herdar uma vida eterna. Se o artifício do inferno fosse necessário, Jesus estaria na prática *obrigando* as pessoas a amá-lo. Seria como se eu convidasse você a um grande banquete na minha casa, mas depois te dissesse: *"se você não for a este banquete, eu vou te atormentar para sempre, entendeu bem?"*

Isso seria uma ameaça. Você provavelmente iria desejar ir a este banquete, mas não por minha causa ou pelo banquete, mas pela *ameaça* subsequente, pelo *medo*, pelo outro lado da moeda. Mas se eu o convidar a um banquete na minha casa e digo: *"vou fazer um banquete na minha casa; quem quiser vir, negue os seus compromissos neste dia e siga-me"* – aí sim estaria *convidando*, como um cavalheiro, e aí sim aqueles que viriam ao meu banquete seriam os que realmente têm consideração por mim e creem que vale a pena se desligar de seus outros compromissos terrenos para seguir-me.

Como já vimos, Deus é um cavalheiro, ele não força ninguém a nada. Ele concedeu o livre-arbítrio exatamente para que não fôssemos robôs pré-ordenados a fazerem isso ou aquilo, sem vontade própria, sem liberdade pessoal. E ele nos chama para participarmos deste banquete do Reino de Deus, onde estaremos junto a ele e aos outros salvos, como Abraão, Isaque e Jacó (Mt.8:11), e, se quisermos participar deste banquete celestial, devemos

desmarcar todos os demais compromissos que temos para segui-lo – negando a nós mesmos, negando a este mundo, negando os prazeres da carne, a ostentação dos olhos (1Jo.2:16), para participarmos dessa grande Ceia.

Assim sendo, o *convite* de Deus é:

“Aquele que vem a mim eu de modo nenhum lançarei fora, mas o ressuscitarei no último dia, para a ressurreição da vida eterna. Lá ele comerá da árvore da vida e beberá da fonte de água viva, que jorra para a vida eterna. Ali Deus enxugará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, porque as primeiras coisas já serão passadas. Quem quiser me seguir para este lugar, negue a si mesmo, renuncie a esta vida terrena, tome a sua cruz e siga-me”

É lógico que nem todos aceitarão este convite. Muitos crerão que vale mais a pena ganharem esta vida e perderem a próxima, do que perderem esta vida para ganharem a próxima. Outros tentarão inutilmente conciliar ambas as coisas, tentando ganhar ambas as vidas, almejando entrar pela porta estreita seguindo o caminho largo. Inutilmente.

É interessante notar que as pessoas fazem loucuras para conseguirem aquilo que elas desejam nesta terra. Gosto de assistir o programa *O Aprendiz*, e me admiro quando vejo tantas pessoas dando o máximo ali dentro, vivendo para aquele fim, chorando amargamente quando são demitidas, como se a vida tivesse acabado ali.

Se isso ocorre com um simples *Reality Show* que serve para conquistar durante alguns anos aqui na terra um emprego de alto nível, quanto mais as pessoas deveriam dar o máximo delas para algo que importa *para todo o sempre*, para algo do qual depende toda uma eternidade com Deus, para um Juízo sem volta, para um veredicto final, para o julgamento das nossas vidas, quando nos veremos face a face com Ele e quando toda a nossa vida passará diante dos nossos olhos.

Mas, ironicamente, as pessoas dão muito valor e se esforçam muito pelo pouco, e não se esforçam quase nada por aquilo que há de maior importância, quando aquilo que está em jogo não são alguns anos, é a *eternidade*, e não é uma sala de reunião com Justus, mas o julgamento final com Deus.

Cristo Ihe está fazendo um convite hoje, entre aceitar a vida eterna com a única condição de negar a esta presente vida, ou rejeitar o convite e perder essa vida eterna. Ele não vai *forçar* a conversão de ninguém, nem ameaçar com um tormento eterno aqueles que não quiserem segui-lo. Ele simplesmente deseja que as pessoas correspondam com ele em amor. Assim foi que Deus planejou desde o princípio. É uma questão de escolha, de atitude, de um amor não forçado ou imposto, mas livre. É entre aceitar ou rejeitar a vida eterna. Ou, para ser mais prático, é entre viver essa vida com algum sentido objetivo, ou desperdiçá-la vivendo sem sentido algum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: ‘Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou’. Aquele que estava assentado no trono disse: ‘Estou fazendo novas todas as coisas!’ E acrescentou: ‘Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança’. Disse-me ainda: ‘Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida. O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho’” (Apocalipse 21:1-7)

É com uma mescla de tristeza e esperança que eu escrevo este livro. Tristeza pelos rumos da comunidade evangélica de uma forma geral, da qual também participo, que cada vez mais está se tornando adepta das heresias neopentecostais, que confunde bagunça com avivamento, pensamento positivo com fé, prosperidade com vitória, dinheiro com Jesus. Uma igreja que desassocia crer de sofrer, que não sabe a diferença entre o caminho largo e o estreito, que não conhece o evangelho da cruz, que ainda não passou pelo batismo no sofrimento. Uma igreja terrena e antropocêntrica, que se parece exatamente com a multidão de judeus da época de Jesus:

“A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará. Deus, o Pai, nele colocou o seu selo de aprovação” (João 6:26-27)

Aquela multidão procurava seguir Jesus, mas só porque ele havia multiplicado os pães e saciado a fome deles. Ou seja: seguiam Jesus por aquilo que ele tinha *materialmente* a oferecer. Eram materialistas, interesseiros e egoístas. Se Buda ou Maomé tivessem multiplicado os pães, eles os seguiriam também.

Cristo, porém, não deseja que nós trabalhemos pensando naquilo que é terreno, mas mantendo o foco na vida eterna. É exatamente por terem perdido o foco da nossa verdadeira pátria que surgiram tantas heresias, como a da prosperidade, da confissão positiva, da crença de que crente não pode sofrer nem pode ficar doente, dentre tantos outros ensinamentos tão claramente contrários às Escrituras. Eles passaram a olhar muito para a terra e pouco para o Céu. Começaram a amar esta vida, a desejar esta terra, a cobiçar o mundo e tudo o que nele há. Exatamente igual os não-cristãos.

Por outro lado, ainda há uma esperança. Estudando a história de Israel no tempo da Antiga Aliança e da Igreja no tempo da Nova Aliança, vemos que muitas vezes eles se desviaram do caminho e caíram em apostasia geral, mas sempre Deus levantava alguém ou alguma circunstância para recolocar Seu povo no caminho, para restaurar a fé, para concertar o que foi destruído por outros. E me orgulha ver tantos pregadores honestos, sinceros, que pregam a verdade, que denunciam o erro e que me dão esperanças de um futuro melhor.

No fim das contas, tanto uns quanto outros estão apenas pregando o evangelho. Uns estão pregando o *seu* próprio evangelho, o da prosperidade. Outros estão ensinando o evangelho da cruz de Cristo, onde importa morrer para si mesmo para viver por Ele. Mas quem decide a quem se deve escutar é *você*. Só há heresias porque existem hereges, e só há hereges porque existem *pessoas* que creem nessas heresias. Se a Igreja se levantar de seu lugar e se despertar de seu sono, saberemos que, unidos, nem as portas do inferno poderão prevalecer contra nós.

Passaremos a mostrar ao mundo que há algo pelo qual vale a pena morrer todos os dias. Que, independentemente do tamanho da cruz, sabemos que Ele está conosco, e que Ele venceu o mundo. Mostraremos que, se Deus é por nós,

ninguém pode ser contra nós. Que nem a morte nem a vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o porvir, nem coisa alguma na criação é capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus. E que, por Ele, temos o privilégio não apenas de crer, mas também de sofrer.

Se você gostou deste livro, não deixe de compartilhá-lo e divulgá-lo onde quiser e puder. Você também poderá gostar dos meus blogs, onde escrevo frequentemente, e dos meus outros livros, todos disponíveis para download gratuito em: <lucasbanzoli.com/2017/04/0.html>.

-Meus blogs:

-LucasBanzoli.Com (www.lucasbanzoli.com)

-Compêndio que reúne todos os artigos já escritos por mim.

-Apologia Cristã (apologiacrista.com)

-Artigos de apologética cristã sobre doutrina e moral.

-Heresias Católicas (heresiascatolicas.blogspot.com)

-Artigos sobre o Catolicismo Romano.

-Ateísmo Refutado (ateismorefutado.blogspot.com)

-Provas da existência de Deus e da veracidade da Bíblia.

-O Cristianismo em Foco (ocristianismoemfoco.blogspot.com)

-Reflexões cristãs e estudos bíblicos.

-Desvendando a Lenda (desvendandoalenda.blogspot.com)

-Refutando a imortalidade da alma.

-Reflexões Políticas (reflexoes-politicas.blogspot.com)

-Análises políticas e ideológicas.

-Siga-me pelo Facebook:

<https://www.facebook.com/lucasbanzoli1>

-Siga-me no YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCIWkZNgtKfDDqITGYICPKAA/videos>